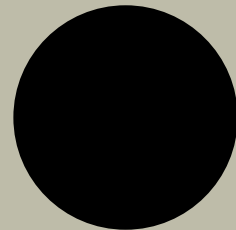


MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
Secretaria de Mudanças Climáticas e Qualidade Ambiental
Departamento de Qualidade Ambiental
Gerência de Segurança Química



Atlas de Sensibilidade Ambiental ao Óleo da Bacia Marítima do Espírito Santo

Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro de Estado do Meio Ambiente
Isabella Mônica Vieira Teixeira

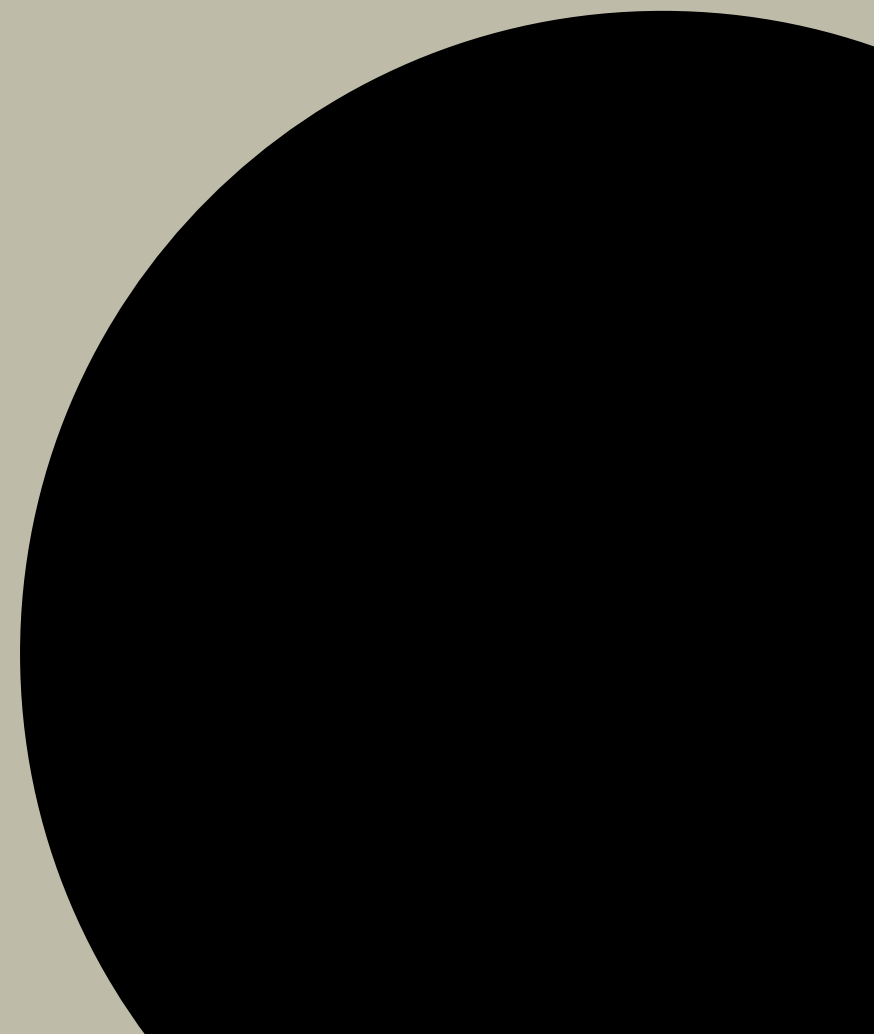
Secretária Executiva
José Machado

Secretária de Mudanças Climáticas e Qualidade Ambiental
Branca Bastos Americano

Diretora do Departamento de Qualidade Ambiental
Sérgia de Souza Oliveira

Gerente de Segurança Química
Ana Paula Pinho Rodrigues Leal

Equipe Técnica
Álvaro Roberto Tavares
Letícia Reis de Carvalho



Coordenação Geral
Douglas Francisco Marcolino Gherardi (INPE)

Coordenação Operacional
Alexandre Pereira Cabral (Fugro Brasil)

Coordenador Regional
Jacqueline Albino (UFES)

Projeto gráfico e diagramação
Marcos Diniz

Impressão
Arteg Bureau de Artes, Gráfica e Editora

Ministério do Meio Ambiente
Secretaria de Mudanças Climáticas e Qualidade Ambiental
Departamento de Qualidade Ambiental
Gerência de Segurança Química
Esplanada dos Ministérios, Bloco B, 8º andar, sala 833
CEP 70068-900
Brasília, DF
Tel. (61) 3317.1160 / 3317.1161
Fax (61) 3317.1760
www.mmc.gov.br/sigercom

Catálogo na Fonte
Instituto do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

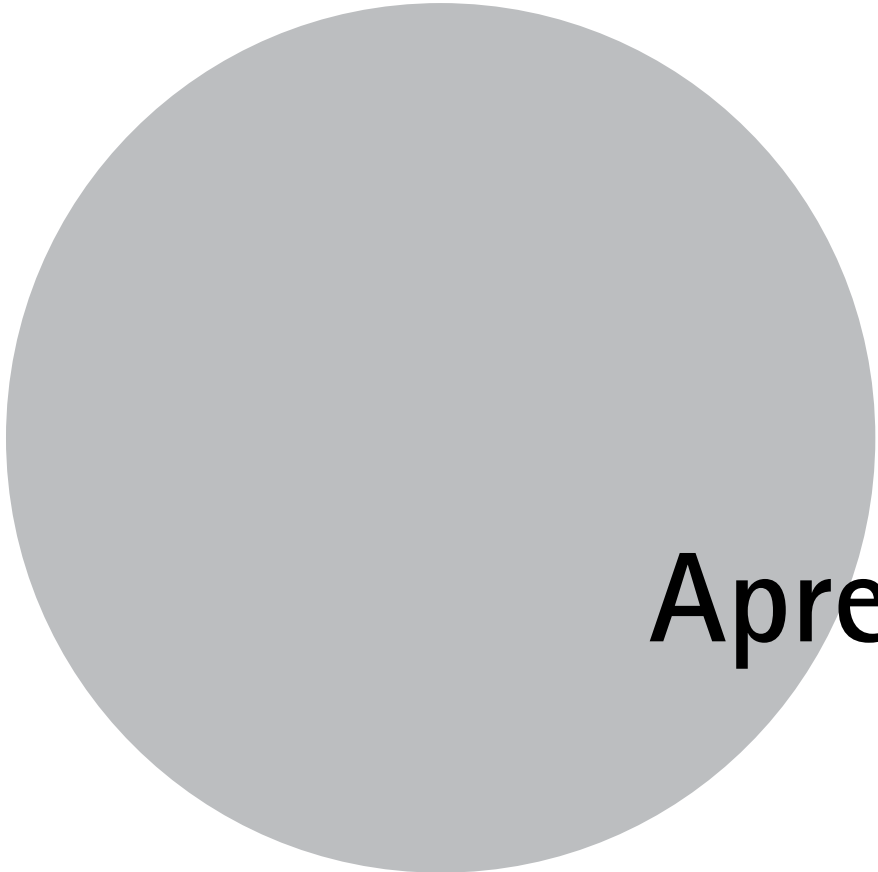
A881 Atlas de Sensibilidade Ambiental ao Óleo da Bacia Marítima do Espírito Santo / Douglas F.M. Gherardi, Alexandre P. Cabral – Coordenadores – Brasília: MMA, SMCQ, 2010.

80 p. , il. color.

Bibliografia
ISBN 978-85-7738-136-4

1. Impacto ambiental. 2. Derramamento de óleo. 3. Óleo, poluição. I. Gherardi, Douglas F.M.; Cabral, Alexandre P. II. Ministério do Meio Ambiente. III. Secretaria de Mudanças Climáticas e Qualidade Ambiental. IV. Título.

CDU (1.ed.) 628.19(084.4)



Apresentação

A flexibilização do monopólio para exploração de petróleo e gás natural, aliada à criação da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), em 1997, impulsionou sobremaneira as atividades de exploração e produção na plataforma continental brasileira. Isso aumentou significativamente o risco de acidentes ambientais provocados pelos derramamentos de óleo, os quais afetam outras atividades e usos no mar e em terra e demandam a tomada de decisões imediatas sobre prioridades de proteção.

Ações de resposta a acidentes dessa natureza, envolvem a proteção de diversos interesses: ambientais (presença de espécies raras, em extinção ou a importância ecológica de determinados habitats); sociais (áreas ocupadas por comunidades tradicionais e de pescadores, onde ainda vigoram arranjos produtivos locais e saberes tradicionais); econômicos (áreas de pesca, de aquicultura ou de captação de água); recreacionais (áreas de turismo ou de pesca esportiva), entre outros usos do espelho d'água e do solo.

Com a aprovação da Lei no 9.966 em 2000, foi atribuído ao órgão ambiental de meio ambiente a responsabilidade de identificar, localizar e definir limites das áreas ecologicamente sensíveis à poluição por óleo e outras substâncias nocivas ou perigosas em águas sob jurisdição nacional.

Neste contexto, as Cartas de Sensibilidade Ambiental ao Óleo – Cartas SAO subsidiam o planejamento de contingência nas escalas nacional, regional e local, desde o Plano Nacional de Contingência (PNC), passando pelos Planos de Área e alcançando os Planos de Emergência Individuais de empreendimentos situados nas bacias petrolíferas mapeadas. As cartas devem atender a todos os níveis: desde grandes vazamentos em áreas oceânicas remotas (escala estratégica), derrames de porte médio (escala tática/regional) e incidentes de magnitude local (escala operacional), onde se incluem, por exemplo, lançamentos crônicos em portos e terminais portuários.

O mapeamento das bacias marítimas brasileiras teve como marco a publicação das Especificações e Normas Técnicas para Elaboração de Cartas de Sensibilidade Ambiental para Derramamentos de Óleo, em 2002, seguida da elaboração do Atlas das Bacias Ceará e Potiguar, em 2004, e do Atlas da Bacia de Santos, em 2007. Desde então, o Ministério do Meio Ambiente vem concentrando esforços na cobertura das demais bacias.

Da mesma forma, considerando as descobertas na província do Pré-Sal, com alteração significativa do paradigma exploratório do País, e a modificação dos objetivos setoriais estratégicos, com reflexos na própria política nacional de produção de petróleo e gás, as Cartas SAO, além de orientarem a tomada de decisão quanto à proteção dos ecossistemas costeiros marinhos e à salvaguarda da vida humana em resposta a derrames de óleo, constituem relevante base de informações oficiais para o planejamento e o controle da atividade, subsidiando o licenciamento ambiental do setor.



Sumário

1

INTRODUÇÃO
página 7

2

OBJETIVOS
página 9

3

METODOLOGIA
página 11

3.1.
A sensibilidade
da costa
página 12

3.2.
Recursos
biológicos
sensíveis ao óleo
página 13

3.3.
Recursos
socioeconômicos
página 13

4

CARACTERIZAÇÃO DOS
AMBIENTES SENSÍVEIS AO ÓLEO
página 17

4.1.
Clima, circulação superficial e
evolução sedimentar
página 17

4.2.
Principais substratos e
ecossistemas
página 18

4.3.
Recursos biológicos
página 27

4.4.
Recursos socioeconômicos
página 29

5

ÍNDICES DE
SENSIBILIDADE
DO LITORAL AO
DERRAMAMENTO
DE ÓLEO
página 33

6

CARTAS DE
SENSIBILIDADE
AMBIENTAL AO
DERRAMAMENTO
DE ÓLEO
página 45

6.1.
Carta estratégica
página 45

6.2.
Cartas táticas
página 48

6.3.
Cartas
operacionais
página 52

7

TABELAS DE
RECURSOS
página 61

7.1.
Recursos
socioeconômicos
página 62

7.2.
Recursos
biológicos
página 64

8

REFERÊNCIAS
BIBLIOGRÁFICAS
página 77



1

Introdução

Os E.U.A. e a Inglaterra adotam, desde a década de 70, planos de contingência, avaliação de risco e de vigilância marinha no combate à poluição por petróleo. Inicialmente, esses planos eram baseados apenas em observações, coletas de dados *in situ*, e experimentos laboratoriais. Em 1976, foi criado um índice de sensibilidade ao impacto por óleo, através do qual os diferentes ecossistemas costeiros foram mapeados e hierarquizados em uma escala de sensibilidade relativa (Michel *et al.* 1978, NOAA, 1997; Michel, 1998). A partir da década de 90, o uso de imagens obtidas por sensores orbitais, aerotransportados e de sistemas de informações geográficas (SIG) permitiu a padronização e operacionalização da geração de mapas de sensibilidade ambiental dos ambientes costeiros à poluição por óleo (Jensen *et al.*, 1990; Jensen *et al.*, 1993; El-Raey *et al.*, 1996; IPIECA, 1996, Carvalho, 2003, Carmona *et al.*, 2006, Gherardi *et al.*, 2008, MMA, 2008). As principais vantagens dessas ferramentas são:

- 1) a extração de informações sobre a morfologia costeira e a identificação dos ecossistemas costeiros a partir da análise visual e/ou digital de imagens de sensoriamento remoto. Esse aspecto é fundamental quando se trata de áreas com fisiografia complexa;
- 2) o armazenamento e organização dos dados em um banco de dados geográficos (BDG), que permita a rápida identificação, recuperação e atualização dos dados; e
- 3) a integração das imagens com dados coletados *in situ* para a geração de mapas e simulações de cenários através de ferramentas de análise espacial.

De acordo com a tendência mundial, a responsabilidade de elaboração de cartas de sensibilidade é dos órgãos governamentais. Tal requerimento está totalmente inserido nos instrumentos que o Brasil dispõe para a gestão da sua zona costeira e marinha, destacando os procedimentos legais para definição de usos e ocupação da região, por meio do zoneamento. No Brasil, a Lei Nº 9.966, de 28 de abril de 2000 (“Lei do Óleo”) atribuiu ao MMA a responsabilidade na identificação, localização e definição dos limites das áreas ecologicamente sensíveis com relação à poluição causada por lançamento de óleo e outras substâncias nocivas ou perigosas em águas sob jurisdição nacional. As áreas ecologicamente sensíveis, por sua vez, são descritas no inciso IV do Art. 2º da referida Lei como “regiões de águas marítimas ou interiores, definidas por ato do Poder Público, onde a prevenção, o controle da poluição e a manutenção do equilíbrio ecológico exigem medidas especiais para a proteção e preservação do meio ambiente”. Cabe, portanto, ao MMA a responsabilidade pela identificação e o aporte de diretrizes para o mapeamento dessas áreas, de forma a subsidiar a gestão e o controle das áreas costeiras e marinhas sensíveis a derramamentos de óleo, assim como a consolidação de planos de emergência e de contingência, e a implementação de resposta a esses incidentes.

A partir daí, a então Secretaria de Qualidade Ambiental (SQA/MMA) preparou as Especificações e Normas Técnicas para a Elaboração de Cartas de Sensibilidade Ambiental para Derramamentos de Óleo na zona costeira e marinha, em conjunto com o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA),

responsável direto pelo controle ambiental e pelo licenciamento das atividades da indústria do petróleo, e a Agência Nacional do Petróleo (ANP), órgão regulador do setor petrolífero. Para preparação destas especificações foram consultadas as normas internacionais editadas pela Organização Marítima Internacional (IMO) e pela “National Oceanic and Atmospheric Administration” (NOAA), dos Estados Unidos. Foram consideradas também as experiências do Centro de Pesquisa e Desenvolvimento (CENPES) da PETROBRAS, consolidadas no “Manual Básico para Elaboração de Cartas de Sensibilidade no Sistema PETROBRAS”. No decorrer do processo de adaptação da metodologia aos habitats e feições costeiras brasileiras, foram ouvidos a Marinha do Brasil (Autoridade Marítima), a comunidade científica e representantes da indústria do petróleo. Esse processo culminou com a validação das Especificações e Normas Técnicas para a Elaboração das Cartas SAO em um workshop ocorrido no Rio de Janeiro, em dezembro de 2001, nas dependências do Instituto Brasileiro de Petróleo e Gás (IBP), com a presença de representantes do MMA, IBAMA, ANP, Marinha do Brasil, órgãos estaduais de meio ambiente, setor petrolífero e ONGs.

Em março de 2002, as especificações foram submetidas à apreciação da Comissão Nacional de Cartografia (CONCAR), de acordo com a legislação em vigor, a fim de que as cartas SAO pudessem ser consideradas documentos cartográficos oficiais brasileiros, de uso obrigatório no planejamento de contingência, na avaliação geral de danos e na implementação de ações de resposta a incidentes de poluição por óleo na zona costeira e nas áreas marítimas sob jurisdição nacional. Isto resultou, em 2002, na preparação de um Plano Cartográfico para o Mapeamento de Sensibilidade Ambiental ao Óleo da zona costeira e marinha, tomando como unidade cartográfica as bacias marítimas.

Em 2003 iniciou-se a confecção das primeiras cartas SAO, contendo os Índices de Sensibilidade do Litoral (ISL) para as bacias contíguas do Ceará e Potiguar. Para tanto, foram confeccionadas uma carta SAO estratégica, oito cartas SAO táticas e dez cartas SAO operacionais. A experiência internacional demonstra que, além do seu uso no planejamento de contingência e na implementação de ações de resposta a derramamentos de óleo, as cartas SAO podem ser utilizadas no planejamento ambiental da zona costeira e marinha. Isso é possível devido à organização de dados referentes aos principais ambientes costeiros e às atividades humanas em uma base digital chamada de Banco de Dados Geográficos (BDG). A tecnologia incorporada no BDG permite a consulta e a atualização das informações espaciais e não-espaciais com agilidade, além da geração de produtos cartográficos para fins específicos e de produtos para a internet.

As cartas SAO auxiliam na redução e na mitigação dos impactos ambientais causados por vazamentos de óleo e orientam os esforços de contenção, limpeza e remoção do óleo, por meio da identificação da sensibilidade dos ecossistemas costeiros e marinhos, de seus recursos biológicos e das atividades socioeconômicas que caracterizam a ocupação dos espaços e do uso dos recursos costeiros e marinhos nas áreas representadas.

A seguir serão apresentadas as informações referentes ao mapeamento do ISL para a Bacia Marítima do Espírito Santo (BMES) (Figura 1), limitado a norte pelo município de Nova Viçosa, na Bahia, e ao sul pelo município de São Francisco de Itabapoana, no Rio de Janeiro.

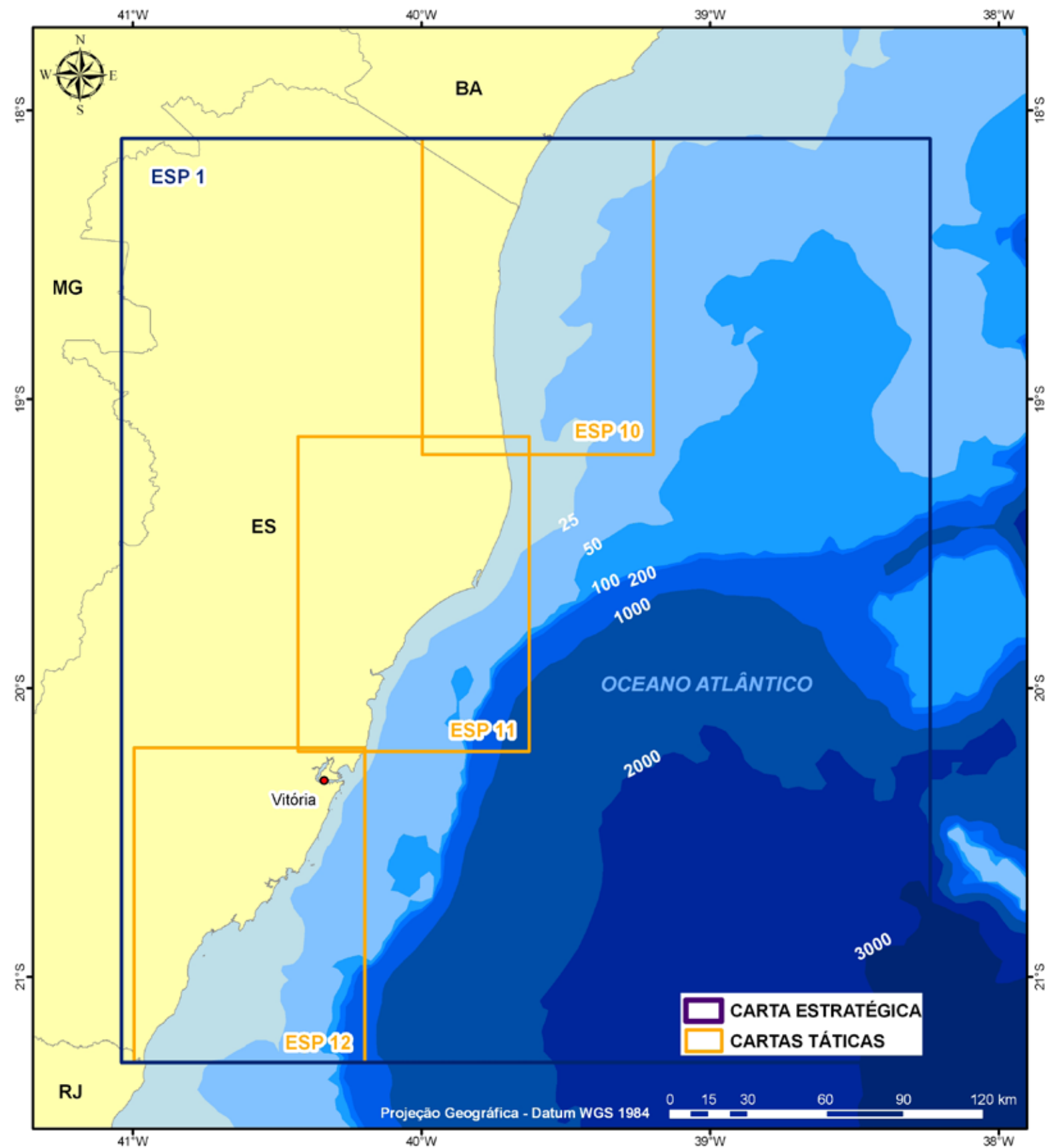


FIGURA 1 – Articulação das Cartas SAO da Bacia Marítima do Espírito Santo (profundidade em metros)

2

Objetivos

O objetivo geral das cartas SAO é fornecer, de maneira rápida e objetiva, as informações preliminares para o planejamento de contingência e das ações de resposta a incidentes de poluição por óleo. Isto é feito com base na identificação da sensibilidade dos ecossistemas costeiros e marinhos, de seus recursos biológicos e das atividades socioeconômicas que caracterizam o uso e a ocupação das áreas representadas. O planejamento dessas ações auxilia na redução e na mitigação dos impactos ambientais causados por vazamentos de óleo e permite o correto direcionamento dos recursos disponíveis e a mobilização adequada das equipes de contenção e limpeza.

Para alcançar o objetivo geral, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

- 1) determinar os Índices de Sensibilidade do Litoral (ISL) seguindo as especificações e as normas técnicas para a elaboração de cartas SAO;
- 2) elaborar as cartas de Sensibilidade Ambiental ao Óleo (SAO) nos níveis estratégico; tático e operacional;
- 3) criar um banco de dados geográficos (BDG) em um sistema de informações geográficas digital com as informações necessárias à elaboração das cartas SAO; e
- 4) elaborar um Atlas de Sensibilidade Ambiental ao Óleo para a BMES.

As cartas SAO da BMES foram organizadas em um Atlas de Sensibilidade Ambiental ao Óleo que apresenta as seguintes informações:

- 1) descrição sucinta da metodologia empregada na determinação dos ISLs e na confecção das cartas;
- 2) caracterização dos ambientes costeiros e marinhos que ocorrem na Bacia do Espírito Santo com ênfase na base temática utilizada nas cartas;
- 3) descrição dos ISLs identificados na BMES e informações sobre comportamento esperado e a persistência do óleo derramado nos diferentes substratos;
- 4) as Cartas SAO em suas diferentes escalas ajustadas ao tamanho das folhas do atlas; e

- 5) as tabelas com os recursos biológicos existentes na bacia e as informações disponíveis sobre a densidade ecológica/concentração, a sazonalidade, as fases especiais do ciclo biológico e informações sobre espécies protegidas por lei, raras, ameaçadas ou em perigo de extinção.

Tendo alcançado os objetivos acima, as Cartas de Sensibilidade Ambiental para Derramamentos de Óleo poderão ser utilizadas como ferramenta nas seguintes situações:

- **PLANOS DE CONTINGÊNCIA** – na identificação de riscos, no planejamento de prioridades de proteção, na definição de estratégias de contenção e limpeza/remoção, incluindo a escolha de locais para a guarda de equipamentos de contingência e quantificação dos recursos necessários ao combate a derramamentos;
- **OPERAÇÕES DE COMBATE A DERRAMAMENTOS DE ÓLEO** – nos procedimentos emergenciais para a avaliação de acidentes e seus danos; facilitando a identificação dos locais sensíveis, rotas de acesso, áreas de sacrifício e quantificação/localização de equipamentos de resposta; e
- **PLANEJAMENTO AMBIENTAL** – na avaliação de recursos que possam estar em risco e de conflitos de uso da zona costeira. Podem também fazer parte de estudos de impacto ambiental, auxiliando na definição de locais para a instalação de empreendimentos da indústria do petróleo. Mais especificamente, servem de auxílio para os instrumentos políticos e administrativos de ordenamento territorial.



3

Metodologia

A sensibilidade da linha de costa classifica os segmentos do litoral em habitats, de acordo com suas características geomorfológicas, tipo de substrato, regime hidrodinâmico, persistência natural do óleo e condições de limpeza e remoção. Com isso é possível inferir padrões de comportamento do óleo derramado e de transporte de sedimentos. As Cartas SAO devem incluir três tipos de informações principais: sensibilidade dos ecossistemas costeiros e marinhos; recursos biológicos; e atividades socioeconômicas.

Os recursos biológicos nas cartas SAO devem representar as plantas e animais sensíveis ao óleo, com informação em nível de espécie. As informações sobre esses recursos incluem, quando disponíveis, as áreas onde ocorrem concentrações de espécies sensíveis ao óleo, como locais de alimentação, reprodução, nidificação, berçários, e áreas de trânsito/rota de migração. As informações sobre recursos biológicos são apresentadas por estágios específicos do ciclo de vida das espécies, considerando sua sazonalidade.

As cartas de sensibilidade também identificam os recursos socioeconômicos que possam sofrer impactos causados por derramamentos de óleo ou pelas ações de resposta. Esses recursos incluem: áreas de recreio e de lazer no litoral; áreas de pesca e maricultura; áreas sob gerenciamento especial (unidades de conservação); aquíferos (fontes e lençóis freáticos) e sítios históricos e culturais.

Os acidentes envolvendo o derramamento de óleo são classificados em três níveis, desde grandes vazamentos em áreas remotas (offshore), passando por derramamentos de porte médio a alguma distância das instalações da indústria (ao largo do litoral), até derramamentos localizados (em pontos específicos da costa). As cartas SAO atendem a todos os níveis de derramamentos de óleo, consolidados de acordo com um Plano Cartográfico que define as prioridades do mapeamento de sensibilidade (*Figura 2*):

- **CARTAS ESTRATÉGICAS** (de abrangência regional/bacia marítima);
- **CARTAS TÁTICAS** (de escala intermediária/recobrimdo todo o litoral da bacia);
- **CARTAS OPERACIONAIS OU DE DETALHE** (locais de alto risco/sensibilidade).

FIGURA 2 – Arranjo cartográfico para as cartas SAO, com a articulação das cartas estratégicas ao longo do litoral brasileiro. Em destaque, a Bacia Marítima do Espírito Santo (ESP1)



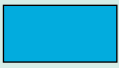
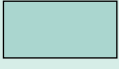
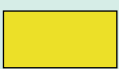
As cartas SAO constituem documentos operacionais para o planejamento de contingência e devem ser adequados para o uso em ações de resposta a incidentes envolvendo o derramamento de óleo. Por isso, não devem ser vistas como representações completas da geomorfologia costeira, dos recursos biológicos ou socioeconômicos de um segmento costeiro. As cartas SAO devem ser documentos cartográficos precisos e completos e, ao mesmo tempo, compreensíveis e de fácil uso. Para o cumprimento desses requisitos é necessário:

- apresentar informações suficientes, mantendo a clareza cartográfica;
- não segmentar desnecessariamente a representação dos ambientes naturais por causa da escala. Por exemplo, uma baía ou estuário deve ser mostrado em uma única carta, sem ser dividido entre dois ou mais documentos cartográficos;
- utilizar símbolos padronizados para a representação dos índices de sensibilidade do litoral, dos recursos biológicos e das atividades socioeconômicas que podem ser afetadas por derramamentos de óleo, para facilitar a sua compreensão por qualquer usuário;
- incluir uma escala gráfica, qualquer que seja a escala da carta SAO, mesmo que a carta venha a ser reproduzida, expandida ou reduzida em uma fotocopiadora;
- utilizar símbolos padronizados para representação dos índices de sensibilidade do litoral, dos recursos biológicos e das atividades socioeconômicas sensíveis ao óleo, de forma a permitir a sua utilização por usuários de qualquer nacionalidade;
- incluir uma legenda com o significado de todos os símbolos nela empregados para representar os índices de sensibilidade do litoral, os recursos biológicos sensíveis e as atividades socioeconômicas que podem ser afetadas por um incidente de poluição por óleo;
- incluir um mapa de localização, para mostrar a relação entre a subárea representada e a região em que se encontra;
- apresentar dimensões adequadas, em especial as de nível operacional, para serem utilizadas com facilidade no campo, a bordo de uma viatura, embarcação ou aeronave e em condições adversas de tempo;
- ser complementadas por tabelas de dados, que apresentem informações adicionais, sobre a sensibilidade do litoral ao óleo, sobre os recursos biológicos e sobre as atividades socioeconômicas, impossíveis de serem representadas de forma gráfica;
- disponibilizar as cartas SAO e as tabelas de dados que as complementam em papel e em meio digital.

3.1 A SENSIBILIDADE DA COSTA

As Cartas SAO operacionais e táticas classificam a linha de costa utilizando o índice de sensibilidade do litoral (ISL). Este índice classifica os diversos tipos de segmentos litorâneos em uma escala que varia de 1 a 10, sendo o índice tanto mais alto quanto maior a sensibilidade. A classificação da sensibilidade é baseada nos seguintes fatores: grau de exposição à energia de ondas e marés; declividade do litoral e tipo do substrato. Para a classificação da sensibilidade da costa é fundamental o entendimento das

TABELA 1 – Índices de Sensibilidade do Litoral com seus respectivos códigos de cores e tipos de substrato

COR	ÍNDICE	CÓDIGO			TIPOS DE COSTA
		R	G	B	
	ISL 1	119	38	105	– Costões rochosos lisos, de alta declividade, expostos – Falésias em rochas sedimentares, expostas – Estruturas artificiais lisas (paredões marítimos artificiais), expostas
	ISL 2	174	153	191	– Costões rochosos lisos, de declividade média a baixa, expostos – Terraços ou substratos de declividade média, expostos (terraço ou plataforma de abrasão, terraço arenítico exumado bem consolidado, etc.)
	ISL 3	0	151	212	– Praias dissipativas de areia média a fina, expostas – Faixas arenosas contíguas à praia, não vegetadas, sujeitas à ação de resacas (restingas isoladas ou múltiplas, feixes alongados de restingas tipo “long beach”) – Escarpas e taludes íngremes (formações do grupo Barreiras e Tabuleiros Litorâneos), expostos – Campos de dunas expostas
	ISL 4	146	209	241	– Praias de areia grossa – Praias intermediárias de areia fina a média, expostas – Praias de areia fina a média, abrigadas
	ISL 5	152	206	201	– Praias mistas de areia e cascalho, ou conchas e fragmentos de corais – Terraço ou plataforma de abrasão de superfície irregular ou recoberta de vegetação – Recifes areníticos em franja
	ISL 6	0	149	32	– Praias de cascalho (seixos e calhaus) – Costa de detritos calcários – Depósito de tálus – Enrocamentos (“rip-rap”, guia corrente, quebra-mar) expostos – Plataforma ou terraço exumado recoberto por concreções lateríticas (disformes e porosas)
	ISL 7	214	186	0	– Planície de maré arenosa exposta – Terraço de baixa-mar
	ISL 8	225	232	0	– Escarpa / encosta de rocha lisa, abrigada – Escarpa / encosta de rocha não lisa, abrigada – Escarpas e taludes íngremes de areia, abrigados – Enrocamentos (“rip-rap” e outras estruturas artificiais não lisas) abrigados
	ISL 9	248	163	0	– Planície de maré arenosa / lamosa abrigada e outras áreas úmidas costeiras não vegetadas – Terraço de baixa-mar lamoso abrigado – Recifes areníticos servindo de suporte para colônias de corais
	ISL 10	214	0	24	– Deltas e barras de rio vegetadas – Terraços alagadiços, banhados, brejos, margens de rios e lagoas – Brejo salobro ou de água salgada, com vegetação adaptada ao meio salobro ou salgado, apicum – Marismas – Manguezal (mangues frontais e mangues de estuários)

inter-relações entre os processos físicos, os tipos de substrato e a biota associada, assim como padrões previsíveis de comportamento do óleo, de transporte de sedimentos e impactos biológicos. O conhecimento das características geomorfológicas da costa é fundamental para a determinação do tipo e densidade das comunidades biológicas presentes na área do impacto, da permanência do óleo derramado, assim como para a definição dos procedimentos de limpeza adequados.

Com base nesses elementos, classificam-se os tipos de costa de acordo com a sua sensibilidade relativa ao derramamento de óleo, utilizando um código de cores (Tabela 1). A maioria dos habitats costeiros é representada por uma linha, podendo haver mais de um tipo de substrato em contato com a água como, por exemplo, uma praia em frente a um enrocamento. Nesse caso as cores para cada substrato são mostradas, cuja sequência deve ser a mesma em que ocorrem os substratos no ambiente. Em áreas onde a zona intermarés é larga (tais como, planícies de maré) o habitat do estirâncio (área entre a linha de preamar e a linha de baixa-mar) é mostrado com a respectiva cor da classificação de sensibilidade. A área abrangida por manguezais, marismas, e áreas úmidas são representadas por polígonos coloridos de acordo com a classificação correspondente a esses habitats.

No entanto, a geomorfologia não esgota a caracterização da sensibilidade ambiental ao óleo. É necessário considerar, ainda, os diversos usos desses ambientes, tanto pela biota terrestre e aquática, quanto pela atividade humana. Assim, a presença de recursos biológicos, em momentos diversos de seus ciclos de vida, e as atividades socioeconômicas poderão potencializar a sensibilidade de segmentos específicos do litoral.

3.2 RECURSOS BIOLÓGICOS SENSÍVEIS AO ÓLEO

O objetivo do mapeamento dos recursos biológicos é o de identificar as áreas de maior concentração de espécies, as fases de seus ciclos de vida e as espécies protegidas, para subsidiar o planejamento e resposta aos acidentes e na determinação das prioridades de proteção. A distribuição dos recursos biológicos é representada usando um ícone associado a um ponto, linha ou polígono, indicando a distribuição espacial de uma espécie ou grupo funcional. Para fins de mapeamento, os recursos biológicos são organizados de acordo com grupos funcionais identificados por uma cor própria conforme ilustrado na Figura 3.

Os ícones representativos de recursos biológicos são, com poucas exceções, de uso padronizado no mapeamento de sensibilidade ambiental ao óleo (Figura 3). Entretanto, para possibilitar a leitura e interpretação correta das informações, sem necessidade de consulta a qualquer outro documento, cada Carta SAO deverá conter uma legenda com o código de cores e o significado de todos os ícones nela representados para indicar os recursos biológicos.

3.3 RECURSOS SOCIOECONÔMICOS

As atividades socioeconômicas que caracterizam a ocupação dos espaços e o uso dos recursos costeiros e marinhos, como o turismo, a pesca, a aquicultura e o extrativismo costeiro, são frequentemente sensíveis aos impactos por derramamentos de óleo. As praias de intenso uso recreacional, marinas, áreas de proteção ambiental, sítios de mineração e sítios arqueológicos, por exemplo, são representados nas cartas de sensibilidade, sempre que localizados em áreas que possam ser afetadas por um derramamento de óleo. Os recursos socioeconômicos são agrupados da seguinte forma:

FIGURA 3 – Exemplos de ícones utilizados para representar os recursos biológicos nas cartas SAO

- GRUPO MAMÍFEROS (aquáticos e terrestres): cor marrom (RGB: 215/153/52)
Distribuição espacial: 

Mamíferos aquáticos



Grandes cetáceos: baleias



Pequenos cetáceos: golfinhos, botos



Pinípedes: focas, leões marinhos, elefantes marinhos



Pinípedes: lobos marinhos



Sirênios: peixes-bois



Mustelídeos: lontras, ariranhas, iraras



Roedores: capivara, ratão do banhado, furão, quati, guaxinim

Mamíferos terrestres

- GRUPO PEIXES: cor azul (RGB: 0/159/230)
Distribuição espacial: 

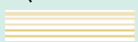
Peixes



Pelágicos: teleósteos e elasmobrânquios



Demersais: teleósteos e elasmobrânquios

- GRUPO INVERTEBRADOS (moluscos, crustáceos e equinodermos): cor amarela (RGB: 180/165/40)
Distribuição espacial: 

Invertebrados marinhos



Bivalves: ostras, mexilhões, sururus e vieiras



Gastropodes: caracóis



Cefalópodes: lulas



Cefalópodes: polvos



Crustáceos: camarões



Equinodermos: estrela-do-mar, ouriço, ofiúro



Crustáceos: caranguejos e siris



Crustáceos: lagostas

- GRUPO RÉPTEIS / Anfíbios: cor vermelha (RGB: 216/0/67)
Distribuição espacial: 

Répteis



Quelônios: tartarugas



Crocilianos: jacarés



Ofídeos: serpentes e outros répteis

Anfíbios



Anuros: sapos, rãs e pererecas

- GRUPO AVES: cor verde (RGB: 136/185/0)
Distribuição espacial: 
Aves marinhas costeiras



Atobás, fragatas, pelicanos, gaivotas, trinta-réis: nidificam em ilhas ou na costa e pescam em áreas litorâneas

Aves marinhas pelágicas



Albatroz, pomba-do-cabo, andorinha do mar, petrel: vivem em alto-mar e nidificam em ilhas oceânicas, só ocasionalmente vindo às regiões litorâneas



Pingüins

Aves aquáticas continentais



Patos, marrecos



Mergulhões, biguás



Garças, flamingos, colhereiros: pernaltas

Aves limícolas



Maçaricos, batuíra, quero-quero: são na maioria aves pernaltas praianas, marinhas ou continentais, que vivem em áreas alagadas e buscam alimentação em lamas e águas rasas, muitas são migratórias

Aves de rapina



Gavião, falcão, águia pescadora: são aves predadoras do topo da cadeia alimentar

Aves terrestres



Passeriformes: mariquita, sabiá-da-praia, João-de-Barro



Não passeriformes: pomba, beija-flor, anu, alma-degato

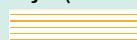
Sítios de nidificação



- GRUPO ALGAS E PLANTAS AQUÁTICAS: cor púrpura (RGB: 168/0/102)
Distribuição espacial: 



Bancos de algas e plantas aquáticas

- GRUPO RECIFES: cor laranja (RGB: 255/184/0)
Distribuição espacial: 



Recifes de coral, recifes areníticos submersos servindo de suporte para colônias de corais, recifes algálicos, outros recifes orgânicos e estruturas rochosas calcárias submersas

- GRUPO PLÂNCTON (ictio, zôo, fito): cor azul marinho (RGB: 10/155/245)
Distribuição espacial: 



Plâncton: áreas de elevada densidade planctônica e alta concentração de biomassa

- SIMBOLOGIA APLICADA A TODOS OS GRUPOS: deve-se utilizar a representação abaixo, na cor do grupo de interesse.

Áreas de reprodução



Áreas de berçários



Áreas de alimentação / sítios de pouso



- **áreas de intenso uso recreacional e locais de acesso à linha de costa** – praias de alto uso recreacional, locais de pesca esportiva, áreas de mergulho, esportes náuticos, “camping”, áreas de veraneio, empreendimentos de turismo e lazer, etc;
- **áreas sob gerenciamento especial** – unidades de conservação (unidades de proteção integral e de uso sustentável), de âmbito federal, estadual e municipal; reservas particulares do patrimônio natural; áreas não-edificantes; áreas militares;
- **locais de cultivo e extração de recursos naturais** – áreas de aquicultura, pesca artesanal ou industrial e pontos de desembarque de pescado; sítios de mineração; salinas; outras práticas extrativas; portos; complexos industriais costeiros e pontos de captação d’água;
- **sítios arqueológicos, históricos e culturais** – sítios arqueológicos ou históricos localizados na zona intermaré, tais como sambaquis, ou muito próximos à costa, em locais de passagem para a operação de limpeza; áreas tombadas; reservas indígenas; remanescentes de quilombos ou comunidades tradicionais.

Para possibilitar a leitura e a interpretação correta da carta SAO, esta deve apresentar uma legenda com o significado de todos os ícones representativos de atividades socioeconômicas nela contidos. Na *Figura 4* são apresentados alguns ícones utilizados na representação dos recursos socioeconômicos sensíveis a incidentes envolvendo o deerramamento de óleo.

As cartas SAO, de uma determinada bacia sedimentar marítima são organizadas em um Atlas de Sensibilidade Ambiental ao Óleo da bacia, composto por:

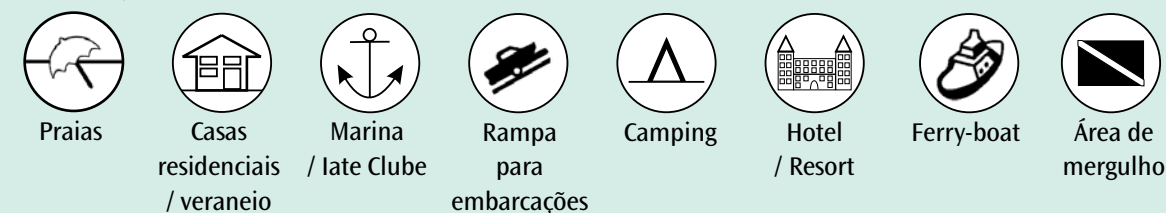
- Carta SAO estratégica da bacia marítima;
- Cartas SAO de nível tático de todo o litoral da bacia;
- Cartas SAO de nível operacional dos locais de alto risco e/ou sensibilidade existentes na bacia.

São também incluídas informações adicionais impossíveis de serem representadas na forma gráfica:

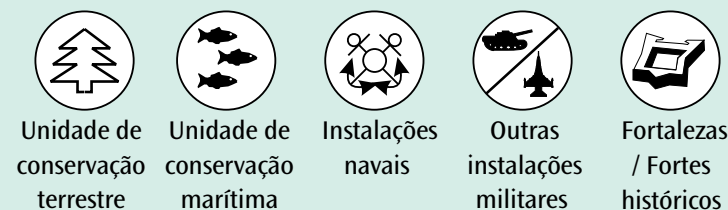
- habitats costeiros ocorrentes na bacia, com os seus respectivos ISL, descrição, fotografias ilustrativas e informações sobre o possível comportamento e persistência do óleo derramado, bem como sobre as técnicas de resposta (contenção e limpeza/remoção) recomendadas;
- recursos biológicos sensíveis ao óleo existentes na bacia, com dados sobre densidade ecológica/concentração, sazonalidade, fases especiais do ciclo biológico e informações sobre espécies protegidas por lei, raras, ameaçadas ou em perigo de extinção;
- atividades socioeconômicas com dados complementares, como os referentes ao transporte de cargas marítimas;
- dados que possam facilitar o acesso às áreas impactadas, para operações de resposta a incidentes de poluição por óleo.

FIGURA 4 – Exemplos de ícones utilizados na representação dos recursos socioeconômicos e atividades sensíveis ao derramamento de óleo, organizados por grupos de atividade e/ou uso

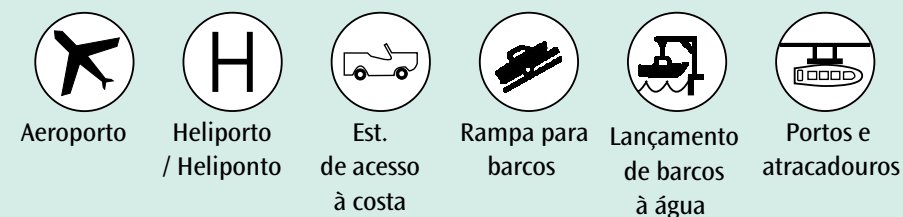
• RECREAÇÃO



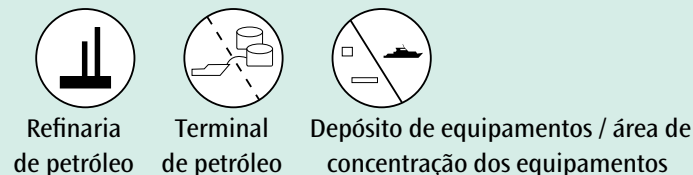
• ÁREAS SOB GESTÃO ESPECIAL



• TRANSPORTE



• RESPOSTA



• USO / EXTRAÇÃO DE RECURSOS NATURAIS



• CULTURAL





4

Caracterização dos ambientes sensíveis ao óleo

4.1 CLIMA, CIRCULAÇÃO SUPERFICIAL E EVOLUÇÃO SEDIMENTAR

A Bacia Marítima do Espírito Santo se estende desde o norte do Rio de Janeiro até o sul do Estado da Bahia. O clima e a circulação oceânica regional controlam a energia disponível à dinâmica costeira, sendo a geomorfologia, a compartimentação da costa e a tipologia das praias resultados de um processo de ajustamento. O padrão meteoceanográfico observado na região é determinado pela ação conjunta do vento, da ação das ondas, das correntes de maré, do transporte litorâneo e da Corrente do Brasil (CB). O Sistema Anticiclônico do Atlântico Sul determina o regime de ventos na região, sendo predominantes os de NE e E (Nimer, 1989). Estes, por sua vez, influenciam toda a hidrodinâmica costeira local controlando tanto a direção quanto a intensidade das ondas, oriundas mais frequentemente de NE (Muehe e Valentini, 1998), e correntes, dirigidas na maior parte do ano para S-SW. Os ventos de NE, ditos de “tempo bom”, se intensificam antes da passagem de frentes frias, mas não geram, necessariamente, ondas altas, estando associados a alturas significativas de 1 a 2 m.

A entrada de sistemas frontais na região está associada à passagem do Anticiclone Polar Móvel e traz consigo ventos do quadrante Sul de maior intensidade (Nimer, 1989). Estes influenciam diretamente na magnitude e direção das correntes costeiras, sendo possível em algumas ocasiões, observar a reversão completa da direção das correntes superficiais para o quadrante Norte. Devido a maior frequência da passagem de frentes no inverno, as alturas de onda neste período ficam em torno de 2,5 m com direção de propagação SW-NE durante o período de influência do fenômeno. No entanto, mesmo antes da chegada de frentes frias, ondas de SW já foram registradas na forma de marulhos (Pinho, 2003). A incidência oblíqua das ondas na costa é responsável por determinar a direção da deriva litorânea. Sendo assim, ela segue o mesmo padrão das frentes de ondas. Já a presença de concreções lateríticas em determinados pontos da costa do Espírito Santo faz com que essa circulação não apresente um padrão típico (Albino, 1999). As correntes de maré sobre a plataforma continental são relativamente fracas, mas podem intensificar ou reduzir a magnitude da corrente predominante. No entanto, na região mais rasa na área norte da BMES (sobre a parte sul do Banco de Abrolhos) a amplitude da maré pode ser aumentada significativamente, resultando em correntes de maré relativamente fortes.

Diferentemente da região costeira, na plataforma externa e região *offshore* observa-se um claro domínio da circulação superficial (de 400 a 700 m de profundidade) pela Corrente do Brasil com direção de propagação para sul/sudoeste durante todo o ano. Luedemann (1975) sugeriu a existência de dois ramos da CB fluindo para sul após atravessar os canais dos bancos de Abrolhos, sendo um deles sobre a quebra de plataforma, entre 18° 30'S e 21° 30'S, com velocidade da ordem de 0,5 m.s⁻¹. Silveira *et al.* (2005) observaram que nas imediações da Cadeia Vitória Trindade, em torno de 20°S, a CB divide-se em três ramos ao escoar através dos montes submarinos, se reorganizando em um único ramo em 21°S. Lorenzetti *et al.* (2009) identificaram a presença da Frente Interna da Corrente do Brasil (FICB) como uma região de marcado gradiente térmico que se estende desde os 20°S até os 24°S, como resultado da ressurgência costeira da Água Central do Atlântico Sul (ACAS). No

verão a FICB se aproxima da costa em torno dos 20°S, enquanto no inverno ela está localizada, predominantemente, além da isóbata dos 1000 m.

A origem da Bacia Marítima do Espírito Santo está associada aos processos tectônicos de abertura do Oceano Atlântico e, como toda bacia marginal, a bacia do Espírito Santo apresenta três fases evolutivas distintas: rifte, transicional e de margem passiva (Vieira *et al.*, 1994). A fisiografia da margem continental adjacente ao estado do Espírito Santo é resultado dos condicionantes tectônicos que embasaram a evolução desta margem, estando inseridas dentro da evolução geológica de toda a margem brasileira. Por outro lado, as feições morfo-sedimentares observadas ao longo da plataforma continental e linha de costa do estado sofreram influência das variações relativas do nível do mar durante o Quaternário, do lineamento e recortes estruturais da linha de costa e das propriedades dos sedimentos e da distribuição espacial das unidades pré-cambrianas e terciárias. Há três compartimentos fisiográficos adjacentes à Bacia Marítima do Espírito Santo:

- 1) **Bahia Sul/Espírito Santo** – estende de Belmonte (BA) a Regência (ES), sua fisiografia da plataforma neste compartimento está associada à porção sul do Banco dos Abrolhos. Neste trecho, a plataforma apresenta largura média de 230 km (França, 1979) e em sua porção sul apresenta um estreitamento, onde a plataforma interna é caracterizada por uma declividade suave, com contribuição de sedimentos terrígenos oriundos do rio Doce e depositados sobre concreções biogênicas e uma planície costeira quaternária bem desenvolvida.
- 2) **Regência (ES) a Anchieta (ES)** – é caracterizado pelo estreitamento da plataforma, com largura média de 50 km, sempre com a tendência de alargamento em direção ao sul. A plataforma externa passa a ser dominada por incisões que formam paleovales (Paleocanal de Vitória e de Guarapari-Itapemirim, Zemruski *et al.*, 1979; França, 1979; Cetto, 2009) e ravinas que se estendem desde Regência até Guarapari. Estas ravinas foram denominadas de Ravinas de Regência por França (1979) e de Grupo de Paleocanais do Norte por Cetto (2009). A morfologia da plataforma interna é caracterizada por uma maior irregularidade do fundo associada à presença de terraços de abrasão submersos e concreções lateríticas que servem de substrato para o crescimento de algas calcárias. Esta morfologia está diretamente associada às características geomorfológicas e aos compartimentos costeiros. Neste setor as planícies costeiras são rarefeitas e substituídas por praias estreitas delimitadas por falésias da Formação Barreiras e/ou promontórios rochosos.
- 3) **Anchieta (ES) à foz do Rio Itabapoana (RJ)** – a morfologia da plataforma interna é tipicamente irregular, sendo que os vales incisos não preenchidos desaparecem da fisiografia externa da plataforma. O litoral correspondente a este compartimento é também caracterizado pelo pouco desenvolvimento das planícies costeiras, restritas às desembocaduras fluviais, e à presença de praias delimitadas por falésias da Formação Barreiras.

A faciologia de fundo da BMES é caracterizada pelo predomínio de sedimentos carbonáticos, incluindo areias e cascalhos bioclásticos, bancos de algas calcárias, briozoários e rodolitos. Localmente, onde existe aporte de sedimento terrígeno, ocorrem depósitos de areias ou lamas terrígenas litoclásticas, sendo possível ainda a ocorrência de areias relíquias e/ou palimpséticas na plataforma interna (Kowsmann e Costa, 1979; Albino, 1999). De maneira geral, a distribuição de sedimentos pode ser descrita por uma variação ao longo das isóbatas, ou seja, a composição do sedimento tende a mudar perpendicularmente à costa, exceção feita a regiões com aporte sedimentar mais intenso, como a foz do rio Doce. Em escala regional, os mapas faciográficos descrevem o fundo marinho como sendo predominantemente composto por areia ou cascalho bioclástico, sendo que na região adjacente à foz do rio Doce ocorre um grande depósito de lamas terrígenas. Sedimentos arenosos siliciclásticos ou terrígenos tendem a ocorrer mais próximo da costa, passando para uma zona de transição representada por areias

litobioclásticas que constituem uma transição entre as areias litoclásticas representativas dos depósitos deltaicos relíquias e as areias essencialmente carbonáticas formadas por fragmentos algas calcárias.

A evolução das planícies costeiras quaternárias e dos estuários na costa leste do Brasil está relacionada às variações eustáticas ocorridas no período. A deposição da Formação Barreiras ocorreu durante o Plioceno/Mioceno (17 a 2 milhões de anos A.P.), quando o clima era mais seco e o nível do mar mais baixo que o atual. Durante a penúltima transgressão marinha, há 120 mil anos A.P., os depósitos da Formação Barreiras dão origem às falésias e as desembocaduras fluviais são afogadas, formando os sistemas estuarinos. Durante o evento regressivo subsequente à transgressão anterior são construídos os terraços marinhos pleistocênicos (Dominguez *et al.*, 1981). Há aproximadamente 5 mil anos atrás, a última transgressão erodiu e afogou as planícies costeiras e afogou as desembocaduras fluviais. No mesmo período, foram escavados alguns vales na Formação Barreiras, dando origem a ilhas barreiras, proporcionou a sedimentação lagunar na planície do rio Doce no norte do Estado, e foram formados e/ou reativados os numerosos sistemas estuarinos atuais ao longo da costa do ES. A descida de nível relativo do mar, que seguiu ao máximo transgressivo de 5.100 anos A.P., traduziu-se na formação de terraços marinhos, progradação da linha de costa e início do preenchimento dos estuários, além do desenvolvimento de extensas áreas de manguezal. Contudo ao longo do litoral associado à Bacia do Espírito Santo, os diferentes compartimentos da plataforma continental interna e a presença de afloramentos rochosos e aportes fluviais geram diferenças morfodinâmicas, com reflexos no grau de desenvolvimento das planícies costeiras.

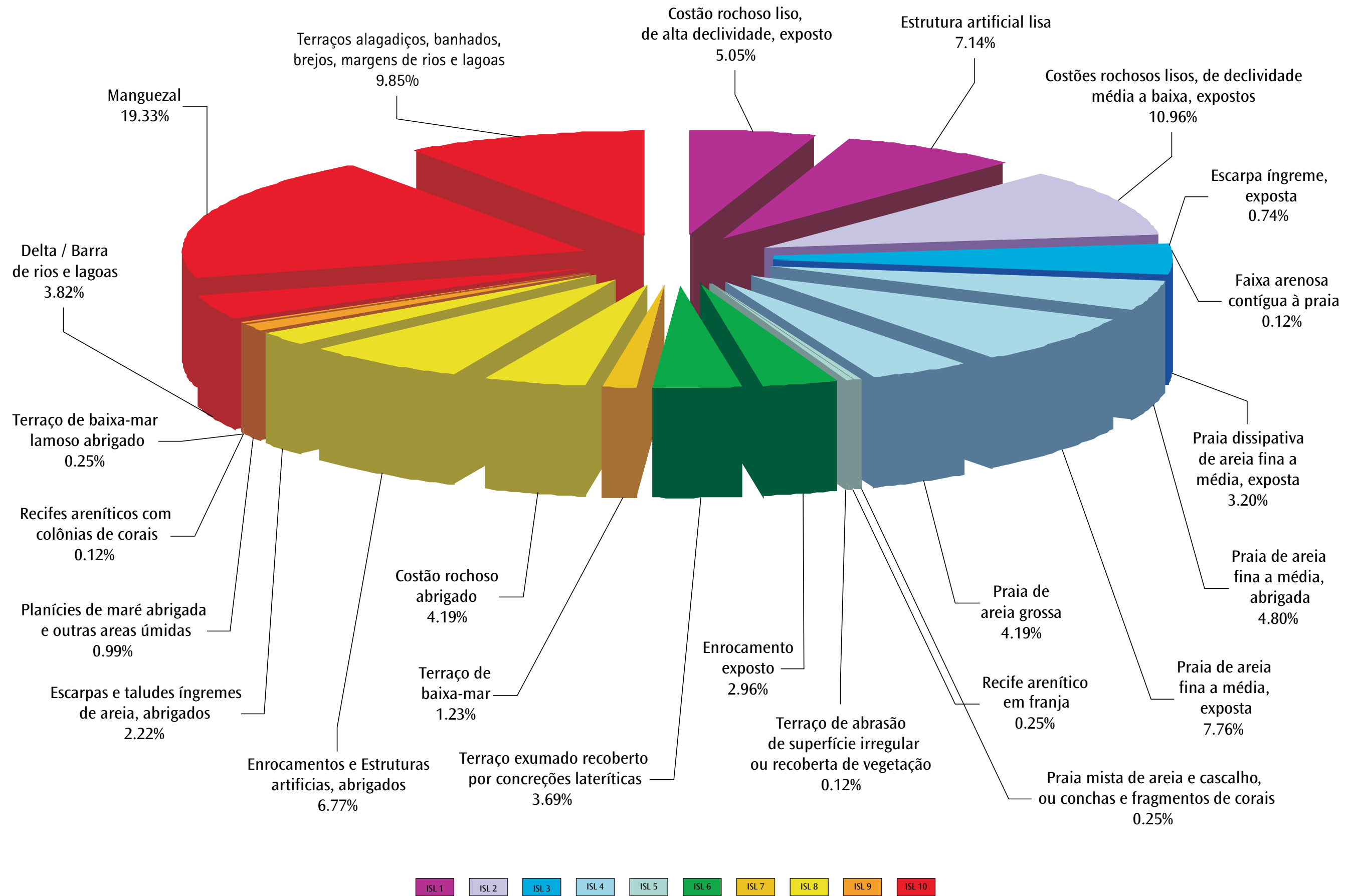
4.2 PRINCIPAIS SUBSTRATOS E ECOSISTEMAS

O litoral da BMES apresenta diversidade de paisagens costeiras, com distintos ecossistemas e com riqueza de recursos biológicos. No litoral centro sul há ocorrência de costões rochosos, o que possibilita a ocorrência de muitas espécies associadas. A porção centro-norte caracteriza-se pela ocorrência de couraças lateríticas constituindo locais de aprisionamento de organismos, como poças de marés que propiciam *hábitats* para muitos invertebrados, peixes e algas. Além disso, ao longo de todo o litoral, encontram-se rios, ilhas e manguezais altamente sensíveis ao derramamento de óleo. As praias, em geral, possuem uma baixa diversidade biológica, entretanto, na região de restinga ocorrem muitas espécies endêmicas. As regiões costeiras mais abrigadas tendem a reter mais o petróleo que as áreas expostas, onde a limpeza natural e a dispersão são mais rápidas devido à energia hidrodinâmica (Michel *et al.* 1978, NOAA, 1997; Michel, 1998; Pereira e Soares, 2002). Portanto, os ecossistemas costeiros apresentam maior grau de vulnerabilidade aos impactos provocados por um derrame de petróleo quando comparados com áreas abertas do oceano (CETESB, 2002). De maneira geral, o litoral da BMES pode ser classificado em quatro fisiografias naturais:

- 1) litoral dos costões rochosos – extremamente recortado com praias e planícies de diferentes extensões,
- 2) litoral de baías, estuários e manguezais,
- 3) litoral de falésias e praias precedidas por terraços de abrasão marinha sedimentar, e
- 4) litoral de planícies fluvio-costeiras, associado às desembocaduras fluviais.

Em termos da representatividade espacial (Figura 5), os substratos de sensibilidade máxima como manguezais e barras de rios (ISL 10) constituem 33% do litoral da BMES, seguido dos substratos impermeáveis de baixa sensibilidade (ISL 1 e 2) com um percentual de ocorrência na BMES de 23,15%. Os substratos de sen-

FIGURA 5 – Frequência de ocorrência das feições costeiras da bacia do Espírito Santo



sibilidade intermediária (ISL 3 a 5) como praias de areia média a grossa perfazem 21,43% do litoral e os substratos de alta sensibilidade (ISL 7 a 9) encontrados em ambientes de baixa energia hidrodinâmica como terraços de baixa-mar e enrocamentos abrigados constituem 15,77% do litoral e apresentam uma distribuição espacial mais fragmentada. Outros substratos que também possuem uma distribuição espacial mais fragmentada são os terraços cobertos por concreções lateríticas e os enrocamentos expostos (ISL 6) que contribuem com 6,65% do litoral da BMES.

4.2.1 Litoral dos afloramentos rochosos

Segundo Martin *et al.* (1996) os afloramentos do cristalino entram em contato direto com os depósitos marinhos na porção central da bacia do ES, entre os municípios de Vitória e Itapemirim, litoral centro-sul do estado. Os promontórios e afloramentos são responsáveis pelo litoral recortado (Figura 6), com inúmeras ilhas e costões lisos, fragmentados e praias e embaixamentos expostos e abrigados das ações diretas das ondas.

> Figura 6. Aspecto típico de afloramento do cristalino no litoral centro-sul do ES formando um costão liso de alta declividade



Nas ilhas e promontórios os substratos são lisos e fragmentados, a presença de matacões e de terraços constituem armadilhas para a retenção de óleo (Figura 7). A diversidade e riqueza do ecossistema marinho associado a esses afloramentos contribuem para que sejam procurados para a prática de mergulho autônomo e livre. As diferenças entre as comunidades de espécies dependem do tipo e inclinação de substrato e do grau de exposição às ondas. Costões extensos planos sustentam, tipicamente, assembléias de algas, incluindo tufos mistos e bancos de algas pardas gigantes e algas coralinas incrustantes. Destaque para *Caulerpa racemosa* (CHLOROPHYTA), *Codium spongiosum* (CHLOROPHYTA), *Padina gymnospora* (PHAEOPHYTA), *Sargassum stenophyllum* e *S. vulgare* (PHAEOPHYTA), e *Corallina officinalis* (RHODOPHYTA). Ouriços, mexilhões, esponjas e corais também são abundantes nesses substratos, com destaque para os moluscos *Ischinochiton* sp., *Littorina zic-zac*, *Mitrella* sp., *Tegula viridula* e *Tricolia affinis*, os ouriços *Echinometra lacunata* (preto), *Lytechinus variegatus* (rosa) e os corais *Favia gravida*, *Palythoa caribaeorum* e *Siderastrea stellata*. Dentre os peixes de recife encontrados na região destacam-se o *Barbulifer ceuthoecus*, *Gobiosoma hemigymnum*, *Epinephelus adscensionis*, o Sargentinho *Abudefduf saxatilis* e as moreias *Gymnothorax funebris* (moreia verde) e *G. moringa* (moreia pintada).

> Figura 7. Detalhe da ocorrência de substrato liso associado à presença de matacões (ver foto menor)





> Figura 9. Detalhe da presença de crustáceo como elemento da fauna bentônica de praia

> Figura 8. Praia do tipo intermediária a refletiva composta por areia siliciclástica

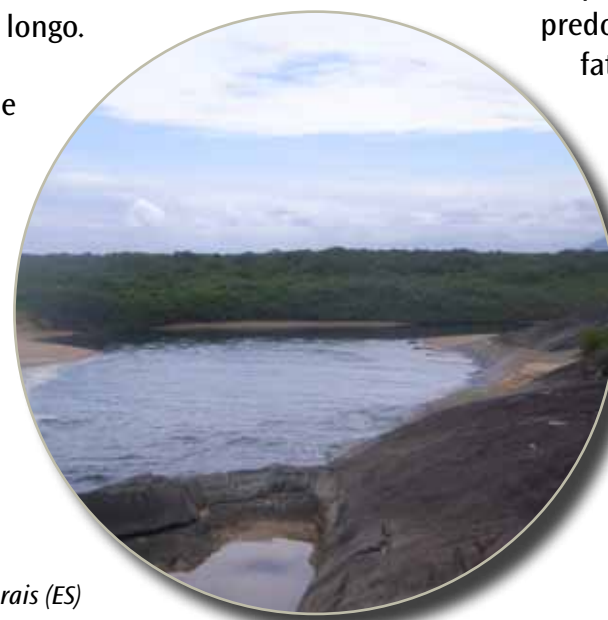
As praias limitadas lateralmente por promontórios rochosos são predominantemente compostas por areais siliciclásticas grossas e médias, tipologia intermediária a refletiva e com declividade moderada da antepraia (Figura 8). Apresentam processos morfodinâmicos associados ao grau de exposição às ondas e à curvatura do embaimento, sendo a deriva litorânea predominantemente de NE para SW. Contudo, devido aos embaimentos e curvatura pode haver a inversão deste padrão com a entrada das ondas na porção sul do arco praial, resultando na deriva para norte e/ou nordeste. Esta situação é observada no arco praial de Camburi, Vitória; Maimbá-Meaipe, Anchieta e Guarapari; e Itaivapa, Itapemirim. As células de circulação litorânea assim formadas podem acarretar um maior tempo de permanência da água, resultando na retenção do óleo por tempo mais longo.

As areias das praias são habitats produtivos que sustentam uma comunidade variada de invertebrados, como equinodermos, moluscos, crustáceos, além de vertebrados como aves marinhas (Atlas dos Ecossistemas do Espírito Santo, 2008) (Figura 9). Na zona de espraimento das praias é que se encontram diversos organismos que se enterram na areia durante o espraimento da onda, como os crustáceos *Emerita brasiliensis* (tatuí) e *Callichirus major* (corrupto). A extensão e largura das praias e da planície de cordões litorâneos dependem da distribuição dos promontórios rochosos e da contribuição do aporte fluvial terrígeno. Como as praias apresentam alta declividade, os cordões litorâneos são raramente alcançados pelas ondas, excluindo-se eventos meteoceanográficos mais severos. Os ecossistemas de cordões litorâneos apresentando bom estado de conservação

onde há áreas de proteção e/ou onde a urbanização não encontra-se densa, com alta diversidade de vegetação e fauna associada.

As principais famílias vegetais presentes nas restingas do estado do Espírito Santo são a Leguminosea com 62 espécies, a Orchidacea com 60 espécies e a Myrtacea com 53 espécies. Essas três famílias, de um total de 107, agrupam aproximadamente 22% das espécies conhecidas. As famílias Cyperaceae, Bromeliaceae, Melastomaceae, Arecaceae, Rubiaceae, Apocynaceae e Moraceae também são componentes importantes devido à grande quantidade de espécies. A família Bromeliaceae, predominantemente neotropical, possui grande valor ecológico em função de diferentes fatores, dentre eles, relacionamento com a fauna e elevado número de espécies, apresentando ainda alto endemismo (Martinelli, 2006).

São inúmeras as áreas de preservação de restinga neste setor do estado do Espírito Santo, onde destacam-se a Reserva Ecológica Municipal de Camburi (Vitória), a Reserva Ecológica Municipal de Jacarenema (Vila Velha), o Parque Estadual Paulo César Vinha (Guarapari), a Área de Proteção Ambiental da Lagoa de Guanandy (entre Itapemirim e Piúma) e a Área de Proteção Ambiental de Setiba (Guarapari). Destaca-se a lagoa de Carais (Figura 10), na região de Setiba, município de Guarapari. As áreas de preservação convivem com a alta urbanização neste trecho, principalmente nas proximidades da região da Grande Vitória, onde se observam estruturas antropogênicas como píer, muros e enrocamentos junto à linha de costa.



> Figura 10. Detalhe da Lagoa de Carais (ES)



> Figura 13. Detalhe da floresta de mangue no estuário do Riacho Doce (ES)

4.2.2 Litoral de baías, estuários e manguezais

As principais desembocaduras fluviais ao longo da BMES encontram-se afogadas favorecendo o desenvolvimento do sistema estuarino e a fixação do manguezal. A área de manguezal no litoral do Espírito Santo ocupa 70,35 km² e distribui-se desde Riacho Doce, no extremo norte (Figura 11) até o Rio Itabapoana (Figura 12), na divisa com o Rio de Janeiro (Schaeffer-Novelli, 1990). Desta forma, nos vales e desembocaduras estuarinas como nos rios São Mateus e Doce na porção norte, Reis Magos em Nova Almeida e Piraquê-Açu em Santa Cruz, Baía do Espírito Santo e Guarapari na porção central, e dos rios Piúma, Benevente e Itabapoana na porção sul, a sensibilidade do litoral à poluição por óleo é máxima.

Os manguezais são as formações vegetais dominantes em planícies entre-marés abrigadas de regiões tropicais e subtropicais. Em escala global, o principal fator condicionador de sua distribuição é a temperatura. Manguezais tendem a ter seus limites de distribuição definidos pelas isotermas de 10-15°C nos meses mais frios, o que ocorre



> Figura 11. Detalhe do Riacho Doce (ES)

por volta dos 25-30°S e 25-30°N, no caso do litoral das Américas. Os manguezais mais desenvolvidos ocorrem em deltas ou estuários, locais que recebem um aporte importante de sedimentos aluviais finos. Ao contrário do que acontece com outros sistemas macrofíticos costeiros, como as marismas e as pradarias marinhas, os manguezais se caracterizam pelo seu porte arbóreo e por uma grande biomassa aérea, o que lhes confere a aparência de verdadeiras florestas. Apesar disso, a diversidade das espécies de árvores é bastante baixa. Entre as seis espécies típicas dos mangues brasileiros, quatro são encontradas no Espírito Santo, todas halófitas facultativas: a *Rhizophora mangle* (mangue-vermelho), a *Avicennia schaueriana* e *A. germinans* (mangue-preto) e a *Laguncularia racemosa*. Associadas ao continente podem ser encontradas espécies como *Conocarpus erectus* (mangue



> Figura 12. Visão panorâmica do rio Itabapoana (RJ)



> Figura 14. Detalhe do rio Itaúnas

de botão), *Acrostichum aureum* e *Acrostichum danaeifolium* (samambaia do mangue) e *Hibiscus pernambucensis* (algodão-da-praia). Espécies graminóides também são comuns como *Sesuvium portulacastrum*, *Salicornia gaudichaudiana*, *Sporobolus virginicus*, *Eleocharis mutata* (Almeida, 2007).

Ao longo do estuário de Riacho Doce ocorrem *R. mangle* e *A. schaueriana* (Figura 13). Na foz do rio Itaúnas (Figura 14) são encontradas a *R. mangle*, *A. schaueriana* e *L. racemosa* e adentrando o estuário surgem as espécies *A. schaueriana* e *A. germinans*. No rio São Mateus (Figura 15), *R. mangle* domina o estuário inferior, *L. racemosa* o estuário médio e *A. germinans* o estuário superior. Ocorre também *A. schaueriana* e, a partir daí *Hibiscus* sp. e *Thypha* sp. substituem a vegetação

de mangue. Ao longo das margens do rio Reis Magos são encontradas *L. racemosa*, *R. mangle* e *A. schaueriana* (Atlas dos Ecossistemas do Espírito Santo, 2008). Na região de Vitória é identificada uma porção estuarina, correspondendo à baía de Vitória, composta por uma porção insular granítica circundada por extensa planície areno-lamosa sob o manguezal. Os rios Santa Maria da Vitória, Bubu e Aribiri, bem como os canais da Passagem e Lameirão, compõe o cenário dos manguezais no entorno de Vitória (Figura 16). No delta do rio Santa Maria da Vitória e na Ilha do Lameirão estão as áreas mais representativas da Baía de Vitória onde há o domínio de *R. mangle*, ocorrendo também a *A. germinans* e a *A. schaueriana*.

Além do município de Vitória, a Baía de Vitória banha outros quatro municípios que compõem a Grande Vitória, a região mais industrializada do Estado, com elevada densidade demográfica e um alto índice de urbanização, que convivem com o exuberante manguezal. A demanda por áreas destinadas à expansão urbana fez com que áreas de mangue fossem aterradas e substituídas por construções e muros de concretos, palafitas e locais de despejos de lixo. Com isso, acelerou-se a tendência natural de assoreamento da baía, fazendo com que a navegação integral ocorra somente na preamar e realizada por embarcações de pequeno porte em virtude dos afloramentos de bancos

> Figura 16. Detalhe da vegetação de mangue na região de Vitória (ES)



> Figura 15. Visão geral da floresta de mangue do rio São Mateus (ES)

arenosos. Situação semelhante é verificada na baía de Guarapari. Vale salientar que a dificuldade de navegação e a intensa produção de lixo, armadilha potencial para a retenção de resíduos nas regiões estuarinas urbanas, dificultam intervenções no caso de acidentes ambientais.

Ao longo da foz do rio Benevente ocorrem a *R. mangle*, *A. germinans*, *L. racemosa*, mais para o interior estão associadas a *Acrostichum aureum*. No Rio Itabapoana, há presença de *L. racemosa*, *R. mangle* e *A. schaueriana* (Atlas dos Ecossistemas do Espírito Santo, 2008).

Várias espécies da fauna do manguezal podem habitar as partes aéreas das árvores,

o substrato e a água dos manguezais. Dentre as espécies associadas diretamente às estruturas aéreas das árvores, estão diversas aves bem como pequenos invertebrados como o caracol da folha. Sobre os troncos, raízes ou nos sedimentos, encontram-se várias espécies de crustáceos como o aratu-do-mangue (*Goniopsis cruentata*), o uca, o caranguejo-uçá (*Ucides cordatus*) e o chama-maré, além de vários moluscos como a ostra-do-mangue (*Crassostrea rhizophorae*), *Tagelus plebeius*, *Iphigenia brasiliensis* e o sururu (*Mytella falcata*). Enterrados no sedimento ou em poças de água, encontram-se siris como *Callinectes exasperatus* e *C. danae*, camarões como *Litopaenus schimitti* e *Farfantepenaeus paulensis*, além de vermes, insetos e aranhas. Animais que habitam o ambiente terrestre, mas que visitam periodicamente os manguezais a procura de alimento, citam-se cães, lontras (*Lontra longicaudis*), jacarés e diversas espécies de macacos (Atlas dos Ecossistemas do Espírito Santo, 2008). Mesmo sendo Área de Preservação Permanente (Lei Federal nº 4.177/65), alguns manguezais do Espírito Santo encontram-se inseridos em Unidades de Conservação (UC's). Existem cerca de nove UC's com ocorrência de manguezais ao longo da costa da BMES, com destaque para o Parque Estadual de Itaúnas, a APA de Conceição da Barra, a Estação Ecológica Municipal da Ilha do Lameirão, a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Municipal dos Manguezais de Cariacica e a Estação Ecológica Municipal do Papagaio (Almeida, 2007).

4.2.3 Litoral das falésias e dos terraços de abrasão da formação barreiras

Representados por falésias vivas, falésias precedidas de praias arenosas estreitas e por terraços de abrasão na antepraia, o litoral é exemplificado pelos municípios do norte e do centro, como Aracruz, Fundão e Serra e do sul, como Marataízes. O litoral apresenta-se extremamente recortado e limitado longitudinalmente por terraços de abrasão salientes intercalados com pequenos arcos praias reentrantes (*Figura 17*). Destacam a fixação de mangue junto à linha d'água favorecidos pelo substrato rochoso e pelo fluxo do lençol freático entre as camadas laterizadas. Pequenas áreas de manguezal são também encontradas nos sistemas estuarinos e lagunares formados pelo entalhe de canais na Formação Barreiras como a Lagoa do Siri e Boa Vista em Marataízes (*Figura 18*).

As praias são estreitas com baixa declividade da antepraia, larga zona de surfe e limitadas pelas falésias, apresentando também grande influência da maré (*Figura 19*). A morfodinâmica praial é influenciada pelos terraços de abrasão e comportam-se geralmente como praias intermediárias de terraço de baixa-mar. Na maré alta as ondas formam o berma e na maré baixa os terraços encontram-se expostos (Albino, 1999). A alta dissipação das ondas sobre os terraços não favorecem derivas longitudinais e destacam a atuação do fluxo e refluxo das ondas no transporte de sedimentos. As areias apresentam composição mista, ora biosiliciclástica ora silici-bioclástica, dependendo da proximidade dos substratos rochosos na antepraia e plataforma interna, e da energia das ondas. A granulometria é extremamente variada desde cascalhos bioclásticos até areias mistas finas.



> *Figura 17. Visão geral da falésia viva associada a um terraço de abrasão (à direita)*

> *Figura 19. Detalhe de praia estreita de baixa declividade com falésia viva à retaguarda.*



> *Figura 18. Vista da Lagoa do Siri em direção ao mar*



> Figura 20. Praia associada à foz do rio Doce (ES)

Pereira (1999) propõe uma zonation dos terraços localizados na região intermarés em 4 faixas, segundo a influência da maré, da exposição aérea, da hidrodinâmica e das espécies encontradas. As faixas variam desde predominantemente expostas, a uma localizada entre 1 a 3 metros de profundidade, predominantemente submersas e sob ação do fluxo e refluxo das ondas. Longo (1997), Weck (2000) e Quintana (2001) identificaram neste ecossistema seis espécies de algas bentônicas e 57 espécies pertencentes à fauna bentônica e piscícola compondo o ecossistema destes terraços rochosos. Entre as algas CHLOROPHYCEAE destacam-se *Ulva fasciata* (Delile), *Halimeda tuna*, *Codium taylorii* e *Caulerpa racemosa*; e as PHAEOPHYCEAE *Padina gymnospora* e RHODOPHYCEAE *Jania rubens*, além dos peixes *Barbulifer ceuthoecus* e *Gymnothorax funebris*. As características geomorfológicas desta porção do litoral conferem um nível de sensibilidade ao derramamento de óleo moderado a alto, já que os terraços de abrasão e as areias mistas com contribuição carbonática são armadilhas para a retenção de óleo.

4.2.4 Costas associadas às planícies flúvio-costeiras

Os principais sistemas costeiros associados às planícies costeiras encontram-se associadas às desembocaduras fluviais como o rio Itabapoana, Itapemirim e rio Doce (Figura 20). Representam as regiões de maior desenvolvimento de planícies costeiras do Estado, sendo resultado das alterações do nível relativo do mar e de aportes fluviais significativos. Compreendendo os municípios de Conceição da Barra, São Mateus e Linhares têm-se a planície de cordões arenosos litorâneos do rio Doce, com 38 km de largura nas proximidades da desembocadura e estreitamento rumo à Barra do Riacho, ao sul e rumo a Itaúnas, ao norte. Representa uma área de restinga preservada (Figura 21) e de grande biodiversidade, com diversas áreas de preservação como o Parque Estadual de Itaúnas (Conceição da Barra), a Reserva Biológica de Comboios (entre Linhares e Aracruz), a Reserva Natural da Vale (Linhares, restinga em ambiente pleistocênico), a Floresta Nacional dos Goytacazes (Linhares), a Área de Proteção Ambiental de Conceição da Barra, que se estende da Ilha de Guriri até a foz do rio Cricaré, em Conceição da Barra. Pereira e Araujo (2000) identificaram um número aproximado de 750 espécies de restinga catalogadas para este setor do litoral.

Além das espécies verificadas nas planícies costeiras presentes no litoral centro sul dos afloramentos rochosos, a planície de cordões arenosos litorâneos do rio Doce abrigam outras espécies de interesse paisagístico residencial ou urbano, sendo também utilizadas na recuperação de áreas degradadas. O guriri (*Allagoptera arenaria*), que dá nome à principal praia do município de São Mateus, e diversas bromélias facilitam o estabelecimento de outras plantas, como a *Paullinia riodocensis*, pela adição de

> Figura 21. Detalhe de vegetação de restinga



grande quantidade de matéria orgânica sobre o sedimento e protegendo contra a radiação solar incidente. Várias espécies encontradas nas restingas do Espírito Santo estão ameaçadas de extinção como é o caso do próprio guriri (*A. arenaria*), da pimenteira (*Jacquinia armillaris*), do palmiteiro (*Macroditassa melantha*), da rendinha (*Voyria aphylla*), e do murici-do-brejo (*Byrsonima sericea*).

Ao longo da evolução geológica com transgressões e regressões marinhas, ocorreram afogamentos fluviais e migração de barras, possibilitando a formação de sistemas de ilha-barreira. Destaca-se o vale do Suruaca, com a continuidade do sistema ilha-barreira de Barra Seca e Barra Nova e da praia de Urussuquara (Figura 22), caracterizada por cordões litorâneos bem preservados à retaguarda do pós praia e precedida por arenitos de praia. Os sistemas lagunares e estuarinos são caracterizados pela diversidade e riqueza do ecossistema manguezal.

O Parque Estadual de Itaúnas (Figura 23) representa a interação dos ecossistemas marinho, estuarino e continental, como manguezais, praias, dunas, alagados, restingas e floresta atlântica de Tabuleiro, em uma área de aproximadamente 3.600 hectares estendendo-se desde a foz do rio Itaúnas até a foz do Riacho Doce, no limite com o estado da Bahia. A região é caracterizada por depósitos fluvio-marinhos e pela alternância dos depósitos representativos das mudanças do nível relativo do mar. Apresenta um extenso campo de dunas frontais e 38 km de linha de praia, além da abundância das espécies de manguezal e alagados. O parque abriga diversas espécies da fauna brasileira, muitas ameaçadas de extinção, como preguiças, capivaras, jacarés-do-papo-amarelo, lontras, papagaios, periquitos, maritacas, jacupengas.

> Figura 22. Visão da praia de Urussuquara (ES)



> Figura 23. Visão geral do ambiente de interduna no Parque Estadual de Itaúnas





< Figura 24. Perfil de praia associada a cordão litorâneo do rio Doce (ES)

As praias associadas aos cordões litorâneos do rio Doce apresentam tipologia intermediária e refletiva, com moderada a alta declividade da antepraia e compostas por areias siliciclásticas grossas e médias (Figura 24). Rumo ao sul, as praias de Comboios e Barra do Riacho apresentam engrossamento das areias e aumento da declividade praial, caracterizando praia refletiva (Figura 25). Rumo ao norte, observa-se o a redução no tamanho de grão das areias e menor declividade da praia, como observado na praia de Itaúnas. Destaca-se nesta porção costeira a nidificação das tartarugas marinhas entre setembro e março e a presença das bases operacionais do Projeto Tartaruga Marinha (TAMAR) em Itaúnas, Guriri, Povoação e Regência, sendo esta a sede da Estação Biológica de Comboios.

As características físicas conferem à linha de costa um moderado a baixo índice de sensibilidade ambiental, contudo, destacam-se os parques e as áreas de preservação de espécies. Já ao longo das margens fluviais, planícies de maré e de inundação dos rios deste setor e as lagunas apresentam sensibilidade mais alta por serem áreas abrigadas e de difícil limpeza e/ou recuperação do ambiente. A facilidade de acesso contribui para o desenvolvimento do turismo na porção central do litoral. Rodovias estaduais pavimentadas e com diferentes graus de conservação, perpendiculares à BR 101, levam à rodovia estadual ES 010, que margeia a região costeira urbanizada.

4.3 RECURSOS BIOLÓGICOS

A geomorfologia costeira do estado contribui para uma elevada diversidade de organismos devido a existência de um grande número de nichos nos muitos costões rochosos presentes no litoral. O litoral norte caracteriza-se pela ocorrência de couraças lateríticas que abrigam em suas poças de marés muitas espécies de invertebrados, peixes, algas, dentre outros. Além disso, apresenta rios, ilhas e em especial os manguezais, que são locais mais sensíveis ao derramamento de óleo. As praias, em geral, possuem uma baixa diversidade biológica, porém, na região de restinga ocorrem muitas espécies endêmicas.



> Figura 25. Detalhe do perfil de praia refletiva próxima à Barra do Riacho (ES)

> Figura 26. Fauna e flora em costão rochoso, Guaraparim (ES)



4.3.1 Bentos

A fauna marinha do estado do Espírito Santo é muito rica uma vez que o estado apresenta importantes características oceanográficas que contribuem para o aumento da diversidade biológica no estado. As ilhas, manguezais e praias capixabas abrigam um grande número de formas de moluscos (principalmente gastrópodes), crustáceos, equinodermos e corais. Os fundos recifais, os costões rochosos encontrados nas ilhas costeiras, as couraças lateríticas localizadas na porção norte do estado, ou os fundos de algas calcáreas, rodolitos, bioclastos dispersos em diversos pontos ao longo da costa

do estado, proporcionam diferentes habitats e abrigam uma fauna bentônica muito rica (Atlas dos Ecossistemas do Espírito Santo, 2008).

A anêmona-gigante (*Condylactis gigantea*) ainda pode ser encontrada nos fundos recifais do estado do Espírito Santo e embora conste da lista estadual de espécies ameaçadas de extinção, vem sofrendo uma crescente pressão de captura para o comércio aquarífilo. A lagosta-de-pinças (*Enoplometopus antiliensis*) é uma das muitas espécies de crustáceos encontrados nos recifes do Espírito Santo. Muitas dessas espécies também se encontram na lista estadual das espécies ameaçadas de extinção como é o caso do coral-cérebro (*Mussismilia brasiliensis*), coral-gorgonáceo (*Muricea atlantica*), o coral Meandrina brasiliensis, a lagosta-sapateira (*Scyllarus ramosae*), o lagostim (*Hoplometopus antillensis*), os crustáceos *Macrobrachium acanthurus*, *M. olfersii*, *M. carcinus*, *M. holthuisi*, *M. iheringi*, *M. jelskii*, *M. potiuna*, *Palaemon pandaliformis*, o caranguejo de água doce *Trichodactylus petropolitanus* e *T. dentatus*, a estrela do mar amarela (*Oreaster reticulatus*), o guaíamum (*Cardisoma guanhumi*), a lagosta-cabo-verde (*Panulirus laevicauda*), a lagosta-vermelha (*Panulirus argus*), o camarão-rosa *Farfantepenaeus brasiliensis*, *F. paulensis* e *F. subtilis*, o camarão-branco (*Litopenaeus schmitti*), o camarão sete-barbas (*Xiphopenaeus kroyeri*) e a vieira (*Euvola ziczac*) (Figura 26).

4.3.2 Peixes

As Ilhas de Guarapari merecem destaque, principalmente aquelas situadas no arquipélago das Três Ilhas, a Ilha Escalvada e as ilhas Rasas que são localidades-tipo da maioria de peixes recifais recentemente descritas e consideradas como endêmicas da costa brasileira, como a moréia *Labrisomus cricota* que ocorre nos recifes de Guarapari. Um destaque deve ser dado também para as ilhas e fundos bioclásticos do município de Guarapari, onde a fauna de peixes recifais é considerada como a mais rica em números de espécies do Brasil (Atlas dos Ecossistemas do Espírito Santo, 2008). *Ptereleotris randalli* é um pequeno peixe recifal, endêmico do Brasil, descrito nas ilhas costeiras de Guarapari.

A BMES abriga também peixes de interesse comercial e turístico destacando-se os marlins (*Trapturus albidus*), espadartes (*Xiphias gladius*), atuns (*Thunnus* spp.), dourados (*Coryphaena hippurus*) e cavalas (*Scomberomorus* spp.). A plataforma continental do Espírito Santo, muito provavelmente pelas suas características oceanográficas, é conhecida internacionalmente como área tradicional de pesca oceânica. Os manguezais do estado e os fundos recifais das baías e enseadas, situados nas proximidades desses manguezais abrigam muitas espécies de peixe de grande valor comercial e que sustentam a pesca artesanal e comercial como robalo (*Centropomus* spp.), sargo (*Anisotremus* spp.), dentão (*Lutjanus cyanopterus*) e tainha (*Mugil* spp.) (Atlas dos Ecossistemas do Espírito Santo, 2008). Nesses ambientes também são encontradas espécies ameaçadas de extinção e que constam tanto na lista estadual como na lista nacional de espécies ameaçadas. São eles o mero ou canapu (*Ephinephelus itajara*) e os pequenos cavalos marinhos (*Hippocampus* spp.) (Atlas dos Ecossistemas do Espírito Santo, 2008).

Outros exemplos de peixes e elasmobrânquios que ocorrem na costa do Espírito Santo e que estão ameaçados de extinção são: *Scarus guacamaia*, *Simpsonichthys myersi*, *Acentronichthys leptos*, *Epinephelus itajara*, *Carcharhinus porosus*, *C. signatus*, *Carcharodon carcharias*, *Cetorhinus maximus*, *Elacatinus figaro*, *Ginglymostoma cirratum*, *Gramma brasiliensis*, *Prochilodus vimboides*, *Simpsonichthys izecksohni* e *Sphyrna tiburo*.

4.3.3 Anfíbios e répteis

Alguns gêneros de anfíbios que ocorrem nas restingas do estado do Espírito Santo são *Dendropsophus* spp, *Hyla* spp, *Scinax* spp, *Leptodactylus* spp, *Bufo* spp, e a espécie *Aparasphenodon brunoï*. No grupo dos répteis estão incluídos cobras, lagartos, tartarugas e jacarés. Entre as espécies importantes de répteis encontra-se o lagartinho-de-linhares (*Cnemidophorus natio*) que é endêmico do estado do Espírito Santo e consta na lista de espécies ameaçadas de extinção. Ofídios como a surucucu-pico-de-jaca (*Lachesis muta*), a patioba (*Bothrops bilineata*) também constam da lista de espécies ameaçadas e algumas espécies raras, como o lagarto listrado (*Diploglossus fasciatus*) e a falsa-coral (*Spilotes compressus*). Também ocorre em alguns rios e lagos do Espírito Santo o jacaré-do-papo-amarelo (*Caiman latirostris*) e espécies chamadas popularmente de cobras-cegas ou cobra-de-duas-cabeças, como a espécie *Leposternon wuchereri* (Atlas dos Ecossistemas do Espírito Santo, 2008).

4.3.1 Tartarugas marinhas

Todas as espécies de tartarugas marinhas encontradas no litoral brasileiro ocorrem na BME. As tartarugas marinhas, agrupadas nas famílias *Dermochelyidae* e *Cheloniidae*, encontradas no Espírito Santo são:

- A tartaruga-cabeçuda (*Caretta caretta*) é encontrada com mais frequência nos primeiros 20 metros da coluna d'água, em praticamente todo o litoral, desovando preferencialmente nos estados de Espírito Santo, Bahia e Sergipe. Segundo FAO (1990) há registros de desova de *C. caretta* no Rio de Janeiro (possivelmente no litoral norte), que ocorre de outubro a dezembro.
- A tartaruga-de-couro (*Dermochelys coriacea*) apresenta um hábito pelágico, aproximando-se do litoral apenas para a desova. No Brasil, isto ocorre somente no litoral do Espírito Santo de outubro a dezembro.
- A tartaruga-de-pente (*Eretmochelys imbricata*) é geralmente encontrada a pouca profundidade e desova principalmente no litoral norte da Bahia e Sergipe. Sua desova ocorre entre os meses de dezembro e fevereiro.
- A tartaruga-verde (*Chelonia mydas*), da mesma forma que a tartaruga cabeçuda, pode ser encontrada nos primeiros 20 m da coluna d'água. É avistada ao longo de todo o litoral brasileiro, entretanto, desova preferencialmente nas ilhas oceânicas e no Espírito Santo, entre janeiro a março.
- A tartaruga-oliva (*Lepidochelys olivacea*) é a menor de todas as tartarugas marinhas e desova principalmente no litoral do Sergipe, entre outubro e dezembro.

No estado do Espírito Santo vem se desenvolvendo um importante trabalho de monitoramento das tartarugas pelo Projeto de Proteção e Manejo de Tartarugas Marinhas – Projeto Tamar. O Projeto se destaca pelo monitoramento das praias, por meio da identificação das áreas de desova e dos pontos de alimentação das tartarugas. Além de promover um trabalho de conservação dos ecossistemas marinho e costeiro, as ações do Projeto promovem o desenvolvimento sustentável das comunidades próximas às bases do Projeto. As tartarugas marinhas estão presentes em praticamente em todo o litoral da BMES frequentando áreas de alimentação e desova. No entanto, alguns municípios destacam-se em importância, uma vez que possuem bases estratégicas do Projeto Tamar como é o caso de Anchieta. Ali está sendo desenvolvido o Projeto Tartarugas Vivas Marinhas – Projeto Tavivamar, uma parceria da Prefeitura Municipal de Anchieta e do Centro TAMAR– IBAMA (Projeto TAMAR). Nesse município, três das cinco espécies de tartarugas marinhas que desovam no Brasil, completam o seu ciclo de vida em seu litoral. A tartaruga verde (*C. mydas*) é encontrada o ano todo se alimentando, a tartaruga de pente (*E. imbricata*) busca nos recifes itens alimentares como as esponjas do mar e a tartaruga cabeçuda (*C. caretta*) retorna ao mesmo local que nasceu para desovar. A desova de tartarugas acontece entre setembro e março e a eclosão dos ovos se dá em 60 dias, quando cerca de oito mil filhotes nascem.

Municípios como Guarapari, que possui a área de proteção conhecida como Parque Estadual Paulo César Vinha, também registra desovas da espécie *Caretta caretta*. No município de Serra ocorre a desova de tartarugas *C. caretta* e *C. mydas*. Em praias de municípios como Vila Velha, Fundão e Aracruz também ocorrem desovas de tartarugas marinhas. Linhares é um local que se destaca em virtude de existirem várias bases do Projeto Tamar. Quatro espécies de tartarugas desovam nas praias desse município: *D. coriacea*, *C. caretta*, *L. olivacea* e *E. imbricata*. No município de São Mateus, que possui desova das tartarugas ao longo da praia de Guriri, são observados ninhos de: *C. caretta*, *E. imbricata*, *D. coriacea* e *L. olivacea*. Em Conceição da Barra, principalmente nas praias que compõem parte do Parque Estadual de Itaúnas, registra-se principalmente a ocorrência da tartaruga cabeçuda (*C. caretta*).

4.3.4 Mamíferos marinhos

A BMES constitui uma das áreas com maior concentração de baleias-jubarte (*Megaptera novaeangliae*) no Brasil, que se concentram em profundidades entre 40 e 70 m. As seis espécies do gênero *Balaenoptera* ocorrem no litoral do Brasil, das quais as mais comuns são a baleia-minke-anã (*Balaenoptera acutorostrata*), baleia-minke-antártica (*B. bonaerensis*) e a baleia de Bride (*B. edeni*) (Zerbini *et al.*, 2004). Além disso, o litoral da BMES também é rota da baleia-franca (*Eubalaena australis*), que junto com a baleia jubarte fazem parte da lista de espécies ameaçadas de extinção do estado do Espírito Santo. Há registro de encalhe de cachalote (*Physeter macrocephalus*) no Rio de Janeiro, o que sugere a possível ocorrência dessa espécie no litoral da BMES (Zerbini *et al.*, 2004). A toninha *Pontoporia blainvillei* ocorre em águas costeiras do Atlântico Sul Ocidental, uma espécie que no estado do Espírito Santo também está na lista de espécies ameaçadas de extinção. Além destas espécies também compõe a fauna marinha do estado, dentre outros, botos como *Sotalia fluviatilis*, *S. guianensis* e os golfinhos *Tursiops truncatus*, *Steno bredanensis* e *Stenella spp.*

4.3.5 Avifauna

O Espírito Santo figura entre os estados que possui a avifauna mais rica de toda a Mata Atlântica. As aves desempenham papel importante para a manutenção do ecossistema onde vivem. Atuam como agentes dispersores de sementes, polinizam flores, controlam populações de insetos e são importantes também nos ecossistemas costeiros, principalmente em estuários. No caso dos manguezais da BMES, as aves ocupam diferentes nichos ecológicos. A maioria se alimenta de invertebrados em planícies de maré, sendo que seu número em um estuário é diretamente relacionado à área de planície disponível (Kaiser *et al.*, 2005).

As andorinhas-do-mar do bico amarelo (*Sterna eurygnatha*) foram consideradas as aves costeiras mais vulneráveis no Brasil, tendo seus habitats de reprodução na costa brasileira bastante degradados. Ao longo dos anos vêm restringindo sua reprodução à costa do Espírito Santo, considerada hoje o maior sítio reprodutivo da espécie em todo o Atlântico Sul. Chegam ao litoral do Espírito Santo no período de abril a setembro, e em muito maior quantidade que as *Sterna hirundinacea*, com as quais formam colônias mistas, habitando especialmente nas ilhas dos Pacotes e ilhas Itatiaia (Vila Velha), ilha Escalvada (Guarapari) e ilha Branca (Itapemirim). Atualmente o Espírito Santo é considerado o maior sítio reprodutivo desta espécie em todo o Atlântico Sul com mais de 15.000 indivíduos nidificantes (Musso, 1998). Cinco casais de uma espécie de pardelinha (*Puffinus lherminieri*) reproduzem-se na ilha do Boqueirão, no arquipélago das ilhas Itatiaia (Vila Velha), no período de julho a dezembro todos os anos. O primeiro registro desta espécie no Brasil foi feito para este local em 1993. Destaca-se por ser o único local de reprodução da pardelinha registrado no Brasil. Os ovos são postos no final de agosto e eclodem em outubro (Musso, 1998).

Espécies de garça-branca-grande (*Casmerodius albus*) nidificam na ilha das Garças, em Vila Velha. Cerca de 100 indivíduos reúnem-se nesta ilha no período de novembro a março todos os anos. A espécie de garça-branca-pequena (*Egretta thula*) também nidifica nesta mesma ilha. No entanto, a população desta espécie é muito menor que a da garça-branca-grande, apenas cerca de quatro ou seis indivíduos reprodutores. A colonização da Ilha das Garças pela espécie de garça-vaqueira, *Bubulcus ibis*, vem sendo observada desde 1992. Ela também nidifica no verão, e a cada ano o número de indivíduos reprodutores aumenta. Estima-se uma população de cerca de 600 indivíduos. O socó dorminhoco (*Nycticorax nycticorax*), também nidifica na Ilha das Garças, onde cerca de trinta indivíduos reúnem-se todos os anos no período de novembro a março (Musso, 1998).

O pássaro piru-piru (*Haematopus palliatus*) possui dentre suas áreas de reprodução a Ilha Itatiaia em Vila Velha. A Praia de Degredo em Linhares é local de alimentação da águia-pescadora (*Pandion*

healiatus). Além disso, algumas espécies de aves costeiras da BMES constam da lista oficial de espécies ameaçadas de extinção, são elas: *Pipile jacutinga*, *Oryzoborus maximiliani*, *Tinamus solitarius*, *Crypturellus noctivagus*, *Puffinus lherminieri*, *Fregata minor*, *Fregata ariel*, *Morphnus guianensis*, *Amazona vinacea*, *A. rhodocorytha*, *Xiphorhynchus guttatus*, *Laniocera hypopyrra*, *Cotinga maculata*, *Nemosia rourei*, *Oryzoborus angolensis*, *Crypturellus variegatus*, *Sula sula* e *Odontophorus capueira*.

4.4 RECURSOS SOCIOECONÔMICOS

4.4.1 Turismo

O litoral do Espírito Santo pode ser dividido em três regiões turísticas:

- 1) região norte, que se estende dos municípios de Conceição da Barra a Aracruz;
- 2) região metropolitana de Vitória, desde Fundão até Guarapari; e
- 3) região sul, conhecida como Região da Costa e da Imigração, que segue de Anchieta a Presidente Kennedy.

A região norte apresenta forte influência do Rio Doce, sendo conhecida como Região do Verde e das Águas. No município de Linhares, encontra-se a maior presença de Floresta Atlântica preservada do Espírito Santo, com Unidades de Conservação e inúmeros sistemas lacustres. O litoral tem vocação para a pesca e o lazer, como o Pontal do Ipiranga, a desembocadura do Rio Doce em Regência e Povoação. Já em Conceição da Barra, a tradição folclórica alia-se às belezas naturais do Parque Estadual de Itaúnas, gerando um turismo intenso ao longo do ano e especialmente durante as festas populares. Em São Mateus destaca-se a ilha de Guriri com praias e restingas.

A região Metropolitana de Vitória apresenta um litoral com recortes devido à ocorrência de afloramentos cristalinos, interrompendo a predominância dos tabuleiros e planícies costeiras da região norte. Essa alteração da paisagem influencia o modo como o turismo é desenvolvido e o foco da atividade que passa a ser a exploração das ilhas, práticas de mergulho e a presença de banhistas, como no município de Guarapari. Em Vitória, as diversas ilhas são importantes pontos turísticos, bem como a prática de esportes náuticos próximo às ilhas do Frade e do Boi e Curva da Jurema. Inclui-se no roteiro turístico a visitação a diversas construções históricas que retratam a colonização e o desenvolvimento do Estado. Em Vila Velha, as Praias da Costa, Itapoã e Itaparica são as preferidas pela população local. Enquanto os balneários de Ponta da Fruta e Barra do Jucu são roteiros para a prática de surfe e *bodyboarding*. O turismo religioso é o mais importante do estado com milhares de pessoas visitando o Convento da Penha às margens da Baía de Vitória todos os anos. Guarapari é, sem dúvida, o pólo turístico mais importante do Espírito Santo, com grande número de visitantes de diversas regiões do país e do exterior. A prática de mergulho esportivo e os passeios de escuna atraem turistas que procuram o turismo ecológico. O litoral bastante recortado proporciona uma diversidade de praias, dentre as quais se destaca a Praia do Morro, bastante concorrida no verão.

A região sul do litoral capixaba, conhecida como Região da Costa e da Imigração, tem o setor turístico bem marcado pela sazonalidade de verão sendo os municípios de Anchieta e Piúma os principais destinos turísticos. O litoral de Anchieta apresenta aproximadamente 26 praias, com extenso manguezal às margens do Rio Beneventes. Destaca-se ainda o turismo religioso como a caminhada dos “Passos de Anchieta”, as igrejas e ruínas da época do beato José de Anchieta. As praias rasas e de água morna de Piúma e Marataízes são a principal atração turística associado às ilhas da região como

as ilhas dos Franceses, dos Cabritos e do Meio. Em Itapemirim, as colônias de Itaoca e Itaipava têm traço marcante no turismo gastronômico. Em Presidente Kennedy o turismo se mostra incipiente e os turistas não dispõem de rede hoteleira, contando apenas com a presença de algumas pousadas ao longo do litoral de praias desertas margeadas por falésias de até 30 metros altura.

4.4.2 Pesca

A atividade pesqueira desenvolvida na BMES apresenta grande diversidade, favorecida pela heterogeneidade fisiográfica da margem continental e região oceânica adjacente. Merecem destaque o Banco dos Abrolhos ao norte, que apresenta uma plataforma continental larga com fundos biogênicos, uma plataforma continental arenosa ao sul com influência de águas frias de ressurgência e os bancos oceânicos da cadeia Vitória-Trindade. Em todo o estado, cerca de 21 mil empregos estão ligados ao setor pesqueiro, dos quais 14 mil são diretos e 7 mil são indiretos. O número estimado de pescadores em atividade na pesca marítima do Estado é de, aproximadamente, 14.000, estando a maior parte concentrada no município de Itapemirim, na localidade de Itaipava. Há também um número considerável de pescadores nas localidades de Pontal e Barra de Itapemirim; Perocão (Guarapari); Prainha (Vila Velha); Praia do Suá (Vitória) e Sede (Conceição da Barra). O número médio de pescadores por município é de 1.000, com a maioria localizada no litoral sul do estado.

O total aproximado de embarcações em 2005 era de 1523, com maior concentração alocada nos municípios de Vila Velha, Itapemirim e Marataízes, com uma média de 250 unidades. A estes, seguem os municípios de Linhares e Piúma com 150 unidades, estando o restante das embarcações, aproximadamente 500, distribuídas nos demais municípios costeiros. A frota pesqueira artesanal de menor porte (até 7,0 m de comprimento, sem cabine) atua basicamente na região costeira, geralmente em viagens de ida e volta diárias, enquanto a de médio porte (entre 7,3 e 9,0 m, com cabine), atua numa faixa entre 50 e 100 m de profundidade, com viagens de duração média em torno de 3 a 5 dias. A frota considerada de maior porte (a partir de 9,5 metros) opera entre os limites da plataforma continental e a região oceânica. A maior parcela da frota é motorizada (73,8%), enquanto as embarcações a remo representam 25,2%; na motorização são utilizados motores de popa e centrais de pequeno, médio e grande porte, variando de 15 a 225 HP (SEAP, 2005).

Os locais de desembarque no litoral somam um total de 72, onde se destacam Marataízes com 15, Anchieta com 9, Vila Velha com 7, Guarapari e Piúma com 6, e Fundão com apenas um ponto de desembarque pesqueiro. Na maior parte dos 72 locais de desembarques a infra-estrutura de conservação de pescado é bastante precária. Fábrica de gelo, câmara frigorífica e túnel de congelamento somente são encontrados nas localidades que contam com empresas de pesca, ou nas sedes dos municípios. A maioria dos municípios litorâneos possui estaleiro para construção, reforma e manutenção de embarcação, sendo os mais bem estruturados encontrados em Piúma, Anchieta, Vila Velha e Vitória. Apenas em Presidente Kennedy, Serra, Linhares e São Mateus não existem estaleiros e/ou carpintaria, registrando-se, entretanto, serviços de oficinas, calafetagem, pinturas, dentre outros (SEAP, 2005).

O acesso às localidades pesqueiras do litoral sul é facilitado pela proximidade de rodovia asfaltada. No litoral norte, algumas localidades apresentam extrema dificuldade de acesso. As comunidades pesqueiras de municípios como Linhares e São Mateus, são de difícil acesso, mesmo nos períodos de estiagem.

Há predominância da pesca por linha de mão e por espinhel de fundo, mas não são desprezíveis as pescarias feitas com espinhel long-line, currico e pargueira (espinhel vertical). A pesca de linheiros de alto mar representavam 23% da frota e 58% dos desembarques em Vitória, Itaipava e Itapemirim entre

1997 e 2000 (Martins *et al.*, 2005). A frota é constituída de barcos de madeira motorizados, medindo entre 8 e 18 m e com autonomia de até 20 dias, sendo subdividida em uma frota de linha recifal e outra que utiliza o currico para a pesca de atuns e afins. A frota de linheiros com alvo em peixes recifais, sediada na grande Vitória, captura principalmente a cioba (*Ocyurus chrysurus*), o realito (*Rhomboplites aurorubens*), o catuá (*Cephalopholis fulva*) e o ariacó (*Lutjanus synagris*) que são exportados para a Europa e os EUA (Leite *et al.*, 2005). O catuá foi considerado recentemente a segunda espécie mais importante nos desembarques com produção aproximada de 200 t/ano de pescado fresco desembarcado em Vitória (Leite *et al.*, 2005). As principais categorias de recursos-alvo e secundários da pesca de linha são os atuns (*Thunnus alalunga*, *T. albacares*, *T. obesus*), o dourado (*Coryphaena hippurus*), grandes recifais, carangídeos e espécies demersais de plataforma externa e talude (Martins *et al.*, 2005).

Quanto às redes, predominam as de emalhe-de-superfície (fixa e à deriva), emalhe-de-fundo, caçoeira (captura da lagosta), arrasto de camarão, rede balão (para camarão), arrasto de praia e tarrafa. A abertura de malha varia de acordo com a modalidade de pesca, desde 20 mm para pequenos peixes (manjuba e outros) até 180 mm para cações. As espécies capturadas variam bastante entre um e outro município. Se destacando a pesca de lagosta em Marataízes, o atum em Itapemirim e em Conceição da Barra que opera quase a totalidade das embarcações para a pesca de camarão. Há a pesca principalmente de pargo, garoupa, cherne, xixarro, dourado e catuá dispersa nos municípios de Vitória, Vila Velha, Piúma. O município de São Mateus concentra a pesca de peixes de menor expressão econômica como o peroá, manjuba e corvina.

A maior parte da produção pesqueira na BMES é comercializada na forma de pescado inteiro e resfriado. Geralmente, a produção é repassada para intermediários ou empresas de pesca. Os primeiros normalmente comercializam com peixarias, restaurantes, consumidor final e, eventualmente, com outros estados. As empresas de pesca, de modo geral, agregam algum valor ao produto antes da comercialização, sob a forma de postas, filés ou simples evisceração. Apenas no caso dos tunídeos, o produto é repassado sem qualquer beneficiamento para outros mercados, principalmente São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, e Recife. Algumas empresas, principalmente de Vitória, Guarapari, Anchieta e Itapemirim, exportam pescados para os Estados Unidos e alguns países da Europa sob a forma de filé ou inteiro eviscerado. A maior parte da produção é adquirida de embarcações da frota pesqueira artesanal, pois poucas empresas possuem frota própria. Do ponto de vista do volume de desembarque de pescado, os principais portos pesqueiros do estado encontram-se nas localidades de Itaipava (Itapemirim); Prainha (Vila Velha); Praia do Suá (Vitória) e Perdigão (Anchieta).

4.4.3 Atividade industrial

Na região norte, dos municípios de Conceição da Barra a Aracruz, as principais atividades industriais estão diretamente ligadas à agroindústria, à indústria de petróleo e gás, ao setor moveleiro e de celulose, com a presença da Petrobras e da Aracruz Celulose. No entanto, o estado do Espírito Santo concentra a maior parte da sua atividade industrial na região da Grande Vitória que abrange as cidades de Vitória, Vila Velha, Serra, Viana e Cariacica. Os setores mais ativos da indústria são da siderurgia, metal-mecânica, de vestuário e química, com presença de empresas do porte da Vale do Rio Doce, Arcelor Mital e SAMARCO. As últimas décadas foram marcantes para o crescimento da indústria, comércio e serviços associado, principalmente, às atividades portuárias (Tabela 2) e a indústria do petróleo e gás.

O estado do Espírito Santo pode ser considerado um espaço de transição, funcionando como um dos principais corredores de exportação do país. A estrutura portuária apresenta seis portos: Ubu, Vitória, Tubarão, Praia Mole, Barra do Riacho e Regência, por onde embarcam, principalmente, produtos siderúrgicos, minério de ferro em pelotas, celulose, café, mármore, granito e veículos automotores.

TABELA 2 – Principais unidades do complexo Portuário da BMES

Porto de Vitória	Está localizado no centro de Vitória e movimenta cargas com bom atendimento de guindastes e facilidade de armazenamento ou saída para transporte.
Terminal da Flexibrás	Está situado na Ilha de Vitória e movimenta embarcações que dão apoio às plataformas marítimas de exploração de petróleo.
Cais da Nativa Portuária	Está localizado na foz do rio Aribiri, voltado para atendimento de embarcações que dão apoio às plataformas marítimas de exploração de petróleo.
Cais de Capuaba	É composto pelos terminais de Vila Velha (TVV) que opera principalmente com contêineres, <i>roll-on-roll-off</i> , mármore e granito, além de carga em geral; e o Codesa que opera com produtos agrícolas e cargas em geral.
Dolphins do Atalaia	Está localizado ao lado do Cais de Capuaba e opera como apoio das atividades portuárias
Cais de Paul	Também em Vila Velha com dois berços de atracação, movimentam embarcações com granéis de sólidos e ferro-gusa.
Terminal de Granéis Líquidos de São Torquato	Operado pelas empresas distribuidoras de petróleo no estado (Frannel e TA Oil), especializado na movimentação de derivados de petróleo.
Porto de Tubarão	Está localizado em Vitória e opera com dois píeres destinados ao embarque de minério de ferro <i>in natura</i> ou em forma de pelotas; um terminal de produtos diversos que movimenta contêineres, granéis sólidos e cargas em geral; um terminal pra grãos; e um terminal para granéis líquidos.
Porto Praia Mole	Está situado no município da Serra, especializado em movimentações de produtos siderúrgicos e descarga de carvão mineral.
Portocel (Barra do Riacho)	Está localizado no município de Aracruz, voltado a movimentação de fardos de celulose, sal e madeira.
Terminal de Regência	Ponto de apoio onde o navio fica ao largo, atracado em quatro bóias, voltado apenas para movimentação petróleo cru a partir de uma base de tancagem próxima.
Porto de Ubu	Está situado em Anchieta, voltado para o atendimento de embarcações com cargas de minério de ferro <i>in natura</i> ou em forma de pelotas.





5

Índices de sensibilidade do litoral ao derramamento de óleo

Esta seção descreve os ISL ocorrentes nas Bacia Marítima do Espírito Santo, com os habitats correspondentes (incluindo fotografias ilustrativas) e informações sobre suas características físicas, comportamento previsto para o óleo derramado e algumas considerações sobre ações de resposta a incidentes de poluição por petróleo e derivados.

ISL 1 – SUBSTRATOS IMPERMEÁVEIS, DE DECLIVIDADE ALTA A MÉDIA, EXPOSTOS

- Costão rochoso liso, de alta declividade, exposto (*Figura 27a*)
- Estrutura artificial lisa (paredão marítimo artificial), exposta (*Figura 27b*)

Características:

- Exposição freqüente a ondas maiores que um metro de altura e/ou a forte corrente de maré
- Tendência refletiva
- Substrato impermeável e sem rugosidade
- Declividade superior a 30 graus (zona intermaré estreita)

Comportamento potencial do óleo/ações de resposta:

- Não há penetração de óleo
- Baixa permanência do óleo
- A remoção tende a ocorrer rapidamente e de modo natural



> *Figura 27a – ISL1,
Costão liso, alta declividade,
Praia da Cerca – Guarapari (ES)*



> *Figura 27b – ISL1,
Estrutura artificial lisa,
exposta, Praia de Piúma
– Piúma (ES)*

ISL 2 – SUBSTRATOS IMPERMEÁVEIS; SUB-HORIZONTALS, EXPOSTOS

- Costão rochoso liso, de declividade média a baixa exposto (*Figura 28*)

Características:

- Exposição freqüente a ondas maiores que um metro de altura e/ou a forte corrente de maré
- Tendência refletiva
- Substrato impermeável e sem rugosidade, podendo apresentar cobertura de sedimentos mobilizáveis
- Declividade inferior a 30 graus (zona intermaré mais larga que a relativa às feições classificadas no ISL 1)
- Sedimentos podem acumular na base da escarpa e serem removidos nas tempestades

Comportamento potencial do óleo/ações de resposta:

- Não há penetração de óleo
- Remoção geralmente rápida do óleo por ação das ondas
- A remoção de depósitos de óleo na faixa da preamar pode ser necessária, no caso de uso intensivo para recreação ou proteção de espécies animais

> *Figura 28 – ISL2, Costão liso, de declividade média a baixa, exposto, Praia do Aghá – Piúma (ES).*



ISL3 – SUBSTRATOS SEMIPERMEÁVEIS; BAIXA PENETRAÇÃO / SOTERRAMENTO DO ÓLEO

- Praia dissipativa de areia média a fina, exposta (*Figura 29a*)
- Faixa arenosa contígua à praia, não vegetada, sujeita à ação de ressaca (restinga isolada ou múltipla, feixes alongados de restingas tipo *long beach*) (*Figura 29b*)
- Escarpa íngreme (formação do grupo barreiras), expostas (*Figura 29c*)

Características:

- Reflexão média das ondas
- Praia com declividade da face praial da ordem de 3 a 5 graus (zona intermaré larga)
- Sedimentos bem selecionados e geralmente compactos



> *Figura 29a – ISL3, Praia dissipativa de areia média a fina, exposta, Praia Grande, Nova Almeida (ES)*

- Penetração do óleo geralmente menor que 10 cm com baixa mobilidade do perfil praial, com baixo potencial de soterramento
- Sedimentos superficiais sujeitos à freqüente remobilização por ação das ondas

Comportamento potencial do óleo/ações de resposta:

- Penetração do óleo geralmente menor que 10 cm de profundidade
- Baixa probabilidade de soterramento do óleo devido à lenta mobilidade da massa sedimentar
- Em praias expostas a tempestades, há possibilidade de soterramento do óleo após a fase erosiva e os impactos sobre as comunidades bióticas de intermaré podem ser severos
- A limpeza é geralmente necessária e onde for possível o tráfego de veículos, deve-se atentar para o ciclo de marés e as eventuais restrições ambientais locais



> *Figura 29b – ISL3, Faixa arenosa contígua à praia, Barra Nova, São Mateus (ES)*



> *Figura 29c – ISL3, Escarpas íngremes (formação do grupo barreiras), exposta, Praia Maroba, Presidente Kennedy (ES)*

**ISL 4 – SUBSTRATOS DE MÉDIA PERMEABILIDADE;
MODERADA PENETRAÇÃO / SOTERRAMENTO DO ÓLEO**

- Praia de areia grossa (*Figura 30a*)
- Praia intermediária de areia fina a média, exposta (*Figura 30b*)
- Praia de areia fina a média, abrigada (*Figura 30c*)

Características:

- Declividade da face praial entre 3 e 10 graus
- Substrato moderadamente permeável
- Mobilidade sedimentar relativamente elevada (acumulação de até 20 cm por ciclo de maré)
- Possibilidade de soterramento parcial do óleo
- As praias de areia fina a média abrigadas têm características análogas às do índice anterior (ISL 3), sendo, porém, mais sensíveis por serem protegidas, com menor grau de exposição à energia de onda e maré

Comportamento potencial do óleo/ações de resposta:

- Penetração máxima do óleo de 25 cm de profundidade
- Mobilidade do sedimento tende ao soterramento do óleo
- Possibilidade de ocorrência de seqüência de estratos contaminados intercalados, exigindo o manuseio de grande volume de sedimentos
- Impacto sobre as comunidades bióticas de intermaré pode ser severo
- Limpeza difícil, agravada pela tendência do equipamento misturar ainda mais o óleo com o sedimento
- Tráfego de veículos pode não ser possível; pode haver a transposição da praia por ondas em situações de tempestade, com potencial contaminação da retaguarda do cordão litorâneo



> *Figura 30a – ISL 4, Praia de areia grossa, Praia de Manguinhos, Serra (ES)*



> *Figura 30b – ISL 4, Praia intermediária de areia fina a média, exposta, Praia de Guriri, São Mateus (ES)*



> *Figura 30c – ISL 4, Praia de areia fina a média, abrigada, Lagoa do Siri, Marataízes (ES)*

ISL 5 – SUBSTRATOS DE MÉDIA A ELEVADA PERMEABILIDADE, COM ALTA PENETRAÇÃO / SOTERRAMENTO DO ÓLEO

- Praia mista de areia e cascalho, ou conchas (*Figura 31a*)
- Terraço ou plataforma de abrasão de superfície irregular ou recoberta de vegetação (*Figura 31b*)

Características:

- Energia variada das ondas e das correntes de maré
- Declividade entre 8 e 15 graus, nos casos de substratos móveis, ou sub-horizontal em substratos duros
- Média a elevada permeabilidade do substrato (mistura de cascalho e areia); participação relativa da fração cascalho (maior que 2 mm) de pelo menos 20% na composição do sedimento
- Cascalho pode ser composto de fragmentos de rochas, conchas ou corais
- Percolação do óleo até cerca de 50 cm de profundidade
- Mobilidade dos sedimentos muito elevada no ciclo tempestade/pós-tempestade potencial de erosão durante tempestades e posterior soterramento
- Superfície irregular ou recoberta de vegetação, no caso de substratos duros

Comportamento potencial do óleo/ações de resposta:

- Penetração máxima do óleo de 50 cm de profundidade
- Maior profundidade de penetração do óleo dificulta a limpeza, podendo causar erosão ou problemas de descarte
- Baixa trafegabilidade em função do substrato
- Persistência do óleo pode ser alta se houver soterramento ou retenção em irregularidades do substrato
- Tempestades periódicas podem ajudar a remoção e/ou soterramento do óleo



> *Figura 31a – ISL 5, Praia mista de areia e cascalho, ou conchas, Praia do Porto de Tubarão, Vitória (ES)*



> *Figura 31b – ISL 5, Terraço de abrasão de superfície irregular, recoberto por vegetação, Praia Formosa, Aracruz (ES)*

ISL 6 – SUBSTRATOS DE ELEVADA PERMEABILIDADE; ALTA PENETRAÇÃO / SOTERRAMENTO DO ÓLEO

- Enrocamentos – *rip-rap* (Figura 32a), guia corrente, quebra-mar (Figura 32b) – expostos
- Terraço exumado recoberto por concreções lateríticas (disformes porosas) (Figura 32c)

Características:

- Elevada variabilidade anual no grau de exposição e, conseqüentemente, na frequência de mobilização de sedimentos por ação das ondas
- Reflexão variável das ondas
- Elevada permeabilidade do substrato (cascalho) ou substrato rochoso/duro com muitas reentrâncias
- Declividade moderada
- Potencial de soterramento e erosão durante tempestades
- Baixa trafegabilidade e reposição natural dos sedimentos

Comportamento potencial do óleo/ações de resposta:

- Penetração máxima do óleo de 100 cm de profundidade
- Praia de cascalho sofrem maior impacto devido à maior penetração do óleo e dificuldade de remoção
- Persistência do óleo pode ser alta se houver soterramento ou se as tempestades após o soterramento forem pouco frequentes
- Limpeza pode ser difícil devido à grande profundidade de penetração do óleo e baixa trafegabilidade
- Jateamento com água pode ser uma solução parcial em enrocamentos

> Figura 32a – ISL 6, Enrocamentos expostos – *rip rap*, Praia do PortoCel, Aracruz (ES)



> Figura 32b – ISL 6, Enrocamentos expostos – Quebra-mar, Praia do centro, Marataízes (ES)



FIGURA 32c – ISL 6, Terraço exumado recoberto por concreções lateríticas (disformes porosas), Praia Formosa, Aracruz (ES).



ISL 7 – SUBSTRATOS SUB-HORIZONTAIS, PERMEÁVEIS, EXPOSTOS

- Planície de maré arenosa exposta (*Figura 33a*)
- Terraço de baixa-mar (*Figura 33b*)

Características:

- Acumulação sedimentar de baixíssima declividade (menor que 3 graus)
- Substrato formado predominantemente por areia, podendo ocorrer frações de silte e cascalho
- Penetração do óleo muito reduzida, devido à saturação do sedimento com água
- Largura variando de poucos metros a quilômetros
- Substrato inconsolidado de baixa trafegabilidade

Comportamento potencial do óleo/ações de resposta:

- Óleo tende a não penetrar ou aderir facilmente aos sedimentos arenosos saturados
- Óleo tende a ser transportado para a zona de alcance máximo da preamar ou é levado ao longo da costa pelas correntes de maré
- O impacto na biota pode ser alto devido à exposição tóxica (óleos leves ou frações dispersas) ou asfixia (óleos pesados)
- Limpeza difícil devido à tendência de transferir o óleo para camadas mais profundas de sedimento através do pisoteio ou outras ações de resposta



< *Figura 33a – ISL 7, Planície de maré arenosa exposta, Praia de Maria Neném, Piúma (ES)*



< *Figura 33b – ISL 7, Terraço de baixa-mar (ao fundo), Praia do PortoCel, Aracruz (ES)*

ISL 8 – SUBSTRATOS IMPERMEÁVEIS A MODERADAMENTE PERMEÁVEIS, ABRIGADOS, COM EPIFAUNA ABUNDANTE

- Escarpa/encosta de rocha lisa, abrigada (*Figura 34a*)
- Escarpa/encosta de rocha não lisa, abrigada (*Figura 34b*)
- Escarpa e talude íngreme de areia, abrigado (*Figura 34c*)
- Enrocamento (*rip-rap* e outras estruturas artificiais não lisas) abrigado (*Figura 34d*)

Características:

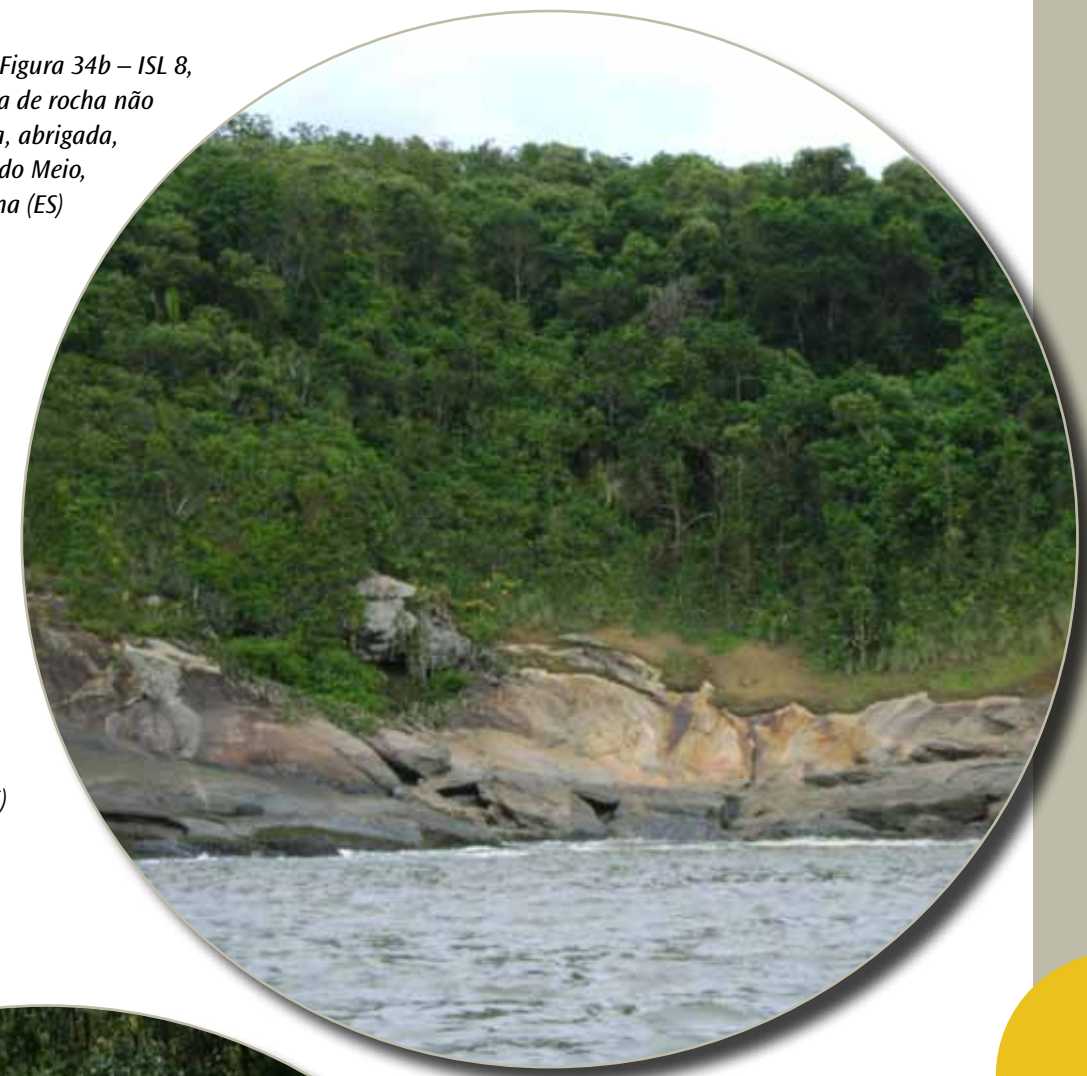
- Abrigado da ação das ondas; substrato duro composto por rocha do embasamento, estrutura artificial ou argila dura
- Substrato pode variar de vertical liso a encosta rugosa de variados graus de permeabilidade
- Declividade geralmente íngreme (maior que 15 graus), resultando em estreita faixa de estirâncio
- Comum a presença de cobertura densa de algas e outros organismos

Comportamento potencial do óleo/ações de resposta:

- Óleo tende a recobrir a superfície contaminada, persistindo por longo tempo devido à inexistência de hidrodinamismo capaz de efetuar a remoção
- Impacto na biota pode ser alto devido à exposição tóxica (óleos leves ou frações dispersas) ou asfixia (óleos pesados)
- Limpeza frequentemente necessária, tanto por razões estéticas, quanto pela baixa remoção natural, sendo muitas vezes complicada, devido à dificuldade de acesso



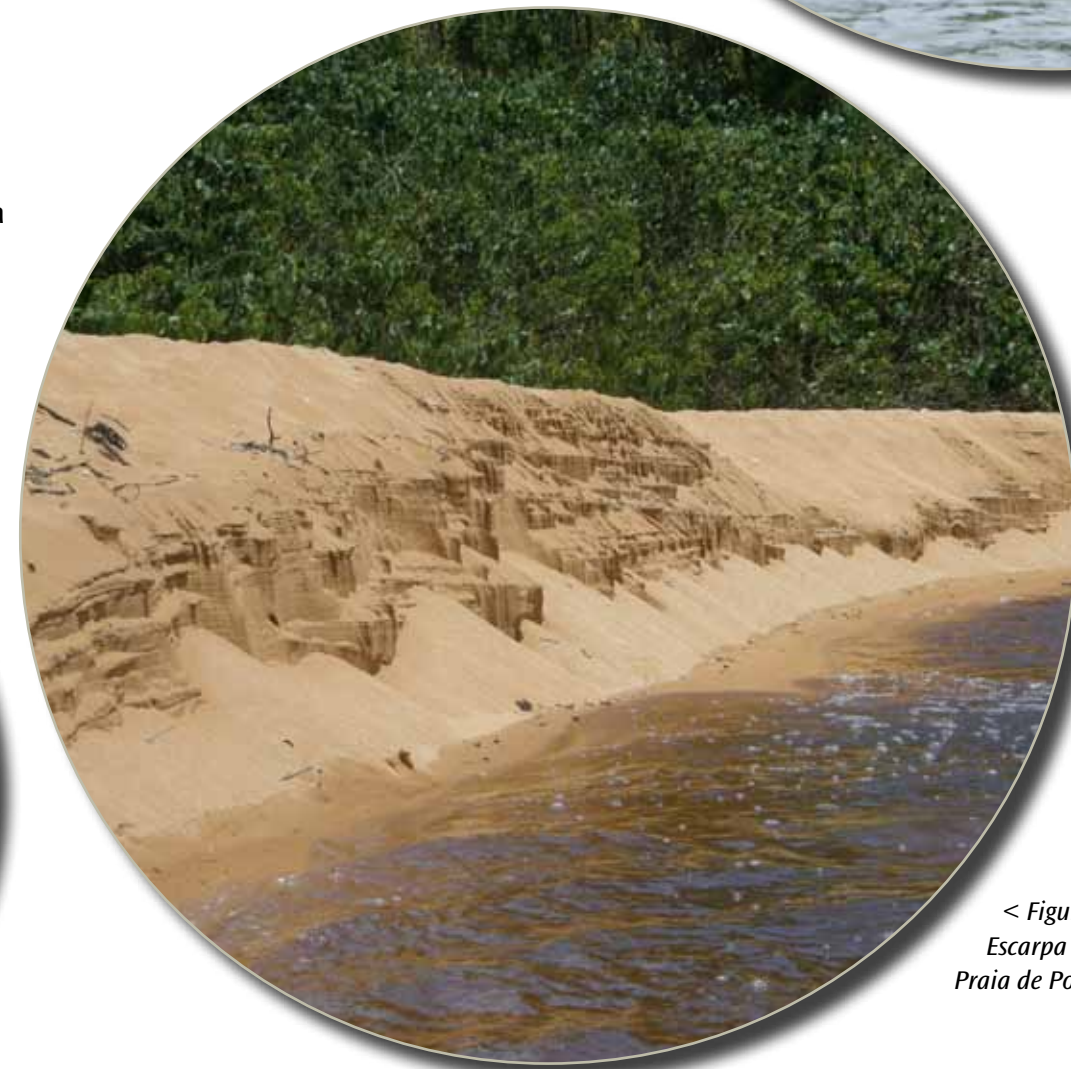
> *Figura 34b – ISL 8, Encosta de rocha não lisa, abrigada, Ilha do Meio, Piúma (ES)*



< *Figura 34a – ISL 8, Encosta de rocha lisa, abrigada, Pedra do Penedo, Vila Velha (ES)*



> *Figura 34d – ISL 8, Enrocamento abrigado, Praia Enseada do Suá, Vitória (ES)*



< *Figura 34c – ISL 8, Escarpa íngreme de areia, abrigada, Praia de PortoCel, Aracruz (ES)*

ISL 9 – SUBSTRATOS SEMIPERMEÁVEIS, PLANOS, ABRIGADOS

- Planície de maré arenosa/lamosa abrigada e outras áreas úmidas costeiras não vegetadas (*Figura 35a*)
- Terraço de baixa-mar lamoso abrigado (*Figura 35b*)

Características:

- Abrigado da ação das ondas; substrato sub-horizontal lamoso (declividade menor que 3 graus)
- Sedimento saturado com água, com baixa permeabilidade a não ser pela presença de orifícios feitos por animais
- Largura variando de poucos metros a quilômetros
- Sedimentos finos de baixa trafegabilidade

Comportamento potencial do óleo/ações de resposta:

- A penetração de óleo é limitada pelos sedimentos saturados de água
- Óleo tende a ser transportado para a zona de alcance máximo da preamar, onde pode ocorrer penetração no substrato
- O impacto na biota pode ser alto devido à exposição tóxica (óleos leves ou frações dispersas) ou asfixia (óleos pesados)
- A remoção natural ocorre de forma extremamente lenta
- O substrato mole e a dificuldade de acesso inviabilizam a limpeza; qualquer esforço nesse sentido tende a introduzir o óleo nas camadas mais profundas



< *Figura 35a – ISL 9, Planície de maré arenosa abrigada, Rio Itaúnas, Itaúnas (ES)*



< *Figura 35b – ISL 9, Terraço de baixa-mar lamoso abrigado, Rio Benevente, Anchieta (ES)*

ISL 10 – ZONAS PANTANOSAS COM VEGETAÇÃO ACIMA D'ÁGUA

- Delta e barra de rio vegetada (*Figura 36a*)
- Terraço alagadiço, banhado, brejo, margem de rio e lagoa (*Figura 36b*)
- Brejo salobro ou de água salgada, com vegetação adaptada ao meio salobro ou salgado (*Figura 36c*)
- Manguezal (mangues frontais e mangues de estuários) (*Figura 36d*)

Características:

- Ambientes de baixa energia; substrato plano, lamoso a arenoso, sendo mais comuns os substratos muito orgânicos lamosos
- Declive geralmente muito baixo, menor que 3 graus (zona intermaré tende a ser extensa)
- Sedimento saturado com água com baixa permeabilidade a não ser pela presença de orifícios feitos por animais; sedimentos moles de baixíssima trafegabilidade



> *Figura 36a – ISL 10, Barra de rio vegetada, Rio Itaúnas, Itaúnas (ES)*



< *Figura 36b – ISL 10, Margem de rio, Barra Nova, São Mateus (ES)*



> *Figura 36c – ISL 10, Brejo de água salobra, Praia de Itaúnas, Itaúnas (ES)*

Comportamento potencial do óleo/ações de resposta:

- A penetração do óleo é limitada pelos sedimentos saturados de água; possibilidade de cobertura direta da vegetação pelo óleo na zona intermaré
- Cobertura direta com óleos viscosos pode sufocar os organismos bentônicos e sistemas radiculares
- Impacto na biota pode ser alto devido à exposição tóxica (óleos leves ou frações dispersas) ou asfixia (óleos pesados)
- Remoção natural ocorre de forma extremamente lenta, devido aos baixos níveis de energia e biodegradação (condição anaeróbia do substrato) desses ambientes
- Hábitats mais sensíveis devido à elevada riqueza e valor biológico; estruturas vivas funcionam como armadilhas de retenção de óleo
- O substrato mole e a dificuldade de acesso tornam a limpeza impraticável
- Qualquer tentativa de limpeza poderá introduzir o óleo nas camadas mais profundas e agravar o dano

> *Figura 36d – ISL 10, Manguezal, Rio Guarapará, Guarapará (ES)*





6

Cartas de sensibilidade ambiental ao derramamento de óleo

6.1 CARTA ESTRATÉGICA

As cartas de sensibilidade ambiental para derramamentos de óleo na zona costeira e marinha devem atender a todos os níveis de incidentes de poluição por óleo. O emprego das cartas SAO pode variar desde o uso para planejamento de proteção e limpeza da costa em locais específicos, até o planejamento estratégico, em uma escala regional, para grandes acidentes em áreas remotas.

A Carta Estratégica para a BMES foi construída na escala de 1:300.000, de acordo com as Especificações e Normas Técnicas para Elaboração de Cartas SAO e com o Plano Cartográfico para o Mapeamento de Sensibilidade Ambiental ao Óleo da Zona Costeira e Marinha. Esta escala é adequada para acidentes de grande porte, que extrapola a capacidade da empresa responsável pelo acidente de responder imediatamente. O acidente pode ocorrer tanto próximo às instalações quanto muito distante e pode mobilizar recursos locais, nacionais e internacionais.

A Carta Estratégica contempla uma classificação simplificada da sensibilidade da linha de costa ao óleo, em três níveis: baixo, médio e alto (*Tabela 3*). Além dos índices de sensibilidade do litoral, as seguintes informações constam da Carta SAO Estratégica:

- batimetria;
- parâmetros de circulação oceânica;
- direção predominante do transporte litorâneo;
- indicação da amplitude de maré em pontos selecionados;
- climatologia dos ventos em superfície;
- contorno da linha de costa, com as informações topográficas e hidrográficas de interesse;

TABELA 3 – Índices de sensibilidade do litoral para a carta estratégica, em três níveis (baixo, médio e alto)

COR	ÍNDICE	CÓDIGO			TIPOS DE COSTA
		R	G	B	
	BAIXA	0	151	212	– Costões rochosos lisos, de alta declividade, expostos. – Falésias em rochas sedimentares, expostas. – Estruturas artificiais lisas (paredões marítimos artificiais), expostas. – Costões rochosos lisos, de declividade média a baixa, expostos. – Terraços ou substratos de declividade média, expostos (terraço ou plataforma de abrasão, terraço arenítico exumado bem consolidado, etc). – Praias dissipativas de areia média a fina, expostas. – Faixas arenosas contíguas à praia, não vegetadas, sujeitas à ação de ressacas (restingas isoladas ou múltiplas, feixes alongados de restingas tipo “long beach”). – Escarpas e taludes íngremes (formações do grupo Barreiras e Tabuleiros Litorâneos), expostos. – Campos de dunas expostas. – Praias de areia grossa. – Praias intermediárias de areia fina a média, expostas. – Praias de areia fina a média, abrigadas.
	MÉDIA	0	149	32	– Praias mistas de areia e cascalho, ou conchas e fragmentos de corais. – Terraço ou plataforma de abrasão de superfície irregular ou recoberta de vegetação. – Recifes areníticos em franja. – Praias de cascalho (seixos e calhaus). – Costa de detritos calcários. – Depósito de tálus. – Enrocamentos (“rip-rap”, guias corrente, quebra-mar) expostos. – Plataforma ou terraço exumado recoberto por concreções lateríticas. – Planície de maré arenosa exposta. – Terraço de baixa-mar. – Escarpa/encosta de rocha lisa, abrigada. – Escarpa/ encosta de rocha não lisa, abrigada. – Escarpas e taludes íngremes de areia, abrigados. – Enrocamentos (“rip-rap” e outras estruturas artificiais não lisas) abrigados.
	ALTA	214	0	24	– Planície de maré arenosa/lamosa abrigada e outras áreas úmidas costeiras não vegetadas. – Terraço de baixa-mar lamoso abrigado. – Recifes areníticos servindo de suporte para colônias de corais. – Terraços alagadiços, banhados, brejos, margens de rios e lagoas vegetadas. – Brejo salobro ou de água salgada, com vegetação adaptada ao meio salobro ou salgado, apicum, marismas, manguezal (mangues frontais e mangues de estuários)

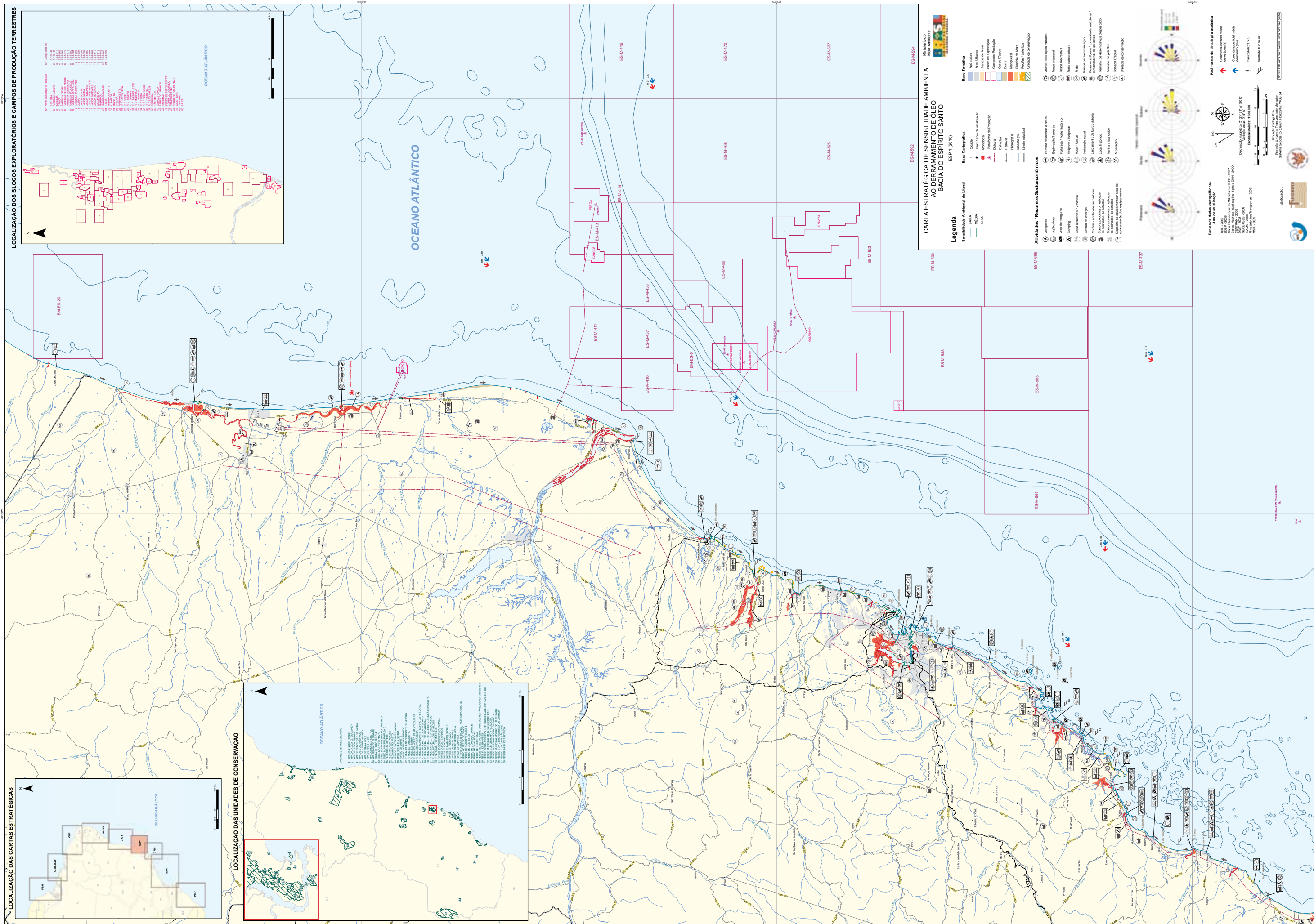
- unidades de conservação costeiras e marinhas, com os seus respectivos nomes, classificação e limites;
- principais recursos biológicos e atividades socioeconômicas. Sítios históricos e reservas indígenas localizados na zona costeira;
- informações relevantes para resposta a incidentes de poluição por óleo (estradas de acesso à costa, aeroportos, portos e atracadouros, rampas para embarcações, instalações militares que possam prover apoio logístico às operações de combate a derramamentos de petróleo e derivados);
- blocos de exploração de petróleo no mar e na costa, oleodutos, locais de transbordo e terminais petrolíferos.

Informações mais detalhadas sobre a sensibilidade do litoral a derramamentos de petróleo e derivados devem ser obtidas nas cartas SAO de nível tático e de nível operacional das BMES.

Outras informações inseridas na carta SAO de nível estratégico:

- título, número, escala, projeção cartográfica, sistema geodésico e datum horizontal, de acordo com as Especificações e Normas Técnicas para Elaboração de Cartas SAO;
- fontes de dados e base cartográfica utilizadas;
- Reticulado em coordenadas UTM (MC=39°W), tendo indicada nas bordas, em cor diferente, uma grade em coordenadas geográficas (latitude e longitude);
- toponímia oficial brasileira para as localidades e acidentes geográficos costeiros e marinhos;
- divisão geopolítica (limites estaduais) e representação dos principais centros urbanos e localidades;
- indicação da declinação magnética e de sua variação anual;
- escala gráfica;
- mapa de Localização indicando os limites da carta SAO estratégica e das cartas SAO em nível tático da BMES;
- legenda com o significado de todos os ícones, símbolos e terminologia representados na carta, para possibilitar a leitura e a interpretação da carta SAO sem consulta a qualquer outro documento.

• NOTA:
A Carta Estratégica apresentada na página 47 deve servir apenas como referência. Essa mesma carta é apresentada em tamanho A0 como parte integrante do Atlas.



6.2 CARTAS TÁTICAS

A utilização das cartas SAO táticas (*Tabela 4*) está, em geral, associada à vazamentos de porte médio que podem causar impactos além dos limites das instalações de origem do óleo derramado, envolvendo recursos de terceiros. O óleo tem origem em acidentes com embarcações em portos, baías/estuários, na costa e em oleodutos. Essas cartas tem escala intermediária, entre a pequena escala da carta estratégica e as escalas maiores das cartas SAO operacionais.

As três cartas táticas de sensibilidade ambiental ao óleo para a BMES foram construídas na escala de 1:150.000 (ESP 10, ESP 11, ESP 12) (*Figura 42*), de acordo com as Especificações e Normas Técnicas para a Elaboração de Cartas SAO e o Plano Cartográfico para o Mapeamento de Sensibilidade Ambiental ao Óleo da Zona Costeira e Marinha. As cartas táticas contemplam a classificação detalhada dos índices de sensibilidade do litoral (ISL), conforme apresentado na metodologia deste Atlas. Ademais, constam das cartas SAO táticas as seguintes informações, relacionadas à sensibilidade ambiental ao óleo da região mapeada:

- batimetria;
- parâmetros de circulação costeira;
- direção predominante do transporte litorâneo;
- indicação da amplitude de maré em pontos selecionados;
- linha de contorno da costa, com as informações topográficas e hidrográficas de interesse;
- unidades de conservação costeiras e marinhas, com seus nomes, classificação e limites;
- sítios históricos e reservas indígenas localizados na zona costeira;
- recursos biológicos sensíveis, com a sua localização e informações se se tratam de espécies protegidas, raras, ameaçadas ou em perigo de extinção;
- áreas que apresentam aspectos biológicos relevantes (áreas de desova, endemismo e outros fenômenos biológicos especiais);
- atividades socioeconômicas que podem ser afetadas por derramamentos de óleo ou pelas ações de resposta a incidentes de poluição por petróleo e derivados;



FIGURA 42 – Articulação das cartas táticas. O polígono azul representa o envoltório da carta estratégica

TABELA 4 – Coordenadas geográficas e UTM dos limites das cartas SAO táticas das Bacia Marítima do Espírito Santo

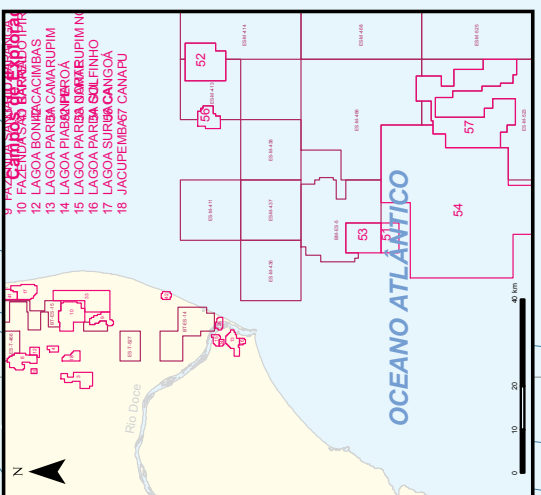
Táticas	Vértices	COORDENADAS GEOGRÁFICAS		COORDENADAS UTM	
		LAT	LONG	E	N
ESP10 (UTM zona 24S)	1	18° 5' 56,058" S	39° 59' 49,108" W	392549,027	7999006,188
	2	18° 5' 56,058" S	39° 13' 55,956" W	477552,896	7999006,188
	3	19° 11' 50,334" S	39° 59' 49,108" W	392549,027	7876872,253
	4	19° 11' 50,334" S	39° 13' 55,956" W	477552,896	7876872,253
ESP11 (UTM zona 24S)	1	19° 7' 49,113" S	40° 23' 23,465" W	351758,661	7884696,606
	2	19° 7' 49,113" S	39° 37' 30,872" W	436763,424	7884696,606
	3	20° 13' 43,175" S	40° 23' 23,465" W	351758,661	7762548,766
	4	20° 13' 43,175" S	39° 37' 30,872" W	436763,424	7762548,766
ESP12 (UTM zona 24S)	1	20° 12' 20,803" S	40° 57' 21,473" W	293539,09	7765210,217
	2	20° 12' 20,803" S	40° 11' 29,400" W	378577,972	7765210,217
	3	21° 18' 14,516" S	40° 57' 21,473" W	293539,09	7643023,833
	4	21° 18' 14,516" S	40° 11' 29,400" W	378577,972	7643023,833

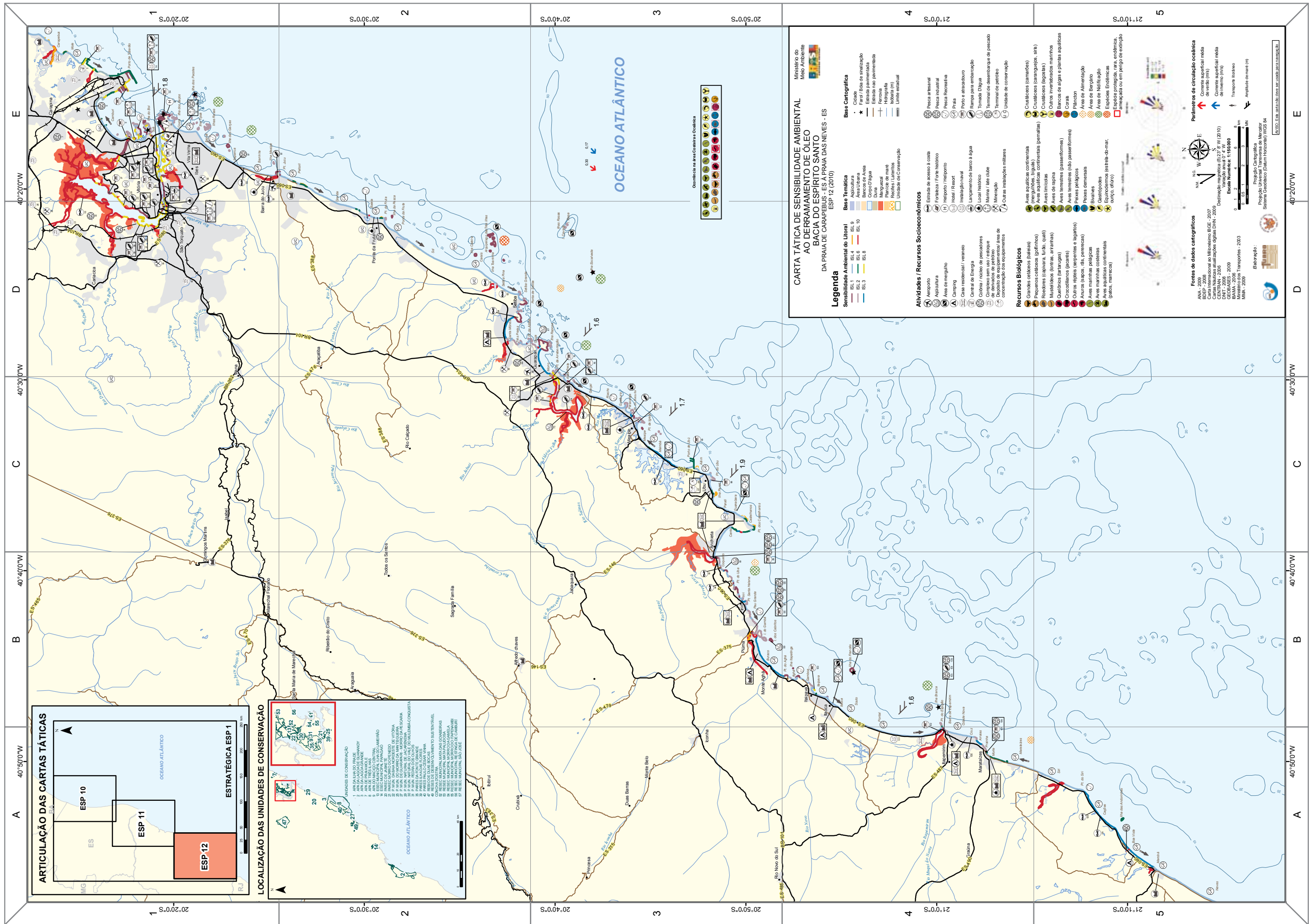
- informações relevantes para resposta a incidentes de poluição por óleo (aeroportos, heliportos/helipontos, estradas de acesso à costa, portos e atracadouros, rampas para embarcações, instalações militares que possam prover apoio logístico às operações de combate a derramamentos de petróleo e derivados);
- terminais petrolíferos e outras instalações da indústria do petróleo.

Outras informações representadas nas Cartas SAO de nível tático:

- título, número, escala, projeção cartográfica, sistema geodésico e datum horizontal, de acordo com as Especificações e Normas Técnicas para Elaboração de Cartas SAO;
- reticulado em coordenadas UTM (zona 24 Sul, MC=39°W), tendo indicada nas bordas, em cor diferente, uma grade em coordenadas geográficas (latitude e longitude);
- toponímia oficial brasileira para as localidades e acidentes geográficos costeiros e marinhos;
- divisão geopolítica (limites estaduais) e representação dos principais centros urbanos e localidades costeiras;
- escala gráfica;
- mapa de localização da carta tática e sua relação com as demais cartas SAO de nível tático;
- legenda completa, com o significado de todos os ícones, símbolos e terminologia lançados na carta, para possibilitar a leitura e a interpretação da carta SAO sem consulta a qualquer outro documento.

NOTA:
As cartas táticas apresentadas nas página 49, 50 e 51 devem servir apenas como referência. Essas cartas são apresentadas em tamanho A1 como parte integrante do Atlas.





6.3 CARTAS OPERACIONAIS

As cartas SAO operacionais destinam-se ao planejamento de contingência em nível local e a orientar a implementação de ações de resposta a incidentes de poluição por óleo em pontos específicos da costa. Referem-se, portanto, a derramamentos localizados, devendo ser elaboradas em escalas grandes, representando com o detalhe necessário os locais de alto risco e/ou sensibilidade existentes na área mapeada. Na BMES foram preparadas cartas SAO operacionais para a foz do rio Doce (ESP 101 e ESP 102), Barra do Riacho (ESP 103), Barra de Santa Cruz (ESP 104), baía do Espírito Santo (ESP 105), Guarapari (ESP 106), porto de UBU (ESP 107) e a região de Piúma e Anchieta (ESP 108).

As oito cartas SAO operacionais para a BMES foram construídas na escala de 1:50.000 (Tabela 5), de acordo com as Especificações e Normas Técnicas para a Elaboração de Cartas SAO e o Plano Cartográfico para o Mapeamento de Sensibilidade Ambiental ao Óleo da Zona Costeira e Marinha. As cartas operacionais contemplam a classificação detalhada dos índices de sensibilidade do litoral (ISL), conforme apresentada na metodologia deste atlas. Ademais, constam das cartas SAO operacionais as seguintes informações principais, relacionadas à sensibilidade ambiental ao óleo da região mapeada:

- batimetria (representada por isóbatas convenientemente distribuídas);
- parâmetros de circulação costeira;
- direção predominante do transporte litorâneo;
- indicação da amplitude de maré no local mapeado;
- climatologia dos ventos em superfície;
- linha de contorno da costa, com as informações topográficas e hidrográficas de interesse;
- unidades de conservação costeiras e marinhas, com seus nomes, classificação e limites;
- sítios históricos e reservas indígenas localizados na área cartografada;
- recursos biológicos sensíveis, com a sua localização e informações do seu status (se protegidas, raras, ameaçadas ou em perigo de extinção);
- áreas que apresentam aspectos biológicos relevantes (áreas de desova, endemismo e outros fenômenos biológicos especiais);
- atividades socioeconômicas que podem ser afetadas por derramamentos de óleo ou pelas ações de resposta a incidentes de poluição por petróleo e derivados;
- informações relevantes para resposta a incidentes de poluição por óleo (aeroportos, heliportos/helipontos, estradas de acesso à costa, portos e atracadouros, rampas para embarcações, instalações militares que possam prover apoio logístico às operações de combate a derramamentos de petróleo e derivados);
- terminais petrolíferos e outras instalações da indústria do petróleo.

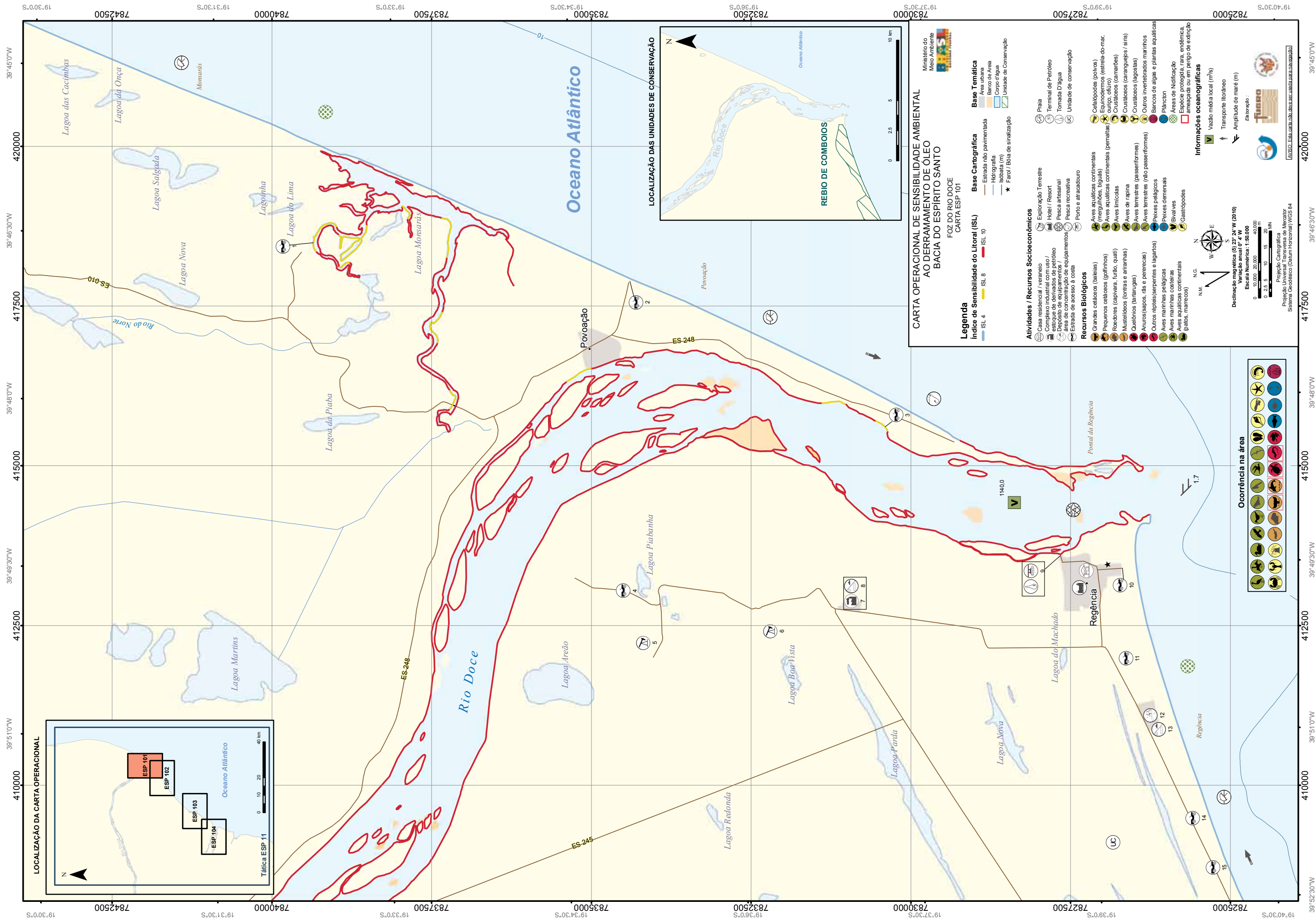
Outras informações representadas nas Cartas SAO de nível operacional:

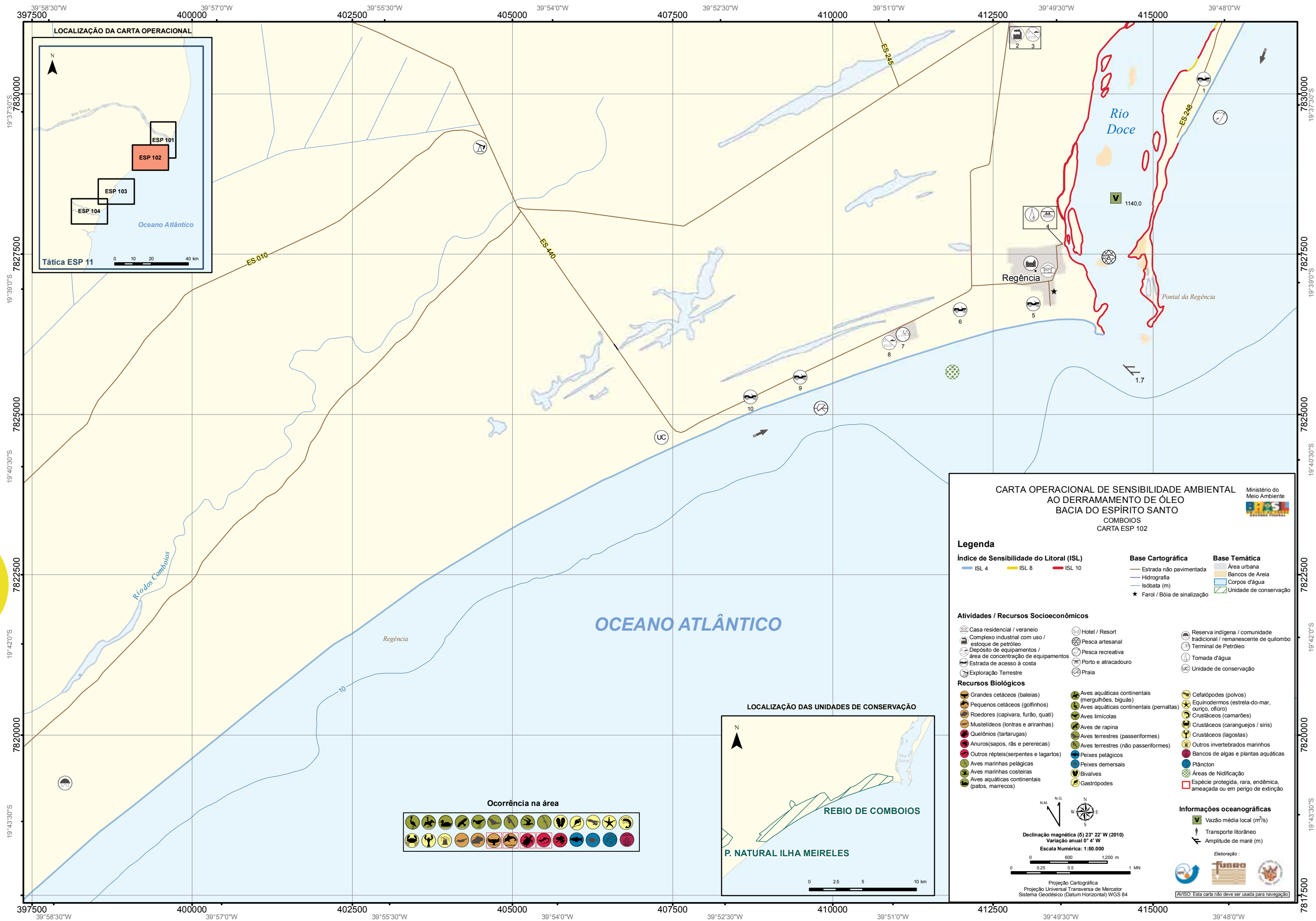
- título, número, escala, projeção cartográfica, sistema geodésico e datum horizontal, de acordo com as Especificações e Normas Técnicas para Elaboração de Cartas SAO;

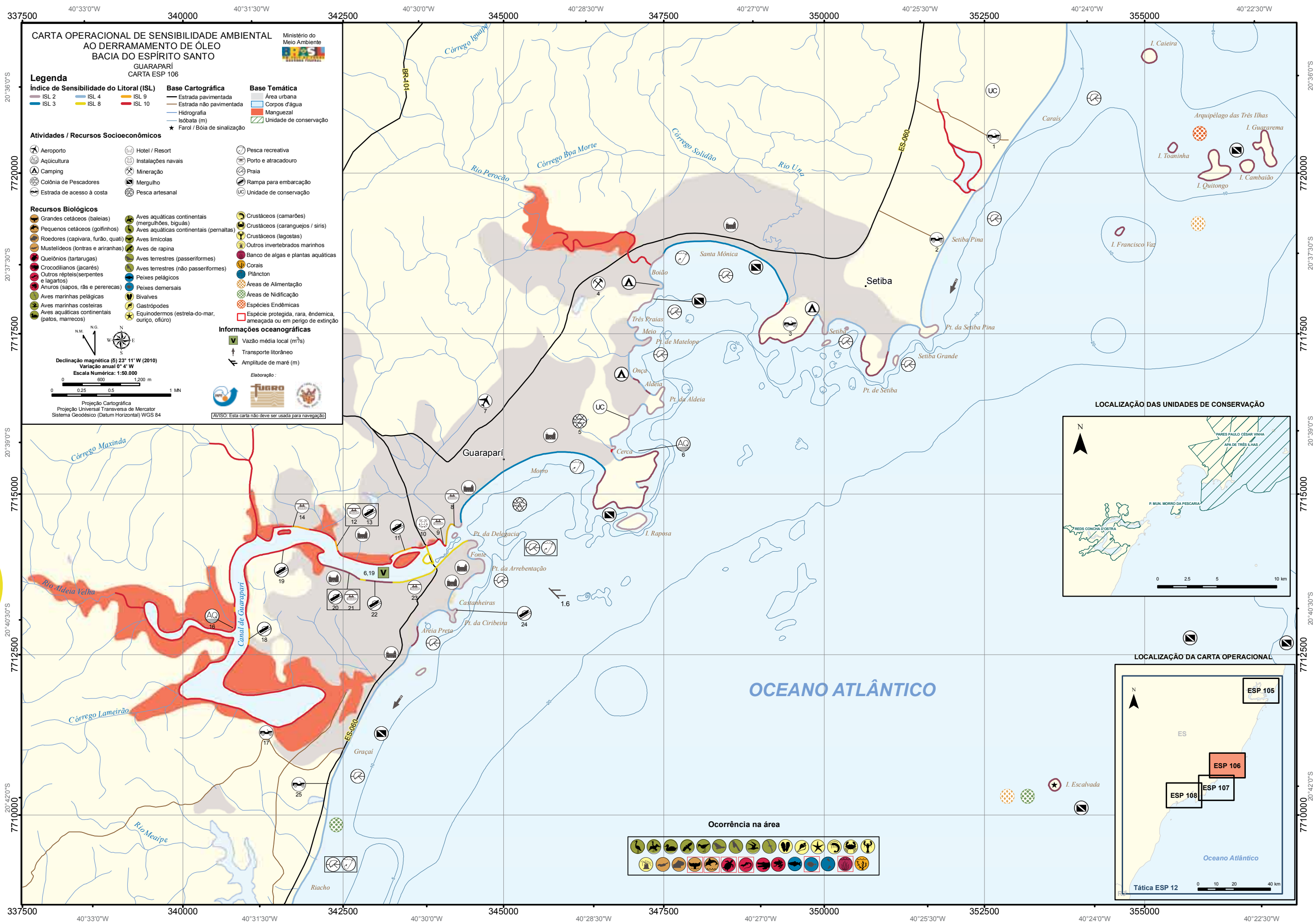
TABELA 5 – Coordenadas geográficas e UTM dos limites das cartas SAO operacionais da Bacia Marítima do Espírito Santo

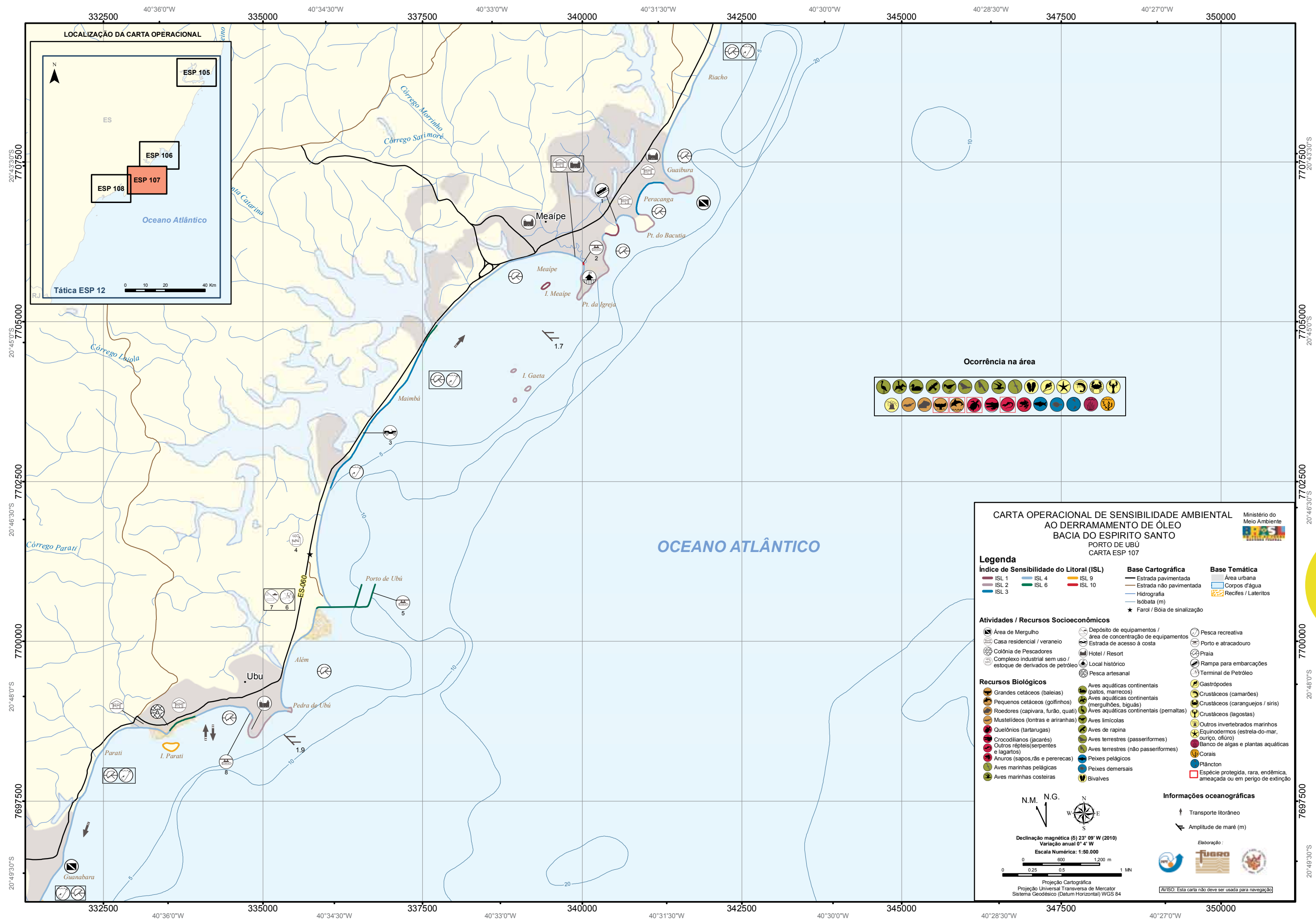
Operacionais	Vértices	COORDENADAS GEOGRÁFICAS		COORDENADAS UTM	
		LAT	LONG	E	N
ESP101 (UTM zona 24S)	1	19° 29' 51,99" S	39° 52' 33,144" W	408190,811	7843893,517
	2	19° 29' 51,99" S	39° 44' 40,239" W	421962,084	7843893,517
	3	19° 40' 40,04" S	39° 52' 33,144" W	408190,811	7823937,632
	4	19° 40' 40,04" S	39° 44' 40,239" W	421962,084	7823937,632
ESP102 (UTM zona 24S)	1	19° 36' 47,611" S	39° 58' 43,402" W	397366,172	7831126,336
	2	19° 36' 47,611" S	39° 47' 20,832" W	417252,652	7831126,336
	3	19° 44' 11,234" S	39° 58' 43,402" W	397366,172	7817383,264
	4	19° 44' 11,234" S	39° 47' 20,832" W	417252,652	7817383,264
ESP103 (UTM zona 24S)	1	19° 46' 44,732" S	40° 8' 44,28" W	380080,824	7812682,271
	2	19° 46' 44,732" S	39° 57' 17,756" W	399965,682	7812682,271
	3	19° 54' 7,28" S	40° 8' 44,28" W	380080,824	7798938,449
	4	19° 54' 7,28" S	39° 57' 17,756" W	399965,682	7798938,449
ESP104 (UTM zona 24S)	1	19° 52' 38,644" S	40° 16' 31,358" W	366477,145	7801635,824
	2	19° 52' 38,644" S	40° 5' 7,632" W	386362,73	7801635,824
	3	20° 0' 8,352" S	40° 16' 31,358" W	366477,145	7787894,65
	4	20° 0' 8,352" S	40° 5' 7,632" W	386362,73	7787894,65
ESP105 (UTM zona 24S)	1	20° 13' 36,707" S	40° 23' 40,127" W	354329,542	7762956,551
	2	20° 13' 36,707" S	40° 12' 14,887" W	374216,11	7762956,551
	3	20° 21' 3,718" S	40° 23' 40,127" W	354329,542	7749218,781
	4	20° 21' 3,718" S	40° 12' 14,887" W	374216,11	7749218,781
ESP106 (UTM zona 24S)	1	20° 35' 33,331" S	40° 33' 38,825" W	337483,123	7722346,141
	2	20° 35' 33,331" S	40° 22' 7,058" W	357367,782	7722346,141
	3	20° 42' 54,205" S	40° 33' 38,825" W	337483,123	7708602,707
	4	20° 42' 54,205" S	40° 22' 7,058" W	357367,782	7708602,707
ESP107 (UTM zona 24S)	1	20° 42' 23,639" S	40° 37' 17,152" W	331280,045	7709669,409
	2	20° 42' 23,639" S	40° 25' 45,094" W	351164,24	7709669,409
	3	20° 49' 50,312" S	40° 37' 17,152" W	331280,045	7695929,028
	4	20° 49' 50,312" S	40° 25' 45,094" W	351164,24	7695929,028
ESP108 (UTM zona 24S)	1	20° 44' 45,116" S	40° 47' 9,647" W	314045,789	7705160,844
	2	20° 44' 45,116" S	40° 35' 47,054" W	333930,048	7705160,844
	3	20° 52' 11,851" S	40° 47' 9,647" W	314045,789	7691419,828
	4	20° 52' 11,851" S	40° 35' 47,054" W	333930,048	7691419,828

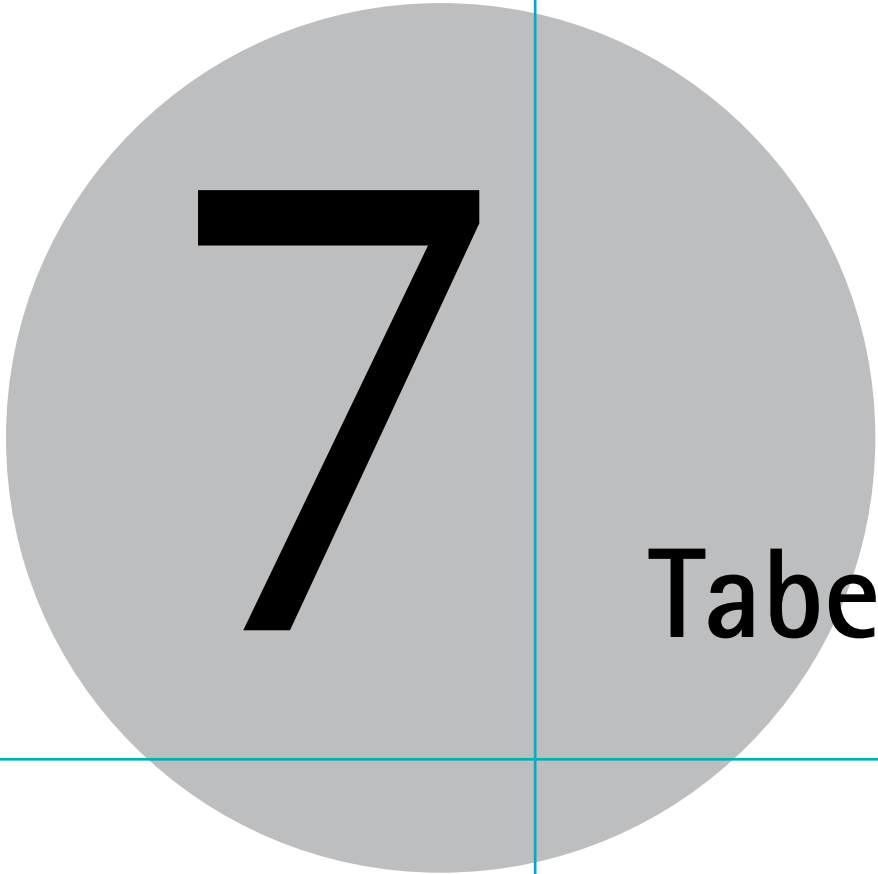
- reticulado em coordenadas UTM, tendo indicada nas bordas, em cor diferente, uma grade em coordenadas geográficas (latitude e longitude);
- toponímia oficial brasileira para as localidades e acidentes geográficos costeiros e marinhos;
- representação dos principais centros urbanos e localidades costeiras;
- escala gráfica;
- mapa de localização das cartas, indicando a posição da carta operacional e sua relação com as demais cartas SAO de nível operacional;
- legenda completa, com o significado de todos os ícones, símbolos e terminologia lançados na carta, para possibilitar a leitura e a interpretação da carta SAO sem consulta a qualquer outro documento.











7

Tabelas de recursos

7.1. RECURSOS SOCIOECONÔMICOS

7.1.1. Recursos socioeconômicos das cartas táticas

Nº	Grupo	Nome	Município	Localidade
ESP010 – DA BARRA DE MUCURI AO PONTAL DO IPIRANGA				
1	Uso / Extração de recursos naturais	Exploração Terrestre	Conceição da Barra	
2	Uso / Extração de recursos naturais	Colônia de Pescadores Z1	Conceição da Barra	Rua Cap. Antero Faria, Centro
3	Transporte	Atracadouro	Conceição da Barra	Rio Cricaré
4	Transporte	Rampa para embarcações	Conceição da Barra	Rio Cricaré
5	Uso / Extração de recursos naturais	Terminal de desembarque de pescado	Conceição da Barra	
5	Transporte	Porto de Coceição da Barra	Conceição da Barra	Rio Cricaré
6	Transporte	Rampa para embarcações	Conceição da Barra	Rio Cricaré
7	Transporte	Acesso a margem do Rio Cricaré	São Mateus	Rio Cricaré
8	Transporte	Acesso a margem do Rio Cricaré	São Mateus	Rio São Mateus
9	Transporte	Aeroporto de São Mateus	São Mateus	Área urbana de São Mateus
10	Uso / Extração de recursos naturais	Exploração Terrestre	São Mateus	Próximo a Guriri
11	Uso / Extração de recursos naturais	Exploração Terrestre	São Mateus	Próximo a Guriri
12	Uso / Extração de recursos naturais	Exploração Terrestre	São Mateus	Próximo a Guriri
13	Uso / Extração de recursos naturais	Exploração Terrestre	São Mateus	Próximo a Guriri
14	Uso / Extração de recursos naturais	Exploração Terrestre	São Mateus	Próximo a Guriri
15	Uso / Extração de recursos naturais	Exploração Terrestre	São Mateus	Próximo a Guriri
16	Uso / Extração de recursos naturais	Aquicultura	São Mateus	Rio Mariricu
17	Uso / Extração de recursos naturais	Aquicultura	São Mateus	Adjacente ao Rio Mariricu
18	Transporte	Rampa para embarcações	São Mateus	Rio Mariricu
19	Transporte	Acesso a margem do Rio Mariricu	São Mateus	Acesso ao Rio Barra Nova
20	Transporte	Trapiches	São Mateus	Margem do Rio Barra Nova
21	Transporte	Rampa para embarcações	São Mateus	Margem do Rio Barra Nova
22	Uso / Extração de recursos naturais	Petrobras – Instalações de atividade de óleo e gás	São Mateus	
23	Resposta	Depósito de equipamentos	São Mateus	
24	Resposta	Terminal Norte Capixaba-Transpetro	São Mateus	Barra Nova
25	Resposta	Deposito de equipamentos	São Mateus	Barra Nova
26	Uso / Extração de recursos naturais	Exploração Terrestre	São Mateus	
27	Uso / Extração de recursos naturais	Faz. São Jorge – Exploração terrestre	Linhares	Pontal do Ipiranga
28	Resposta	Petrobras – Estação de tratamento de fluidos	Linhares	Pontal do Ipiranga
29	Resposta	Depósito de equipamentos	Linhares	Pontal do Ipiranga
ESP011 – DO PONTAL DO IPIRANGA (ES) A LAGOA DE CARAPEBUS (ES)				
1	Uso / Extração de recursos naturais	Faz. São Jorge	Linhares	Próximo a Pontal do Ipiranga
2	Resposta	Petrobrás – Estação de tratamento de fluidos	Linhares	
3	Resposta		São Mateus	Próximo a Pontal do Ipiranga
4	Uso / Extração de recursos naturais	Faz. Eldorado. Atividade de sondagem	Linhares	
5	Resposta	Petrobras	Linhares	
6	Resposta		Linhares	
7	Uso / Extração de recursos naturais	Fazenda Sta Luzia – Atividades de pesquisa e lavra	Linhares	
8	Resposta	Petrobras (BOV)	Linhares	
9	Resposta		Linhares	
10	Transporte	Acesso a Lagoa de Monsarás	Linhares	Margem da Lagoa de Monsarás
11	Transporte	Acesso a Praia de Povoação	Linhares	Praia de Povoação
12	Transporte	Acesso ao Rio Doce. Propriedade particular	Linhares	Margem do Rio Doce
13	Transporte	Acesso ao Rio Doce. Propriedade particular	Linhares	Margem do Rio Doce
14	Uso / Extração de recursos naturais	Campo de exploração	Linhares	
15	Uso / Extração de recursos naturais	Campo de exploração	Linhares	
16	Resposta	Petrobras – pequena planta de armazenamento de gás	Linhares	
17	Resposta		Linhares	
18	Transporte	Atracadouro	Linhares	Margem do Rio Doce
19	Transporte	Acesso para veículos a Praia de Regência	Linhares	
20	Resposta	Petrobras-Centro de Retificação	Linhares	
21	Resposta	Petrobras – Tonéis	Linhares	
22	Transporte	Acesso a Praia de Regência	Linhares	
23	Uso / Extração de recursos naturais	Duto Submerso Cacimbas	Linhares	
24	Transporte	Rampa para embarcações	Aracruz	Margem do Riacho
25	Transporte	Estaleiro	Aracruz	Margem do Riacho
26	Uso / Extração de recursos naturais	Complexo industrial	Aracruz	Barra do Riacho
27	Transporte	Acesso a barra sul do Riacho	Aracruz	Barra Sul do Rio Riacho
28	Transporte	Portocel Aracruz	Aracruz	Barra do Riacho
29	Uso / Extração de recursos naturais	Aracruz Celulose	Aracruz	Barra do Riacho
30	Transporte	Aeroporto de Barra do Riacho	Aracruz	Barra do Riacho
31	Uso / Extração de recursos naturais	Mineração	Aracruz	
32	Transporte	Acesso ao Sul ao PORTOCEL e a praia	Aracruz	Praia ao sul do PortoCel
33	Transporte	Acesso a praia ao sul do Portocel	Aracruz	Praia ao sul do PortoCel
34	Transporte	Acesso a praia	Aracruz	Praia dos 15
35	Transporte	Acesso a praia	Aracruz	Praia do Sauê
36	Transporte	Acesso a praia	Aracruz	Praia de Coqueiral
37	Recreação	Clube da Orla – Sede Náutica	Aracruz	Praia da Base Ocenográfica da UFES – Coqueiral
38	Transporte	Acesso a margem do rio	Aracruz	Margem do Rio Piraquê
39	Transporte	Acesso a margem do rio	Aracruz	Margem do Rio Piraquê
40	Transporte	Acesso a margem do rio	Aracruz	Margem do Rio Piraquê-mirim
41	Transporte	Rampa para embarcações	Aracruz	Margem do Rio Piraquê-mirim
42	Uso / Extração de recursos naturais	Aquicultura	Aracruz	Rio Piraquê-mirim
43	Uso / Extração de recursos naturais	Mineração	Aracruz	

Nº	Grupo	Nome	Município	Localidade
44	Transporte	Acesso a margem do rio	Aracruz	Margem do Rio Piraquê
45	Transporte	Atracadouro	Aracruz	Margem do Rio Piraquê-Santa Cruz
46	Transporte		Aracruz	Margem do Rio Piraquê-Santa Cruz
47	Transporte	Trapiche Particular	Serra	Margem do Rio Reis Magos-Joaripe
48	Transporte	Trapiche	Serra	Margem do Rio Reis Magos-Joaripe
49	Transporte		Serra	Jacaraípe
50	Uso / Extração de recursos naturais	Complexo industrial	Vitória	Próximo a Carapina
51	Resposta	Complexo industrial	Vitória	Próximo a Carapina
52	Uso / Extração de recursos naturais	Mineração	Vitória	Próximo a Carapina
ESP012 – DA PRAIA DE CARAPEBUS A PRAIA DE NEVES				
1	Transporte	Porto de Tubarão – Vale do Rio Doce	Vitória	Porto de Tubarão
2	Uso / Extração de recursos naturais	Porto de Tubarão	Vitória	Área industrial – Porto de Tubarão
3	Uso / Extração de recursos naturais	ArcelorMittal Tubarão-CST	Vitória	Área industrial – Porto de Tubarão
4	Transporte	Porto de Tubarão	Vitória	Porto de Tubarão
5	Uso / Extração de recursos naturais	Área industrial Vale do Rio Doce – Porto de Tubarão	Vitória	Área industrial – Porto de Tubarão
6	Uso / Extração de recursos naturais	Colônia de Pescadores	Vitória	Rua Aurora de Aguiar Ferreira – Jardim Camburi
7	Uso / Extração de recursos naturais	Colônia de Pescadores	Serra	Rua Castelo, Jardim Carapina
8	Transporte	Aeroporto de Vitória	Vitória	Goiabeiras
9	Transporte	Pier de Iemanjá	Vitória	Molhe do Canal da Passagem
10	Transporte	Atracadouro	Vitória	Canal da passagem
11	Transporte	Rampa para embarcações	Vitória	Canal da passagem
12	Transporte	Atracadouro	Vitória	
13	Recreação	Iate Clube de Vitória	Vitória	
14	Áreas sob gestão especial	Capitania dos Portos	Vitória	
15	Transporte	Atracadouro	Vitória	
16	Recreação	Marina	Vitória	Canal de Vitória
17	Transporte	Rampa para embarcações	Vitória	Canal de Vitória
18	Transporte		Vitória	Canal de Vitória
19	Transporte	Pier	Vitória	Dom Bosco-Margem do Canal
20	Transporte	Terminal Aquaviário de Vitória	Vitória	Dom Bosco-Margem do Canal
21	Transporte	Porto de Vitória	Vitória	Centro de Vitória – Margem do canal
22	Transporte	Rampa para embarcações	Vitória	Canal de Vitória
23	Transporte	Caís dos barcos	Vitória	Santo Antônio – Margem do canal
24	Transporte	Rampa para embarcações	Vitória	Santo Antônio – Margem do canal
25	Transporte		Vitória	Canal de Vitória
26	Transporte	Pieres	Vitória	São Pedro – Margem do canal
27	Transporte		Vitória	Canal de Vitória
28	Resposta	Complexo industrial	Cariacica	
29	Uso / Extração de recursos naturais	Mineração	Cariacica	
30	Uso / Extração de recursos naturais	Complexo industrial	Cariacica	
31	Uso / Extração de recursos naturais	Complexo industrial	Cariacica	
32	Transporte	Acesso ao manguezal – margem do canal	Cariacica	Manguezal – margem do canal
33	Uso / Extração de recursos naturais	Colônia de Pescadores	Cariacica	Rua 51 – Nova Rosa da Penha
34	Uso / Extração de recursos naturais	Colônia de Pescadores	Cariacica	Rua Bom Pastor, Porto Novo
35	Transporte	Trapiche	Cariacica	Canal de Vitória
36	Transporte	Estaleiro	Cariacica	Canal de Vitória
37	Transporte	Pier de madeira	Cariacica	Canal de Vitória
38	Transporte	Rampa para embarcações	Cariacica	Canal de Vitória
39	Uso / Extração de recursos naturais	Mineração	Cariacica	
40	Uso / Extração de recursos naturais	Complexo industrial	Cariacica	
41	Uso / Extração de recursos naturais	Empresa V e M do Brasil – Torex	Cariacica	Av. vale do Rio Doce, São Torquato
42	Uso / Extração de recursos naturais	Pinassom-Empresa VALE do Rio Doce	Cariacica	Av. vale do Rio Doce, São Torquato
43	Transporte	Pier na marina	Cariacica	Canal de Vitória
44	Recreação	Marina	Cariacica	Av. Robert Kennedy
45	Áreas sob gestão especial	Polícia Federal	Cariacica	Rua Vale do Rio Doce, São Torquato
46	Transporte	Terminal portuário de Vila Velha	Vila Velha	Canal de Vitória
47	Transporte	Terminal portuário de Vila Velha	Vila Velha	Canal de Vitória
48	Transporte		Vila Velha	
49	Transporte	Pieres particulares	Vila Velha	Canal de Vitória
50	Áreas sob gestão especial	Marinha do Brasil – Escola de Aprendiz de Marinheiro	Vila Velha	
51	Recreação	Marina	Vila Velha	Canal de Vitória
52	Uso / Extração de recursos naturais	Terminal de desembarque de pescado	Vila Velha	Prainha
53	Áreas sob gestão especial	38º Batalhão de Infantaria	Vila Velha	Próximo a terceira ponte
54	Transporte	Atracadouro	Vila Velha	
55	Transporte	Heliporto	Vila Velha	Próximo a ponta de Santa Luzia
56	Uso / Extração de recursos naturais	Pedreira	Vila Velha	
57	Uso / Extração de recursos naturais	Colônia de Pescadores	Vila Velha	Rua José Junior de Souza, Praia de Itaparica
58	Transporte		Vila Velha	
59	Transporte		Vila Velha	Barra do Jucu
60	Transporte		Vila Velha	Próximo a Barra do Jucu
61	Transporte		Vila Velha	Margem do Rio Jucu
62	Transporte		Guarapari	Parque Estadual Paula Cesar Vinha
63	Transporte		Guarapari	Parque Estadual Paula Cesar Vinha
64	Transporte		Guarapari	Costão do Morro Una
65	Uso / Extração de recursos naturais		Guarapari	Guarapari
66	Uso / Extração de recursos naturais	Colônia de Pescadores	Guarapari	Praia do Morro
67	Uso / Extração de recursos naturais		Guarapari	
68	Transporte		Guarapari	
69	Áreas sob gestão especial	Capitania dos portos-Marinha do Brasil	Guarapari	

Nº	Grupo	Nome	Município	Localidade
70	Transporte	Estaleiro	Guarapari	Rio Guarapari
71	Transporte		Guarapari	
72	Transporte		Guarapari	
73	Uso / Extração de recursos naturais		Guarapari	
74	Transporte		Guarapari	
75	Transporte	Cais de Guarapari	Guarapari	Praia de Graçaí
76	Transporte			
77	Transporte			
78	Transporte			
79	Transporte			
80	Transporte		Guarapari	Guarapari
81	Transporte		Guarapari	
82	Transporte		Guarapari	
83	Transporte		Guarapari	
84	Uso / Extração de recursos naturais	SAMARCO – Usina de pelotização de Ubu	Anchieta	Porto de Ubu
85	Transporte	SAMARCO – Porto de Ubu	Anchieta	
86	Resposta	Shell – Tanques de armazenamento de combustível	Anchieta	Área portuária de Ubu
87	Resposta	Depósito de equipamentos	Anchieta	
88	Transporte	Atracadouro de pescadores	Anchieta	Ubu
89	Transporte	Atracadouro de pescadores	Anchieta	
90	Uso / Extração de recursos naturais	Colônia de Pescadores	Anchieta	Centro
91	Uso / Extração de recursos naturais	Terminal de desembarque de pescado	Anchieta	
92	Transporte	Maricultura	Anchieta	
93	Uso / Extração de recursos naturais		Guarapari	
94	Transporte		Anchieta	Anchieta
95	Transporte		Piúma	
96	Transporte	Rampa para embarcações	Piúma	Rio Piúma
97	Uso / Extração de recursos naturais	Colônia de pescadores Z-9	Piúma	
98	Uso / Extração de recursos naturais	Terminal de desembarque de pescado	Piúma	Centro
99	Uso / Extração de recursos naturais	Maricultura	Guarapari	
100	Transporte	Ancoradouro	Itapemirim	
101	Áreas sob gestão especial	Marinha do Brasil	Itapemirim	
102	Transporte	Colônia de pescadores Z-8	Itapemirim	Barra de Itapemirim
103	Uso / Extração de recursos naturais		Itapemirim	
104	Transporte		Itapemirim	
105	Uso / Extração de recursos naturais		Itapemirim	
106	Transporte	Pier	Marataízes	Praia Central
107	Transporte		Marataízes	
108	Uso / Extração de recursos naturais		Marataízes	
109	Transporte		Marataízes	
110	Transporte	Terminal de desembarque de pescado	Marataízes	

7.1.2. Recursos socioeconômicos das cartas operacionais

ESP 101				
1	Transporte	Acesso a margem da lagoa	Linhares	Lagoa de Monsarás
2	Transporte		Linhares	Povoação
3	Transporte		Linhares	Margem do Rio Doce
4	Transporte	Acesso a margem do rio.	Linhares	
5	Uso / Extração de recursos naturais		Linhares	
6	Uso / Extração de recursos naturais		Linhares	
7	Resposta		Linhares	
8	Resposta	Petrobras – Armazenamento de gás.	Linhares	Margem do Rio Doce
9	Transporte		Linhares	
10	Transporte		Linhares	
11	Transporte		Linhares	
12	Resposta	Petrobras-Centro de Retificação	Linhares	Praia de Regência
13	Resposta		Linhares	Praia de Regência
14	Transporte		Linhares	Regência
15	Transporte		Linhares	Praia de Regência

ESP 102				
1	Transporte	Petrobras – Armazenamento de gás.	Linhares	Margem Rio Doce
2	Resposta		Linhares	
3	Resposta		Linhares	
4	Transporte		Linhares	
5	Transporte		Linhares	
6	Transporte	Petrobras-Centro de Retificação	Linhares	Margem Rio Doce
7	Resposta		Linhares	
8	Resposta		Linhares	
9	Transporte		Linhares	
10	Transporte		Linhares	

ESP 103				
1	Transporte		Aracruz	Margem do Riacho
2	Transporte		Aracruz	Margem do Riacho
3	Transporte		Aracruz	Margem do Riacho
4	Transporte		Aracruz	Margem do Riacho

Nº	Grupo	Nome	Município	Localidade
5	Transporte	Estaleiro	Aracruz	Margem do Riacho
6	Transporte		Aracruz	Margem do Riacho
7	Transporte		Aracruz	Praia ao Norte do Portocel
8	Uso / Extração de recursos naturais		Aracruz	Aracruz Celulose
9	Transporte		Aracruz	Portocel Aracruz
10	Uso / Extração de recursos naturais	Aracruz Celulose	Aracruz	Barra do Riacho
11	Transporte		Aracruz	Barra do Riacho
12	Uso / Extração de recursos naturais		Aracruz	Aeroporto de Barra do Riacho
13	Transporte		Aracruz	Mineração
14	Transporte	Acesso a praia	Aracruz	Praia de Barra do Sahi
15	Transporte		Aracruz	

ESP 104				
1	Transporte	Acesso a praia	Aracruz	Praia dos quinze
2	Transporte		Aracruz	
3	Transporte		Aracruz	
4	Recreação		Aracruz	
		Acesso a margem do rio	Aracruz	Praia do Coqueiral
5	Transporte			
6	Transporte			
7	Transporte			
8	Uso / Extração de recursos naturais	Acesso a margem do rio	Aracruz	Praia da Base
9	Transporte		Aracruz	
10	Uso / Extração de recursos naturais		Aracruz	
11	Transporte		Aracruz	
12	Transporte	Mineração	Aracruz	Rio Piraquê
13	Transporte		Aracruz	
14	Transporte		Aracruz	
15	Transporte		Aracruz	
16	Transporte	Acesso a margem do rio	Aracruz	Rio Piraquê-Açú
17	Transporte		Aracruz	
18	Transporte		Aracruz	
19	Transporte		Aracruz	
20	Transporte	Pier	Aracruz	Rio Piraquê Mirim
21	Transporte		Aracruz	
22	Transporte		Aracruz	
			Aracruz	

ESP 105				
1	Transporte	Porto de Tubarão	Vitória	Área industrial – Porto de Tubarão
2	Uso / Extração de recursos naturais		Vitória	
3	Uso / Extração de recursos naturais		Vitória	
4	Transporte		Vitória	
5	Uso / Extração de recursos naturais		Vitória	
6	Uso / Extração de recursos naturais		Vitória	
		Porto de Tubarão-VALE	Colônia de Pescadores	Área industrial – Porto de Tubarão
7	Transporte			
8	Uso / Extração de recursos naturais			
9	Transporte			
10	Transporte			
11	Transporte			
12	Transporte	Rampa para embarcações	Atracadouro	Área industrial – Porto de Tubarão
13	Transporte			
14	Transporte			
15	Transporte			
16	Transporte			
17	Transporte			
18	Transporte	Rampa para embarcações	Rampa para embarcações	Área industrial – Porto de Tubarão
19	Transporte			
20	Transporte			
21	Recreação			
22	Transporte			
23	Transporte			
24	Transporte	Shopping de Vitória	Rampa para embarcações	Área industrial – Porto de Tubarão
25	Recreação			
26	Áreas sob gestão especial			
27	Transporte			
28	Transporte			
29	Transporte			
30	Transporte	Rampa para embarcações	Terminal Aquaviário	Canal de Vitória
31	Transporte			
32	Transporte			
33	Transporte			
34	Transporte			
35	Transporte			
36	Transporte	Rampa para embarcações	Porto de Vitória	Canal de Vitória-Dom Bosco
37	Transporte			
38	Transporte			
39	Transporte			
40	Transporte			
41	Transporte			
42	Transporte	Rampa para embarcações	Cais do hidroavião	Canal de Vitória-Dom Bosco
		Cais dos barcos	Rampa para embarcações	canal de Vitória-Centro
		Rampa para embarcações	Santo Antônio	Santo Antônio

Nº	Grupo	Nome	Município	Localidade
43	Uso / Extração de recursos naturais	Complexo industrial	Cariacica	Nova Rosa da Penha Porto Novo Margem do canal Margem do canal
44	Uso / Extração de recursos naturais	Colônia de Pescadores de Cariacica	Cariacica	
45	Uso / Extração de recursos naturais	Colônia de Pescadores de Cariacica	Cariacica	
46	Transporte	Estaleiro	Cariacica	
47	Transporte		Cariacica	
48	Transporte	Rampa para embarcações	Cariacica	São Torquato
49	Transporte		Cariacica	
50	Transporte		Cariacica	
51	Transporte		Cariacica	
52	Uso / Extração de recursos naturais		Cariacica	
53	Uso / Extração de recursos naturais	Empresa V e M do Brasil- Torex	Cariacica	São Torquato
54	Uso / Extração de recursos naturais	Oficina de vagões da VALE	Cariacica	São Torquato
55	Uso / Extração de recursos naturais	Pinassom-Empresa VALE do Rio Doce	Cariacica	São Torquato
56	Recreação	Marina	Cariacica	Canal de Vitória
57	Transporte		Cariacica	
58	Transporte	Terminal Portuário Vila Velha	Vila Velha	
59	Transporte	Terminal Portuário Vila Velha	Vila Velha	
60	Transporte	Terminal Portuário Vila Velha	Vila Velha	
61	Transporte	Terminal Portuário Vila Velha	Vila Velha	Canal de Vitória
62	Transporte		Vila Velha	
63	Transporte		Vila Velha	
64	Áreas sob gestão especial	Marinha – Escola de Aprendiz de Marinheiro	Vila Velha	
65	Transporte	Cais da marinha – EAMES	Vila Velha	
66		Desembarque de pescado	Vila Velha	Praia do Ribeiro
67	Recreação	Marina	Vila Velha	
68	Áreas sob gestão especial		Vila Velha	
69	Transporte		Vila Velha	
70	Transporte	Heliporto	Vila Velha	

ESP 106

1	Transporte	Acesso a praia	Guarapari	Parque Estadual Paula Cesar Vinha
2	Transporte	Acesso a praia	Guarapari	
3	Transporte	Acesso a praia	Guarapari	
4	Uso / Extração de recursos naturais	Pedreira	Guarapari	
5	Uso / Extração de recursos naturais	Colonia de pescadores Z-3	Guarapari	
6	Uso / Extração de recursos naturais	Maricultura	Guarapari	Praia da Cerca
7	Transporte	Aeroporto de Guarapari	Guarapari	
8	Transporte	Pier	Guarapari	
9	Transporte	Cais de Guarapari	Guarapari	
10	Áreas sob gestão especial	Marinha do Brasil/Capitania dos portos	Guarapari	
11	Transporte	Trapiches	Guarapari	Rio Guarapari
12	Transporte		Guarapari	
13	Transporte		Guarapari	
14	Transporte		Guarapari	
15	Uso / Extração de recursos naturais		Guarapari	
16	Uso / Extração de recursos naturais	Mineração	Guarapari	Rio Guarapari
17	Transporte	Ostreicultura	Guarapari	
18	Transporte	Estaleiro	Guarapari	
19	Transporte		Guarapari	
20	Transporte		Guarapari	
21	Transporte		Guarapari	
22	Transporte		Guarapari	
23	Transporte	Cais embarque/desembarque	Guarapari	Rio Guarapari
24	Transporte		Guarapari	
25	Transporte	Acesso a praia	Guarapari	Praia de Graçaí

ESP 107

1	Transporte	Usina de Pelotização de Ubu (Samarco)	Guarapari	Praia do Bacutia
2	Transporte		Guarapari	Rio Meaípe
3	Transporte		Guarapari	Praia de Maimbá
4	Uso / Extração de recursos naturais		Anchieta	Porto de Ubu
5	Transporte		Anchieta	Porto de Ubu
6	Resposta		Anchieta	Porto de Ubu
7	Resposta		Anchieta	Porto de Ubu
8	Transporte		Anchieta	Praia de Ubu

ESP 108

1	Uso / Extração de recursos naturais	Colônia de Pescadores Z-04	Anchieta	Rua D Pedro II- Centro
2	Uso / Extração de recursos naturais	Terminal de desembarque de pescado	Anchieta	
3	Uso / Extração de recursos naturais	Maricultura	Anchieta	
4	Transporte	Acesso a praia	Anchieta	Praia do Balanço
5	Transporte	Acesso a praia	Anchieta	
6	Transporte	Rampa para embarcações	Piúma	
7	Uso / Extração de recursos naturais	Colônia de Pescadores Z-09	Piúma	Canal do Itaputanga
8	Transporte	Atracadoiro	Piúma	
9	Transporte	Atracadoiro	Piúma	
10	Transporte	Rampa para embarcações	Piúma	Canal do Itaputanga
11	Uso / Extração de recursos naturais	Terminal de desembarque de pescado	Piúma	
12	Uso / Extração de recursos naturais	Maricultura	Piúma	

7.2. RECURSOS BIOLÓGICOS

Sub-grupo	Nome Científico	Nome Comum
AVES		
Ave de rapina	<i>Accipiter superciliosus</i>	Gavião
Ave limnícola	<i>Actitis macularia</i>	Maçarico, Maçarico-pintado
Ave terrestre passeriforme	<i>Agelaioides badius</i>	Asa-de-telha
Ave terrestre passeriforme	<i>Agelaius ruficapillus</i>	Garibaldi
Ave aquática continental	<i>Ajaia ajaia</i>	Colhereiro
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Amazilia fimbriata</i>	Beija-flor gargante-verde, Beija-flor verde, Beija-flor tesoura
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Amazilia lactea</i>	Beija-flor-de-peito-azul
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Amazilia leucogaster</i>	
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Amazilia sp</i>	Beija-flor
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Amazilia versicolor</i>	Beia-flor
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Amaziliam fimbriata tephrocephala</i>	Beija-flor negra de cauda negra
Ave terrestre passeriforme	<i>Amazona amazonica</i>	Papagaio, Papagaio-do-mangue, Curica
Ave terrestre passeriforme	<i>Amazona rhodocorytha</i>	
Ave terrestre passeriforme	<i>Amazona sp</i>	Papagaio
Ave terrestre passeriforme	<i>Amazona vinacea</i>	Papagaio-de-peito-roxo
Ave aquática continental	<i>Amazonetta brasiliensis</i>	Marreca, Marreca-ananai, Pé-vermelho
Ave terrestre passeriforme	<i>Ammodramus humeralis</i>	Galinho do campo; Canario do campo, tico-tico-de-campo, Tico-tico-de-campo-verdadeiro
Ave aquática continental	<i>Anhinga anhinga</i>	Carará, Biguatinga
Ave marinha costeira	<i>Anous stolidus</i>	Trinta-réis-escuro
Ave terrestre passeriforme	<i>Anthus lutescens</i>	Caminheiro zumbidor
Ave terrestre passeriforme	<i>Anthus sp</i>	Caminhoneiro
Ave limnícola	<i>Aramides cajanea</i>	Saracura, Siricória-três-potes, Saracura-três-potes
Ave limnícola	<i>Aramides mangle</i>	Saracura-do-mangue
Ave limnícola	<i>Aramides sp</i>	Saracura
Ave aquática continental	<i>Aramus guarauna</i>	Carão
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Aratinga aurea</i>	Periquito, Periquito-estrela, Periquito-coroa, Jandaia-estrela, Jandaia-coroinha, Periquito-rei, Jandaia-coquinho
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Aratinga cactorum</i>	Periquito da caatinga
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Aratinga horo</i>	Periquito-rei
Ave aquática continental	<i>Ardea alba</i>	Garça-branca-grande
Ave aquática continental	<i>Ardea cocoi</i>	Garça-moura
Ave limnícola	<i>Arenaria interpres</i>	Rola-do-mar, Vira-pedras
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Arthrocothorax negricollis negricollis</i>	Beija flor garaganta lista preta
Ave terrestre passeriforme	<i>Arundinicola leucocephala</i>	Freirinha, Viuvinha
Ave de rapina	<i>Athena cunicularia</i>	Coruja-buraqueira
Ave terrestre passeriforme	<i>Basileuterus culicivorus</i>	Pula-pula
Ave limnícola	<i>Botaurus pinnatus</i>	Socó-boi, Soco-boi-baio
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Brotogeris sp</i>	Periquito
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Brotogeris titorica</i>	Periquito-verde
Ave de rapina	<i>Bubo virginianus</i>	Corujão-da-virginia, Corujão-orelhudo
Ave aquática continental	<i>Bubulcus ibis</i>	Garça, Garça-vaqueira
Ave de rapina	<i>Busarellus nigricollis</i>	Gavião-belo, Gavião-velho
Ave de rapina	<i>Buteo albicaudatus</i>	Gavião-de-rabo-branco
Ave de rapina	<i>Buteo albonotatus</i>	Gavião-urubu, Gavião de rabo-barrado
Ave de rapina	<i>Buteo magnirostris</i>	Gavião nagê, Gavião carijó
Ave de rapina	<i>Buteo nitidus</i>	Gavião-pedrez
Ave de rapina	<i>Buteogallus meridionalis</i>	Gavião-cabodo
Ave de rapina	<i>Buteogallus urubutinga</i>	Gavião-preto
Ave limnícola	<i>Butorides striatus</i>	Socozinho, Socó-i, Socó-estudante, Socó mirim
Ave terrestre passeriforme	<i>Cacicus haemorrhous</i>	Japira, Guaxe
Ave aquática continental	<i>Cairina moschata</i>	Pato-do-mato, Pato selvagem
Ave limnícola	<i>Calidris fuscicollis</i>	
Ave limnícola	<i>Calidris alba</i>	Maçarico branco
Ave limnícola	<i>Calidris sp</i>	Miaui, maçarico
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Calliphlox amethystina</i>	Beia-flor, Beija-flor-estrelinha
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Campephilus robustus</i>	Pica-pau-rei
Ave terrestre passeriforme	<i>Camptostoma obsoletum</i>	Risadinha, Cacurutado-mirim
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Capornis cuculata</i>	
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Caprimulgus parvulus</i>	Bacurau-chintã
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Caprimulgus sp</i>	Bacurau
Ave de rapina	<i>Caracara plancus</i>	Caracará
Ave aquática continental	<i>Cariama cristata</i>	Seriema
Ave terrestre passeriforme	<i>Caryothraustes canadensis</i>	
Ave aquática continental	<i>Casmerodius albus</i>	Garça-branca-grande
Ave marinha costeira	<i>Catharacta skua</i>	Gaivota-rapeira
Ave marinha costeira	<i>Catharacta skua antartica</i>	Gaivota-rapeira-negra
Ave de rapina	<i>Cathartes atratus</i>	Urubu-comum
Ave de rapina	<i>Cathartes aura</i>	Urubú-de-cabeça-vermelha, Urubú-caçador
Ave de rapina	<i>Cathartes burrovianus</i>	Urubu-de-cabeça-amarela
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Celeus flAvescens</i>	Pinica-pau, Pica-pau-cabeça-amarela
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Celeus sp</i>	Pica-pau
Ave terrestre passeriforme	<i>Certhiaxis cinnamomea</i>	Curutiê, Corruira-do-brejo
Ave limnícola	<i>Ceryle sp</i>	Martim-pescador
Ave limnícola	<i>Ceryle torquatus</i>	Martim-pescador, Martim-pescador-grande, Martim-pescador-matraca
Ave limnícola	<i>Charadrius collaris</i>	Batuíra-de-coleira, Maçarico-de-coleira
Ave limnícola	<i>Charadrius semipalmatus</i>	Maçarico, Batuíra-de-bando
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Chelidoptera tenebrosa</i>	
Ave terrestre passeriforme	<i>Chiroxiphia pareola</i>	Tangará-de-costa-azul
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Chlorestes notatus</i>	Beija-flor-de-garganta
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Chlorestes notatus cyanogenys</i>	Verdinho de garaganta azul

Sub-grupo	Nome Científico	Nome Comum
Ave limnícola	<i>Chloroceryle aenea</i>	Martim-pescador-anão
Ave limnícola	<i>Chloroceryle amazona</i>	Martim-pescador-verde
Ave limnícola	<i>Chloroceryle americana</i>	Ariramba, Martim-pescador, Martim-pescador-pequeno
Ave limnícola	<i>Chloroceryle americana mathewsii</i>	Martim-pescador-verde
Ave limnícola	<i>Chloroceryle inda inda</i>	Martin-pescador-pequeno
Ave limnícola	<i>Chloroceryle sp</i>	Martim-pescador
Ave terrestre passeriforme	<i>Chlorophanes spiza</i>	Saí-verde
Ave terrestre passeriforme	<i>Chlorophanes spiza axillaris</i>	Saira-verde
Ave terrestre passeriforme	<i>Chlorophonia cyanea</i>	Bonito do campo
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Chlorostilbon aureoventris</i>	Beia-flor, Besourinho-de-bico-vermelho
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Chordeiles acutipennis</i>	Bacurau-de-asa-fina
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Chordeiles acutipennis acutipennis</i>	Bacurau-de-banho
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Chordeiles sp</i>	Bacurau
Ave aquática continental	<i>Ciconia maguari</i>	Cegonha, Tabuiaia
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Claravis pretiosa</i>	Rola-azul
Ave terrestre passeriforme	<i>Cnemotriccus fuscatus</i>	Guaracavuçu
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Coccyzus americanus</i>	Papa-lagarta
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Coccyzus melacoryphus</i>	Papa-lagarta
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Coccyzus sp</i>	Ararapá
Ave limnícola	<i>Cochlearius cochlearius</i>	Caga-sebo, Cambacica, Cebinho
Ave terrestre passeriforme	<i>Coereba flaveola</i>	Pica-pau-do-campo, Pinica-pau
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Colaptes campestris</i>	Pica-pau
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Coleus sp</i>	Beija-flor-de-orelha-violeta
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Colibri serrirostris</i>	Pomba-galega, Pomba-pocaçu, Pomba amarzosa, Pomba trusal
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Columba cayennensis</i>	Pombo, Pombo-doméstico, Pombo-comum, Pombo-das-rochas
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Columba livia</i>	Asa-branca, Trucau, Pombão, Pomba-trocal
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Columba picazuro</i>	Pomba-amargosa
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Columba plumbea</i>	Pomba
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Columba sp</i>	Pomba trocal, pomba-pedrês
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Columba speciosa</i>	Rolinha-comum
Ave terrestre passeriforme	<i>Columbia talpacoti</i>	Rolinha-de-asa-canela
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Columbina minuta</i>	Rolinha-pucuí, Rolinha-picuí, Rolinha-branca, Pajeú
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Columbina picui</i>	Rolinha, Rola do pará
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Columbina sp</i>	Fogo-apagou
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Columbina squammata</i>	Rolinha, Rolinha-caldo-de-feijão, Rolinha-roxa, Rolinha-comum
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Columbina talpacoti</i>	Figurinha-do-mangue, Sairinha
Ave terrestre passeriforme	<i>Conirostrum bicolor</i>	Figuinha-de-rabo-castanho, Figuinha-da-mata
Ave terrestre passeriforme	<i>Conirostrum speciosum</i>	Bem-te-vi-pequeno
Ave terrestre passeriforme	<i>Conopias trivirgatus</i>	Urubu, urubu-comum, Urubu-de-cabeça-preta
Ave de rapina	<i>Coragyps atratus</i>	tico-tico, tico-tico-rei, tico-tico-rei-cinza, galo-da-serra, galinho-da-serra
Ave terrestre passeriforme	<i>Coryphosoinus pileatus</i>	Crejoá
Ave terrestre passeriforme	<i>Cotinga maculata</i>	Mutum-do-leste
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Crax blumenbachii</i>	Anu preto
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Crotophaga ani</i>	Anu-coroca, Anu-azul
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Crotophaga major</i>	Zabelê
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Crypturellus noctivagus</i>	Jaó
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Crypturellus noctivagus noctivagus</i>	Inhambu-xororó
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Crypturellus parvirostris</i>	Sururina, Tururim
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Crypturellus soui</i>	Chororão, Tuturim, Inhambú
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Crypturellus sp</i>	Inhambu-chintã
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Crypturellus tataupa</i>	Chororão
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Crypturellus variegatus</i>	Saira-beija-flor
Ave terrestre passeriforme	<i>Cyanerpes caeruleus</i>	Saira-beija-flor, Saira azul
Ave terrestre passeriforme	<i>Cyanerpes cyaneus</i>	
Ave terrestre passeriforme	<i>Cyanocorax cyanopogon</i>	
Ave terrestre passeriforme	<i>Cyclarhis gujanensis</i>	
Ave terrestre passeriforme	<i>Cyclarhis gujanensis ochrocephala</i>	Tem-cabeça-ai
Ave terrestre passeriforme	<i>Dacnis cayana</i>	Saí-azul, Saira-azul, Saira
Ave terrestre passeriforme	<i>Dacnis nigripes</i>	
Ave terrestre passeriforme	<i>Dendrocincla fuliginosa</i>	
Ave terrestre passeriforme	<i>Dendrocolaptes platyrostris</i>	Arapaçu-grande
Ave aquática continental	<i>Dendrocygna autumnalis</i>	Marreca-cabocla, Asa-branca
Ave aquática continental	<i>Dendrocygna viduata</i>	Irerê, Siriri, Marreca-viuvinha, Paturis, Marreca-piadeira
Ave marinha pelágica	<i>Diomedea chlororhynchos</i>	Albatroz-de-nariz-amarelo
Ave marinha pelágica	<i>Diomedea melanophris</i>	Albatroz, Albatroz-de-sombrancelha
Ave terrestre passeriforme	<i>Donacobius atricapillus</i>	Japacanim, Sabiã-da-praia
Ave terrestre passeriforme	<i>Dryomphila ferruginea</i>	Formigueiro-trovada
Ave terrestre passeriforme	<i>Dryomphila squamata</i>	
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Dryocopus lineatus</i>	
Ave aquática continental	<i>Egretta caerulea</i>	Pinica-pau
Ave aquática continental	<i>Egretta gularis</i>	Garça-azul
Ave aquática continental	<i>Egretta thula</i>	Garça negra
Ave terrestre passeriforme	<i>Elaenia flavogaster</i>	Garça branca pequena, Garça mirim
Ave terrestre passeriforme	<i>Elaenia sp</i>	Guaracava, Guaracava-de-barriga-amarela, Maria-é-dia
Ave de rapina	<i>Elanus leucurus</i>	Guaracava
Ave terrestre passeriforme	<i>Emberizoides herbicola</i>	Gavião branco
Ave terrestre passeriforme	<i>Emberizoides herbicola herbicola</i>	Canário-do-campo, Rendeira-do-brejo, Tibirro
Ave terrestre passeriforme	<i>Empidonax euleri</i>	Canario-do-campo
Ave terrestre passeriforme	<i>Empidonomus varius</i>	Enferrujado
Ave terrestre passeriforme	<i>Estrilda astrild</i>	Petitica
Ave terrestre passeriforme	<i>Estrilda astrild astrild</i>	Bombeirinho, Bico-de-lacre
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Eupetomena macroura</i>	Bombeirinho
Ave terrestre passeriforme	<i>Euphonia chlorotica</i>	Beija-flor, Beija-flor tesoura, Beija-flor rabo-de-tesoura, Tesourão
Ave terrestre passeriforme	<i>Euphonia pectoralis</i>	Gaturamo-mirim, Paulista
		Gaturano-serrador

Sub-grupo	Nome Científico	Nome Comum
Ave terrestre passeriforme	<i>Euphonia violacea</i>	Gaturamo-verdadeiro
Ave terrestre passeriforme	<i>Euphonia violacea auraticollis</i>	Gaturano – verdadeiro
Ave terrestre passeriforme	<i>Euphonia xanthogaster</i>	Gaturamo
Ave aquática continental	<i>Euxenura maguari</i>	Cegonha; Maguari
Ave de rapina	<i>Falco femoralis</i>	Falcão, falcão-de-coleira
Ave de rapina	<i>Falco rufigularis</i>	
Ave de rapina	<i>Falco sp</i>	Falcão
Ave de rapina	<i>Falco sparverius</i>	Falcão-americano, Quiriquiri
Ave aquática continental	<i>Florida caerulea</i>	Garça-azul
Ave terrestre passeriforme	<i>Fluvicola leucocephala</i>	Maria-lencinho
Ave terrestre passeriforme	<i>Fluvicola nengeta</i>	Noivinha, Lavadeira, Viuvinha, Lavadeira-mascarada
Ave terrestre passeriforme	<i>Formicivora grisea</i>	Formigueiro-da-serra, Papa-formiga-pardo
Ave terrestre passeriforme	<i>Formicivora rufa</i>	Papa-formiga-vermelho
Ave terrestre passeriforme	<i>Formicivora serrana</i>	
Ave terrestre passeriforme	<i>Formicivora sp</i>	
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Forpus crassirostris vividus</i>	Tuim
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Forpus sp</i>	Tuim
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Forpus xanthopterygius</i>	Tuim-de-asa-azul, Tuim, Tilingo, Periquito
Ave marinha costeira	<i>Fregata magnificens</i>	Fragata-do-mar, Fragata, Tesourão, Rabo forcado, João grande, Garapiá
Ave marinha costeira	<i>Fregata minor</i>	
Ave marinha costeira	<i>Fregata ariel</i>	
Ave marinha pelágica	<i>Fulmarus glacialoides</i>	Pardelão-prateado
Ave terrestre passeriforme	<i>Furnarius figulus</i>	Casaca-de-couro-da-lama
Ave terrestre passeriforme	<i>Furnarius rufus</i>	João-de-barro, Fornoiro
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Galbula ruficauda</i>	Ariramba-da-mata, Bico-de-agulha-de-rabo-vermelho
Ave aquática continental	<i>Gallinula chloropus</i>	Frango-d'água, Frango-d'água-comum
Ave de rapina	<i>Gampsonyx swainsonii</i>	Gaviãozinho
Ave terrestre passeriforme	<i>Geothlypis aequinoctialis</i>	Gaturamo-do-brejo, Mariquita, Pia-cobra
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Geotrygon montana</i>	
Ave de rapina	<i>Glaucidium brasilianum</i>	Caburezinho, Coruja
Ave de rapina	<i>Glaucidium brasilianum brasilianum</i>	Caburezinho-de-sol
Ave de rapina	<i>Glaucidium minutissimum</i>	Caburezinho, Caburé-miudinho
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Glaucis hirsutus</i>	Beija-flor-de-bico-torto, Balança-rabo-de-bico-torto
Ave terrestre passeriforme	<i>Gnorimopsar chopi</i>	Pássaro-preto, Melro, Graúna
Ave terrestre passeriforme	<i>Gnorimopsar chopi chopi</i>	Grumará
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Guira guira</i>	Anu-branco
Ave terrestre passeriforme	<i>Habia rubica</i>	
Ave de rapina	<i>Haematopus palliatus</i>	Piru-piru
Ave de rapina	<i>Harpagus bidentatus</i>	Gavião-rapina
Ave de rapina	<i>Harpia harpyja</i>	Harpia ou Gavião-real
Ave terrestre passeriforme	<i>Hemithraupis flavicollis</i>	Saíra-galega
Ave terrestre passeriforme	<i>Hemithraupis ruficapilla</i>	Saíra-ferrugem ou Saíra-da-mata
Ave terrestre passeriforme	<i>Hemithraupis ruficapilla ruficapilla</i>	Saira-cabeva-marrom-amarela
Ave terrestre passeriforme	<i>Hemitriccus nidipendulus</i>	Tachuri-campainha
Ave de rapina	<i>Herpetotheres cachinnans</i>	Acauã, Macauã, Gavião cauã
Ave terrestre passeriforme	<i>Herpsilochmus rufimarginatus</i>	Chorozinho-de-asa-vermelha
Ave de rapina	<i>Heterospizias meridionalis</i>	Gavião-caboclo
Ave aquática continental	<i>Himantopus himantopus</i>	Perna-longa, Pernalonga
Ave terrestre passeriforme	<i>Hirundo rustica</i>	Andorinha-de-bando
Ave terrestre passeriforme	<i>Hoploxypterus cayanus</i>	Mexeriqueira
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Hydropsalis brasiliana</i>	Curiango-tesoura, Bacurau-tesoura, Aracurango
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Hydropsalis brasiliana brasiliana</i>	Curiango-tesoura
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Hydropsalis torquata</i>	Bacurau-tesoura
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Hylocartis cyanus cyanus</i>	Roucinho-de-bico-vermelho
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Hylocharis cyanus</i>	Beija-flor-roxo
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Hylocharis sp</i>	Beia-flor
Ave terrestre passeriforme	<i>Hylophilus thoracicus</i>	Vite-vite, Vite-vite-de-peito-amarelo
Ave terrestre passeriforme	<i>Icterus cayanensis</i>	Encontro
Ave terrestre passeriforme	<i>Icterus jamacaii</i>	Sofrê, Corupião
Ave limnícola	<i>Ixobrychus exilis</i>	Socoí-vermelho
Ave aquática continental	<i>Jabiru mycteria</i>	
Ave aquática continental	<i>Jacana jacana</i>	Jaçanã, Piaçoca
Ave terrestre passeriforme	<i>Knipolegus lophotes</i>	Maria-preta
Ave terrestre passeriforme	<i>Laniocera hypopyrra</i>	
Ave marinha costeira	<i>Larus dominicanus</i>	Gaivotão
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Laterallus viridis</i>	Saracurinha do sapê, Siricória-mirim, Saná-castanha
Ave terrestre passeriforme	<i>Leistes militaris militaris</i>	Soldado
Ave terrestre passeriforme	<i>Leistes supercilialis</i>	Polícia-inglesa, Polícia-inglesa-do-sul, Flamenguinho
Ave terrestre passeriforme	<i>Lepidocolaptes fuscus</i>	
Ave terrestre passeriforme	<i>Lepidocolaptes squamatus</i>	Arapaçu-escamoso
Ave de rapina	<i>Leptodon cayanensis</i>	Gavião-de-cabeça-cinza, Gavião-pomba
Ave terrestre passeriforme	<i>Leptopogon amaurocephalus</i>	
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Leptotila rufaxilla</i>	Juriti, Juriti-gemeadeira
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Leptotila verreauxi</i>	Juriti, Juriti-pupu
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Leucopternis lacernulata</i>	Gavião-pombo-pequeno, Gavião-pomba
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Lophornis magnificus</i>	Topetinho-vermelho
Ave terrestre passeriforme	<i>Lurocalis semitorquatus nattereri</i>	Tujú-semicolor
Ave terrestre passeriforme	<i>Machaeropterus regulus</i>	
Ave terrestre passeriforme	<i>Machetornis rixosus</i>	Bentevi-do-gado, Suiriri-cavaleiro
Ave marinha costeira	<i>Macronectes qiqanteus</i>	Corta-mar-gigante, Petrel-gigante
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Malacoptila striata</i>	João-barbudo
Ave terrestre passeriforme	<i>Manacus manacus</i>	Rendeira
Ave terrestre passeriforme	<i>Manacus manacus gutturosus</i>	Rendeira
Ave terrestre passeriforme	<i>Megarhynchus pitangua</i>	Bem-te-vi, Bem-te-vi-de-bico-chato, Bem-te-vi-de-bico-grosso, Neinei

Sub-grupo	Nome Científico	Nome Comum
Ave de rapina	<i>Megascops choliba</i>	Corujinha da mata, Coruja-do-mato
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Melanerpes candidus</i>	Pica-pau, Pica-pau-branco, Birro
Ave de rapina	<i>Milvago chimachima</i>	Gavião-carrapateiro, Gavião pinheu carrapateiro, Carrapateiro, Pinhé
Ave terrestre passeriforme	<i>Mimus gilvus</i>	Sabiá-da-praia
Ave terrestre passeriforme	<i>Mimus saturninus</i>	Sabiá-do-campo
Ave terrestre passeriforme	<i>Myiornis auricularis</i>	Miudinho
Ave terrestre passeriforme	<i>Mionectes oleaginea oleaginea</i>	Abre-asa
Ave terrestre passeriforme	<i>Molothrus bonariensis</i>	Chopim, Maria-preta
Ave terrestre passeriforme	<i>Molothrus bonariensis bonariensis</i>	Maria-preta
Ave de rapina	<i>Morphnus guianensis</i>	Gavião-uiraçu, Águia de crista
Ave terrestre passeriforme	<i>Myiarchus ferox</i>	Maria-cavaleira
Ave terrestre passeriforme	<i>Myiarchus sp</i>	Maria-cavaleira
Ave terrestre passeriforme	<i>Myiarchus tuberculifer</i>	
Ave terrestre passeriforme	<i>Myiarchus tyrannulus</i>	
Ave terrestre passeriforme	<i>Myiodynastes maculatus</i>	Bem-te-vi-rajado
Ave terrestre passeriforme	<i>Myiophobus fasciatus</i>	Filipe
Ave terrestre passeriforme	<i>Myiornis auricularis</i>	Miudinho
Ave terrestre passeriforme	<i>Myiozetetes cayanensis</i>	
Ave terrestre passeriforme	<i>Myiozetetes similis</i>	Bem-te-vizinho-de-coroa-vermelha, Bem-te-vizinho-de-penacho-vermelho, Bentivizinho, Cacurutado-do-campo
		Bem-te-vi-preto-carijó
Ave terrestre passeriforme	<i>Myodynastes maculatus</i>	Tico-tico-do-campo
Ave terrestre passeriforme	<i>Myospiza humeralis humeralis</i>	Choquinha-de-flanco-branco
Ave terrestre passeriforme	<i>Myrmotherula axillaris</i>	Formigueiro-de-coroa
Ave terrestre passeriforme	<i>Myrmotherula erythronata</i>	Formigueiro estrelado
Ave terrestre passeriforme	<i>Myrmotherula guralis</i>	Saíra-de-chapéu-preto
Ave terrestre passeriforme	<i>Nemosia pileata</i>	Saíra-apunhalada
Ave terrestre passeriforme	<i>Nemosia rourei</i>	Marreca-de-bico-roxo
Ave aquática continental	<i>Nomonyx dominica</i>	Andorinha, Andorinha-de-casa, Andorinha azul e branco
Ave terrestre passeriforme	<i>Notiochelidon cyanoleuca</i>	Galinha da Angola
Ave terrestre passeriforme	<i>Notiochelidon cyanoleuca cyanoleuca</i>	Socó
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Numida meleagris</i>	Mãe-da-lua-gigante
Ave marinha costeira	<i>Nyctanassa violacea</i>	Urutau, mãe-da-lua, Chora-lua
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Nyctibius grandis</i>	Urutau
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Nyctibius griseus</i>	Socó-dorminhoco, Garça-da-noite, Savacu
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Nyctibius sp</i>	Orutau
Ave marinha costeira	<i>Nycticorax nycticorax</i>	Curiano, Bacurau
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Nyctidromus griseus</i>	Alma-de-mestre
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Nyctidromus albigollis</i>	Andorinha-do-mar
Ave marinha costeira	<i>Oceanites oceanicus</i>	Capoeira
Ave terrestre passeriforme	<i>Oceanodroma castro</i>	Aracua, Aracua-de-barriga-branca
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Odontophorus capueira</i>	Curio
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Ortalis araucuan</i>	Bicudo
Ave terrestre passeriforme	<i>Oryzoborus angolensis</i>	Mocho-de-orelha
Ave terrestre passeriforme	<i>Oryzoborus maximiliani</i>	Coruja, Corujinha-do-mato, Caburé
Ave de rapina	<i>Otus atricapillus</i>	Marreca-bico-roxo
Ave de rapina	<i>Otus choliba</i>	Caneleiro-preto
Ave aquática continental	<i>Oxyura dominica</i>	Caneleiro, Caneleiro-verde, Bico-grosso-verde
Ave terrestre passeriforme	<i>Pachyramphus polychopterus</i>	Águia-pesqueira, Águia-pescadora
Ave terrestre passeriforme	<i>Pachyramphus virdis</i>	Águia pescadora
Ave de rapina	<i>Pandion haliaetus</i>	Galo da campina
Ave de rapina	<i>Pandion haliaetus carolinenses</i>	Mariquita
Ave terrestre passeriforme	<i>Paroaria dominicana</i>	Pardal
Ave terrestre passeriforme	<i>Parula pitayumi</i>	Pomba-galega
Ave terrestre passeriforme	<i>Passer domesticus</i>	Pombão
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Patagioenas cayennensis</i>	Pomba-amargosa
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Patagioenas picazuro</i>	Jacupemba
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Patagioenas plumbea</i>	João-de-pau
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Penelope superciliaris</i>	Andorinha, Andorinha-do-campo, Andorinha-do-campo-grande
Ave terrestre passeriforme	<i>Phacellodomus rufifrons</i>	Rabo-branco-da-mata
Ave terrestre passeriforme	<i>Phaeoprogne tapera</i>	Rabo-branco-mirim, Besourinho
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Phaethornis eurynome</i>	Rabo-branco-rubro
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Phaethornis idaliae</i>	Beiia-flor
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Phaethornis ruber</i>	Biguá
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Phaethornis sp</i>	Biguá
Ave aquática continental	<i>Phalacrocorax brasilianus</i>	Tesourinha-da-mata ou Tesoura-do-mato
Ave aquática continental	<i>Phalacrocorax olivaceus</i>	Bentevizinho-do-brejo
Ave terrestre passeriforme	<i>Phibalura flavirostris</i>	
Ave terrestre passeriforme	<i>Philohydor lictor</i>	
Ave terrestre passeriforme	<i>Phyllomyias fasciatus</i>	Poaieiro-verde
Ave terrestre passeriforme	<i>Phyllomyias virescens</i>	
Ave terrestre passeriforme	<i>Phylloscartes (Casiempis) flaveola</i>	
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Phytotoma rutila</i>	Corta-ramos-de-rabo-branco
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Piaya cayana</i>	Alma-de-gato, Rabilonga
Ave terrestre passeriforme	<i>Picamnis sp</i>	Pica-pau
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Piculus chrysocloros</i>	
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Picumnus ciratus</i>	Pica-pau-anão-barrado, Pica-pau-anão, Pica-pau-mirim, Picapauzinho
Ave aquática continental	<i>Pilherodius pileatus</i>	Garça-real
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Pipile jacutinga</i>	Jacutinga
Ave terrestre passeriforme	<i>Pipra pipra</i>	Berrumera da mata
Ave terrestre passeriforme	<i>Pipra rubrocapilla</i>	Uirapuru-de-cabeva-vermelha
Ave terrestre passeriforme	<i>Pipromorpha oleaginea</i>	
Ave terrestre passeriforme	<i>Pitangus lictor</i>	Bem-te-vizinho
Ave terrestre passeriforme	<i>Pitangus sulphuratus</i>	Bem-te-vi, Bem-te-vi-grande
Ave aquática continental	<i>Platalea ajaja</i>	Colhereiro

Sub-grupo	Nome Científico	Nome Comum
Ave terrestre passeriforme	<i>Platycichla flavipes</i>	Sabia
Ave terrestre passeriforme	<i>Platyrrinchus mystaceus</i>	Bico-chato-gaganta-branca
Ave de rapina	<i>Podager nacunda</i>	Coruçã
Ave de rapina	<i>Podager nacunda nacunda</i>	Tiom-tiom
Ave aquática continental	<i>Podilymbus podiceps</i>	Mergulhão-caçador
Ave de rapina	<i>Polyborus plancus</i>	Carcará, Gavião-carcará, Carrancho
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Polytmus guainumbi</i>	Beija-flor-dourado-de-bico-curvo, Beija-flor-de-bico-curvo
Ave aquática continental	<i>Porphyryla martinica</i>	Frango d'água azul
Ave limnícola	<i>Porzana albigollis</i>	João-canhão, Sanã-carijó, Saracura-do-brejo, Siricória-do-brejo
Ave limnícola	<i>Porzana sp</i>	Saracura
Ave marinha pelágica	<i>Procellaria aequinoctialis</i>	Pardela-preta, Fura-bucho
Ave terrestre passeriforme	<i>Procnias nudicollis</i>	Araponga
Ave terrestre passeriforme	<i>Progne chalybea</i>	Andorinha, Andorinha-grande, Andorinha-doméstica, Andorinha-doméstica-grande,
Andorinha-grande-de-casa		
Ave terrestre passeriforme	<i>Progne tapera fusca</i>	Andorinha do campo
Ave marinha pelágica	<i>Pterodroma incerta</i>	Fura-buxo-de-capuz
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Pteroglossus aracari</i>	Araçari-de-bico-branco
Ave marinha pelágica	<i>Puffinus diomedea</i>	Bobo-grande
Ave marinha pelágica	<i>Puffinus diomedea borealis</i>	Bobo
Ave marinha pelágica	<i>Puffinus gravis</i>	Bobo-grande-de-sobre-branco
Ave marinha pelágica	<i>Puffinus griseus</i>	Bobo-escuro
Ave marinha pelágica	<i>Puffinus lherminieri</i>	Pardelinha ou Pardela-de-asa-larga
Ave marinha pelágica	<i>Puffinus puffinus</i>	Bobo-pequeno
Ave de rapina	<i>Pulsatrix sp</i>	Corujão
Ave terrestre passeriforme	<i>Pygochelidon cyanoleuca</i>	Andorinha-pequena-de-casa
Ave terrestre passeriforme	<i>Pyrglena leucoptera</i>	Papa-taoca, Olho-de-fogo
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Pyrrhura frontalis</i>	
Ave limnícola	<i>Rallus nigricans</i>	Saracura-sanã, Saracura-preta
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Ramphastos vitellinus</i>	
Ave terrestre passeriforme	<i>Ramphocaenus melanurus</i>	
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Ramphodon dohrnii</i>	Beija-flor-balança-rabo-canela
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Rhamphastos vitellinus</i>	Tucano-de-peito-amarelo
Ave terrestre passeriforme	<i>Rhamphocelus bresilius</i>	Tiê-sangue, Sangue-de-boi, Tijê
Ave de rapina	<i>Rhinoptynx clamator</i>	Mocho-orelhudo, Coruja-orelhuda, Coruja-boi, Coruja de orelha
Ave terrestre passeriforme	<i>Rhynchocyclus olivaceus</i>	
Ave marinha costeira	<i>Rhynchops migra cinerascens</i>	Gaivota-bico-de-tesoura
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Rhynchotus rufescens</i>	Perdiz
Ave terrestre passeriforme	<i>Rhytipterna simplex</i>	
Ave terrestre passeriforme	<i>Riparia riparia</i>	
Ave de rapina	<i>Rostrhamus sociabilis</i>	Gavião-caramujeiro
Ave de rapina	<i>Rupornis magnirostris</i>	Gavião-carijó, Gavião-nagê
Ave terrestre passeriforme	<i>Saltator maximus</i>	Tempera viola
Ave terrestre passeriforme	<i>Saltator similis</i>	Trinca-ferro
Ave aquática continental	<i>Sarkidiornis melanotos</i>	Pato-de-crista
Ave terrestre passeriforme	<i>Satrapa icterophris</i>	Suiriri-pequeno
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Scardafella squammata</i>	Fogo-apagou
Ave terrestre passeriforme	<i>Schiffornis turdinus</i>	
Ave terrestre passeriforme	<i>Schisfochlamys ruficapillus</i>	Bico-de-veludo
Ave terrestre passeriforme	<i>Schistochlamys melanopis</i>	Tijê preto, Bico de veludo, Sanhaço-de-coleira
Ave terrestre passeriforme	<i>Schistochlamys ruficapillus</i>	Bico-de-veludo
Ave terrestre passeriforme	<i>Serpophaga subcristata</i>	Alegrinho
Ave terrestre passeriforme	<i>Sicalis cf. luteola</i>	Canário-do-campo
Ave terrestre passeriforme	<i>Sicalis flaveola</i>	Canário, Canário-da-terra, Canário-da-terra-verdadeiro
Ave de rapina	<i>Speotyto cunicularia</i>	Coruja-buraqueira, Coruja-barata, Coruja-do-campo
Ave marinha pelágica	<i>Spheniscus magellanicus</i>	Pinguim de magalhaes
Ave de rapina	<i>Spizastur melanoleucus</i>	Gavião-pato
Ave terrestre passeriforme	<i>Sporophila bouvreuil</i>	Cabodinho, Cabodinho-do-sertão
Ave terrestre passeriforme	<i>Sporophila caerulescens</i>	Coleiro, Coleirinho, Papa-capim
Ave terrestre passeriforme	<i>Sporophila collaris</i>	Coleiro do sertão
Ave terrestre passeriforme	<i>Sporophila leucoptera</i>	Bico de lacre
Ave terrestre passeriforme	<i>Sporophila lineola</i>	Coleiro, Bigodinho
Ave terrestre passeriforme	<i>Sporophila nigricollis</i>	Coleirinha, Coleiro-baiano
Ave terrestre passeriforme	<i>Sporophila sp</i>	Coleiro
Ave terrestre passeriforme	<i>Sporophila nigricollis nigricollis</i>	Coleirinho-macaco
Ave terrestre passeriforme	<i>Stelgidopteryx cyanoleuca</i>	Andorinha-do-rio
Ave terrestre passeriforme	<i>Stelgidopteryx ruficollis</i>	Andorinha-de-asa-de-serra, Andorinha-serradora, Andorinha-do-rio
Ave marinha costeira	<i>Sterna eurygnatha</i>	Andorinha-do-mar, Andorinha-do-mar-de-bico-amarelo, Trinta-réis-de-bico-amarelo
Ave marinha costeira	<i>Sterna fuscata</i>	Trinta-réis
Ave marinha costeira	<i>Sterna hirundinacea</i>	Trinta-réis-de-bico-vermelho, Andorinha-do-mar-do-bico-vermelho
Ave marinha costeira	<i>Sterna hirundo</i>	Trinta-réis-boreal
Ave marinha costeira	<i>Sterna hyrundinacea</i>	Trinta-réis-de-bico-vermelho
Ave marinha costeira	<i>Sterna maxima</i>	Trinta-réis-real
Ave marinha costeira	<i>Sterna paradiasea</i>	Trinta-réis-ártico
Ave marinha costeira	<i>Sterna sandvicencis eurygnatha</i>	
Ave marinha costeira	<i>Sterna simplex</i>	Trinta-réis
Ave marinha pelágica	<i>Streptoprocne zonaris</i>	Andorinhão de coleira, Andorinhão
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Strix huhula</i>	Coruja preta
Ave terrestre passeriforme	<i>Stumella militaris superciliaris</i>	Flamenguinho
Ave terrestre passeriforme	<i>Sublegatus modestus</i>	Siriri-do-serrado
Ave marinha costeira	<i>Sula dactylatra</i>	Atobá-mascarado
Ave marinha costeira	<i>Sula leucogaster</i>	Atoba, Atobá marrom
Ave marinha costeira	<i>Sula sula</i>	Atoba
Ave marinha costeira	<i>Synallaxis ruficapilla ruficapilla</i>	João-tenenem
Ave aquática continental	<i>Tachybaptus dominicus</i>	Mergulhão-pequeno

Sub-grupo	Nome Científico	Nome Comum
Ave terrestre passeriforme	<i>Tachycineta albiventer</i>	Andorinha, Andorinha-de-sobre-branco
Ave terrestre passeriforme	<i>Tachycineta leucorrhoa</i>	Tiê-preto
Ave terrestre passeriforme	<i>Tachyphonus coronatus</i>	
Ave terrestre passeriforme	<i>Tachyphonus cristatus</i>	
Ave terrestre passeriforme	<i>Tachyphonus cristatus bruneus</i>	Tie-galo
Ave terrestre passeriforme	<i>Tachyphonus melanops</i>	Tiê-de-topete
Ave terrestre passeriforme	<i>Tachyphonus rufus</i>	Tiê-preto
Ave terrestre passeriforme	<i>Tangara cayana flava</i>	Saira-coroa-ferruginea
Ave terrestre passeriforme	<i>Tangara cayana</i>	Saíra, Saíra-amarela, Saíra-colete, Sanhaço-cara-sua, Saíra-espelho
Ave terrestre passeriforme	<i>Tangara cyanocephala</i>	Saíra-militar
Ave terrestre passeriforme	<i>Tangara cyanoventris</i>	Saíra-douradinha
Ave terrestre passeriforme	<i>Tangara mexicana</i>	Saíra-de-bando, Coleiro-de-bando, Saíra-pintada
Ave terrestre passeriforme	<i>Tangara peruviana</i>	Saíra-sapucaia
Ave terrestre passeriforme	<i>Tangara schrankii</i>	
Ave terrestre passeriforme	<i>Tangara velia</i>	
Ave terrestre passeriforme	<i>Tangara velia cyanomelaena</i>	Saíra pérola
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Tapera naevia</i>	Saci, Verão, Peitica, Matinta-pereira, Mati, Matitaperê, Peixe-frito
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Tapera paevia chochi</i>	Saci
Ave terrestre passeriforme	<i>Taraba major</i>	Choró-boi, Chocão-de-barriga-branca
Ave terrestre passeriforme	<i>Tersina viridis</i>	Saí andorinha
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Thalurania glaucopsis</i>	Beija-flor-de-frente-violeta, Beija-flor-tesoura-cabeça-violeta
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Thalurania sp</i>	Beija-flor
Ave terrestre passeriforme	<i>Thamnomanes caesi</i>	
Ave terrestre passeriforme	<i>Thamnophilus ambiguus</i>	Choquinha, Choca-bate-cabo, Choca-de-sooretama
Ave terrestre passeriforme	<i>Thamnophilus caerulescens</i>	
Ave terrestre passeriforme	<i>Thamnophilus caruelescens caruelescens</i>	Choca-carijó
Ave terrestre passeriforme	<i>Thamnophilus doliatus</i>	
Ave terrestre passeriforme	<i>Thamnophilus palliatus</i>	Choca-listrada
Ave terrestre passeriforme	<i>Thamnophilus punctatus</i>	Choca-bate-rabo, Choca-bate-cabo, Concom
Ave terrestre passeriforme	<i>Thamnophilus ruficapiflus</i>	Choca-de-chapéu-vermelho, Choca-de-boné-ruivo
Ave terrestre passeriforme	<i>Thlypopsis sordida</i>	Canário sapé
Ave terrestre passeriforme	<i>Thraupis cyanoptera</i>	Sanhaço-de-encontro-azul
Ave terrestre passeriforme	<i>Thraupis ornata</i>	
Ave terrestre passeriforme	<i>Thraupis palmarum</i>	Sanhaço-do-coqueiro
Ave terrestre passeriforme	<i>Thraupis sayaca</i>	Sanhaço, Sanhaço-cinzento
Ave terrestre passeriforme	<i>Thryothorus genibarbis</i>	Garrinchão, Garrinchão-pai-avô, Maria-iô-iô, Maria-viuvo
Ave terrestre passeriforme	<i>Thylipopsis sordida sordida</i>	Saíra-canário
Ave terrestre passeriforme	<i>Thyrannus melacholicus melacholicus</i>	Siriri
Ave terrestre passeriforme	<i>Tiaris fuliginosa</i>	Qíqarra do coqueiro
Ave limnícola	<i>Tigrisoma lineatum</i>	Socó-boi-ferrugem, Socó-boi
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Tinamus solitarius</i>	Macuco
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Tinamus sp</i>	Inhabú
Ave terrestre passeriforme	<i>Todirostrum cinereum</i>	Ferreirinho, Ferrinho, Ferreirinho-relógio, Relógio, Sebinho

Sub-grupo	Nome Científico	Nome Comum
Ave terrestre passeriforme	<i>Todirostrum poliocephalum</i>	Teque-teque
Ave terrestre passeriforme	<i>Tolmomyias flaviventris</i>	Bico-chato, Bico-chato-amarelo
Ave terrestre passeriforme	<i>Tolmomyias sulphureus</i>	Bico-chato-de-orelha-preta
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Touit surdus</i>	Maitaca, Apuim-de-cauda-amarela
Ave terrestre passeriforme	<i>Trachycineta albiventris</i>	Andorinha do rio
Ave terrestre passeriforme	<i>Trhauipis cyanopectus</i>	Sanhavo-bico-grosso
Ave terrestre passeriforme	<i>Trichothraupis melanops</i>	
Ave limnícola	<i>Tringa flavipes</i>	Perna-amarela-pequena, Maçarico-de-perna-amarela
Ave limnícola	<i>Tringa melanoleuca</i>	Maçarico-grande-de-perna-amarela
Ave limnícola	<i>Tringa solitaria</i>	Maçarico, Maçarico-solitário, Maçariquinho pintadinho
Ave limnícola	<i>Tringa sp</i>	Maçarico
Ave terrestre passeriforme	<i>Troglodytes aedon</i>	Ganincha, Garrincha, Cambaxirra, Cambucira, Corruíra
Ave terrestre passeriforme	<i>Troglodytes musculus</i>	Corruíra
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Trogon viridis</i>	Surucua-grande-de-barriga-amarela
Ave terrestre passeriforme	<i>Turdus albicollis</i>	Sabiá-coleira
Ave terrestre passeriforme	<i>Turdus amaurochalinus</i>	Sabiá-poca
Ave terrestre passeriforme	<i>Turdus fumigatus</i>	Sabiá-da-mata
Ave terrestre passeriforme	<i>Turdus fumigatus fumigatus</i>	Sabia-verdadeiro
Ave terrestre passeriforme	<i>Turdus leucomelas</i>	Sabiá-branca, Sabiá-barranco, Sabiá-barranqueiro, Sabiá-da-mata
Ave terrestre passeriforme	<i>Turdus ruficapillus</i>	Sabiá-laranjeira
Ave terrestre passeriforme	<i>Turdus rufiventris</i>	Sabiá-laranjeira
Ave terrestre passeriforme	<i>Turdus sp</i>	Sabiá, Sabiá-parda
Ave terrestre passeriforme	<i>Tyrannus albogularis</i>	Suiriri-garganta-branca
Ave terrestre passeriforme	<i>Tyrannus melancholicus</i>	Siriri, Suiriri
Ave terrestre passeriforme	<i>Tyrannus savana</i>	Tesoura, Siriri-tesoura
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Tyto alba</i>	Coruja-das-torres, Coruja-da-igreja, Coruja-branca, Coruja-católica, Suindara
Ave limnícola	<i>Vanellus chilensis</i>	Quero-quero
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Veniliornis maculifrons</i>	
Ave terrestre passeriforme	<i>Vireo chivi</i>	Juruviara, Juruviara
Ave terrestre passeriforme	<i>Vireo olivaceus</i>	Juruviara
Ave terrestre passeriforme	<i>Vireo sp</i>	Juruviara
Ave terrestre passeriforme	<i>Volatinia jacarina</i>	Tziu
Ave terrestre passeriforme	<i>Xenops minutus</i>	
Ave terrestre passeriforme	<i>Xenops rutilans</i>	
Ave terrestre passeriforme	<i>Xiphocolaptes albicollis albicollis</i>	Arapacú-de-garganta-branca
Ave terrestre passeriforme	<i>Xiphorhynchus guttatus</i>	Arapacu-de-garganta-amarela
Ave terrestre passeriforme	<i>Xiphorhynchus picus</i>	Arapacu-de-bico-branco
Ave terrestre passeriforme	<i>Xiphorhynchus sp</i>	Arapacu
Ave terrestre passeriforme	<i>Xolmis cinerea</i>	Primavera, Maria-branca
Ave terrestre passeriforme	<i>Xolmis velata</i>	Pombinha-das-almas
Ave terrestre não-passeriforme	<i>Zenaida auriculata</i>	Avoante, Pomba-amargosa, Pomba-de-bando
Ave terrestre passeriforme	<i>Zonotrichia capensis</i>	Tico-tico, tico-teco

Sub-grupo	Nome Científico	Nome Comum
MAMÍFEROS		
Mamífero aquático	<i>Eubalaena australis</i>	Baleia-franca, Baleia-franca-austral
Mamífero aquático	<i>Lontra longicaudis</i>	Lontra
Mamífero aquático	<i>Megaptera novaeangliae</i>	Baleia-jubarte
Mamífero aquático	<i>Pontoporia blainvilliei</i>	Toninha, Franciscana
Mamífero aquático	<i>Pteronura brasiliensis</i>	Ariranha
Mamífero aquático	<i>Sotalia fluviatilis</i>	Boto-cinza, Boto, olfinho
Mamífero aquático	<i>Sotalia guianensis</i>	Boto, Boto-cinza
Mamífero aquático	<i>Stenella spp</i>	Golfinho
Mamífero aquático	<i>Steno bredanensis</i>	Golfinho-de-dentes-rugosos
Mamífero aquático	<i>Tursiops truncatus</i>	Golfinho
Mamífero terrestre	<i>Abrawayaomys ruschii</i>	
Mamífero terrestre	<i>Agouti paca</i>	Paca, Paca-mirim, Pacaçu
Mamífero terrestre	<i>Akodon cursor</i>	Rato-da-mata
Mamífero terrestre	<i>Akodon sp</i>	Rato do mato
Mamífero terrestre	<i>Alouatta fusca</i>	Barbado
Mamífero terrestre	<i>Alouatta guariba</i>	
Mamífero terrestre	<i>Anoura caudifer</i>	Morcego
Mamífero terrestre	<i>Anoura geoffroyi</i>	Morcego
Mamífero terrestre	<i>Artibeus cinereus</i>	Morcego
Mamífero terrestre	<i>Artibeus fimbriatus</i>	Morcego
Mamífero terrestre	<i>Artibeus glaucus</i>	Morcego
Mamífero terrestre	<i>Artibeus jamaicensis</i>	Morcego
Mamífero terrestre	<i>Artibeus lituratus</i>	Morcego, Morcego-vampiro, Morcego-fruteiro, Morcego-cara-branca
Mamífero terrestre	<i>Artibeus obscurus</i>	Morcego
Mamífero terrestre	<i>Artibeus jamaicensis planirostris</i>	Morcego amendoeira
Mamífero terrestre	<i>Blastocerus dichotomus</i>	
Mamífero terrestre	<i>Bolomys lasiurus</i>	Rato
Mamífero terrestre	<i>Bradypus torquatus</i>	Preguiça-de-coleira
Mamífero terrestre	<i>Bradypus tridactylus</i>	Preguiça
Mamífero terrestre	<i>Bradypus variegatus</i>	Preguiça, Pregiça-comum
Mamífero terrestre	<i>Cabassous sp</i>	Tatu-rabo-de-couro
Mamífero terrestre	<i>Cabassous tatouay</i>	Tatu-rabo-mole, Chima
Mamífero terrestre	<i>Callicebus personatus</i>	Guigó, Guingó, Sauá

Sub-grupo	Nome Científico	Nome Comum
Mamífero terrestre	<i>Callithrix geoffroyi</i>	Mico, Sagui, Sagui-de-cara-branca, Sauí-de-cara-branca
Mamífero terrestre	<i>Callithrix jacchus</i>	
Mamífero terrestre	<i>Callithrix penicillata</i>	
Mamífero terrestre	<i>Caluromys philander</i>	Cauica lanosa
Mamífero terrestre	<i>Canis familiaris</i>	Cachorro-doméstico
Mamífero terrestre	<i>Carollia brevicauda</i>	Morcego
Mamífero terrestre	<i>Carollia perspicillata</i>	Morcego
Mamífero terrestre	<i>Cavia aperea</i>	Preá
Mamífero terrestre	<i>Cavia fulgida</i>	Preá
Mamífero terrestre	<i>Cavia</i> sp	Prea
Mamífero terrestre	<i>Cebus apella</i>	Macaco-prego
Mamífero terrestre	<i>Cerdocyon thous</i>	Cachorro-do-mato, raposinha
Mamífero terrestre	<i>Chaethomys subspinosus</i>	Jau torino; Ouriço de cabelo; Seu torico, Ouriço preto
Mamífero terrestre	<i>Chiroderma villosum</i>	Morcego
Mamífero terrestre	<i>Choeronsiscus minor</i>	Morcego
Mamífero terrestre	<i>Chrotopterus auritus</i>	Morcego
Mamífero terrestre	<i>Coendou prehensilis</i>	Ouriço-cacheiro
Mamífero terrestre	<i>Coendou villosus</i>	Ouriço-cacheiro
Mamífero terrestre	<i>Conepatus semistriatus</i>	Jaritataca, Jericaca
Mamífero terrestre	<i>Dasyprocta agouti</i>	Cutia
Mamífero terrestre	<i>Dasyprocta leporina</i>	Cutia
Mamífero terrestre	<i>Dasyus novemcinctus</i>	Tatu-galinha, Tatu-pé-de-galinha
Mamífero terrestre	<i>Dasyus septemcinctus</i>	Tatuí, Tatu-mirim, Tatu-itê
Mamífero terrestre	<i>Desmodus rotundus</i>	Morcego vampiro
Mamífero terrestre	<i>Desmodus rotundus rotundus</i>	Vampiro do gado
Mamífero terrestre	<i>Didelphis aurita</i>	Gambá, Gambá-de-orelha-preta, Gambá-biju, Saruê
Mamífero terrestre	<i>Didelphis marsupialis</i>	Gambá, Saruê
Mamífero terrestre	<i>Diphylla ecaudata</i>	
Mamífero terrestre	<i>Diphylla ecaudata ecaudata</i>	Vampiro das aves
Mamífero terrestre	<i>Dusicyon thous</i>	Cachorro-do-mato
Mamífero terrestre	<i>Dusicyon vetulus vetulus</i>	Raposa do campo
Mamífero terrestre	<i>Echimyus brasiliensis</i>	Rato de espinho da praia
Mamífero terrestre	<i>Echimyus</i> sp	Rato
Mamífero terrestre	<i>Eira barbara</i>	Irara
Mamífero terrestre	<i>Eptesicus diminutus</i>	Morcego
Mamífero terrestre	<i>Eptesicus</i> sp	Morcego

Sub-grupo	Nome Científico	Nome Comum
Mamífero terrestre	<i>Euphractus sexcinctus</i>	Tatu-peba, Tatu-peludo, Tatu-testa-de-ferro
Mamífero terrestre	<i>Felis catus</i>	Gato doméstico
Mamífero terrestre	<i>Felis concolor</i>	Suçuarana, Puma, Onça-parda
Mamífero terrestre	<i>Felis pardalis</i>	Bracalhau; Jaguatirica
Mamífero terrestre	<i>Felis sp</i>	Gato, Gato do mato pequeno
Mamífero terrestre	<i>Felis vaquaroundi</i>	Japaganga; Gato mourisco
Mamífero terrestre	<i>Felis wiedii</i>	Gato-maracajá
Mamífero terrestre	<i>Felis yaguarondi yaguarondi</i>	Gato mourisco
Mamífero terrestre	<i>Galictis sp</i>	Jericaca
Mamífero terrestre	<i>Glossophaga soricina</i>	Morcego-beija-flor
Mamífero terrestre	<i>Glossophaga sorisina sorisina</i>	Morcego das flores
Mamífero terrestre	<i>Gracilinanus agilis</i>	Marmosa
Mamífero terrestre	<i>Gracilinanus iroartarus</i>	
Mamífero terrestre	<i>Gracilinanus microtarsus</i>	Catita pequena
Mamífero terrestre	<i>Herpailurus yagouaroundi</i>	Jaguarundi, Gato-mourisco
Mamífero terrestre	<i>Hydrochaeris hydrochaeris</i>	Capivara
Mamífero terrestre	<i>Lasiurus ega argentinus</i>	Morceguinho avermelhado
Mamífero terrestre	<i>Leontopithecus rosalia</i>	
Mamífero terrestre	<i>Leopardus pardalis</i>	Jaguatirica
Mamífero terrestre	<i>Leopardus sp</i>	Gato-do-mato
Mamífero terrestre	<i>Leopardus tigrinus</i>	Gato-do-mato-pequeno
Mamífero terrestre	<i>Leopardus wiedii</i>	Gato maracajá, Gato do mato
Mamífero terrestre	<i>Lonchophylla mordax</i>	
Mamífero terrestre	<i>Lonchorhina aurita</i>	
Mamífero terrestre	<i>Manzana sp</i>	Veado-mateiro
Mamífero terrestre	<i>Marmosa cinerea</i>	
Mamífero terrestre	<i>Marmosa cinerea cinerea</i>	Catita
Mamífero terrestre	<i>Marmosa murina</i>	Catita amarela, Marmosa
Mamífero terrestre	<i>Marmosops incanus</i>	
Mamífero terrestre	<i>Mazama americana</i>	Veado cadete, Veado mateiro
Mamífero terrestre	<i>Mazama gouazoubira</i>	Veado-catingeiro
Mamífero terrestre	<i>Mazama sp</i>	Veado
Mamífero terrestre	<i>Mazama rufina</i>	Veado cambuci; Veado campina
Mamífero terrestre	<i>Mazama simplicomus simplicomus</i>	Veado catingeiro
Mamífero terrestre	<i>Metachirops opossum quica</i>	Chupati
Mamífero terrestre	<i>Metachirus nudicaudatus</i>	Jupati

Sub-grupo	Nome Científico	Nome Comum
Mamífero terrestre	<i>Micoureus cinereus</i>	Catita, Cuíca
Mamífero terrestre	<i>Micoureus demerarae</i>	Catita, Cuíca da árvore
Mamífero terrestre	<i>Micronycteris brachyotis</i>	Morcego
Mamífero terrestre	<i>Micronycteris hirsuta</i>	Morcego
Mamífero terrestre	<i>Micronycteris megalotis</i>	Morcego
Mamífero terrestre	<i>Micronycteris microtis</i>	
Mamífero terrestre	<i>Micronycteris minuta</i>	Morcego
Mamífero terrestre	<i>Micronycteris nicefori</i>	Morcego
Mamífero terrestre	<i>Micsonycteris megalotis megalotis</i>	Morceguinho de orelhas grandes
Mamífero terrestre	<i>Mimon crenulatum</i>	Morcego
Mamífero terrestre	<i>Molossus ater</i>	Morcego-urbano-grande
Mamífero terrestre	<i>Molossus aterater</i>	Morcego de cauda livre
Mamífero terrestre	<i>Molossus molossus</i>	Morcego-urbano-pequeno
Mamífero terrestre	<i>Molossus sp</i>	Morcego, morceguinho
Mamífero terrestre	<i>Monodelphis americana</i>	Catita
Mamífero terrestre	<i>Mus musculus</i>	Camundongo
Mamífero terrestre	<i>Mus musculus brevirostris</i>	Camundongo
Mamífero terrestre	<i>Myotis nigricans</i>	Morcego
Mamífero terrestre	<i>Myotis nigricans nigricans</i>	Morceguinho preto
Mamífero terrestre	<i>Myotis sp</i>	
Mamífero terrestre	<i>Myrmecophaga tridactyla</i>	Tamanduá-bandeira
Mamífero terrestre	<i>Nasua nasua</i>	Quati, Quati-mundel, Quatitá
Mamífero terrestre	<i>Natalus stramineus</i>	
Mamífero terrestre	<i>Nectomys sp</i>	Rato, Rato d'água
Mamífero terrestre	<i>Nectomys squamipes</i>	Rato d'água
Mamífero terrestre	<i>Noctilio leporinus</i>	Morcego-pescador
Mamífero terrestre	<i>Noctilio leporinus leporinus</i>	Morcego pescador
Mamífero terrestre	<i>Oryzomys capitus</i>	Calungão, Rato do mato
Mamífero terrestre	<i>Oryzomys subflavus</i>	Rato do mate
Mamífero terrestre	<i>Oryzomys capito</i>	Rato
Mamífero terrestre	<i>Oryzomys sp</i>	Rato-calango
Mamífero terrestre	<i>Panthera onca</i>	Onça, onça-pintada
Mamífero terrestre	<i>Pecari tajacu</i>	Catitu ou Caititu
Mamífero terrestre	<i>Peropteryx macrotis</i>	Morcego
Mamífero terrestre	<i>Philander frenata</i>	Cuíca-de-quatro-olhos
Mamífero terrestre	<i>Philander opossum</i>	Cuíca
Mamífero terrestre	<i>Phyllomys pattoni</i>	Rato-de-espinho
Mamífero terrestre	<i>Phyllotomus discolor</i>	Morcego
Mamífero terrestre	<i>Phyllotomus hastatus</i>	Morcego-fruteiro-grande
Mamífero terrestre	<i>Phyllotomus hastatus hastatus</i>	Morcegão de oco-de-árvore
Mamífero terrestre	<i>Pithecia pithecia</i>	Macaco-parauacu
Mamífero terrestre	<i>Platyrrhinus lineatus</i>	Morcego
Mamífero terrestre	<i>Platyrrhinus recifinus</i>	Morcego
Mamífero terrestre	<i>Potus flavus</i>	Jupará, Macaco-da-noite
Mamífero terrestre	<i>Priondotes maximus</i>	Tatu-canastra
Mamífero terrestre	<i>Procyon cancrivorus</i>	Mão-pelada, Guaxinum-caranguejeiro
Mamífero terrestre	<i>Proechimys iheringi</i>	Rato-espinho
Mamífero terrestre	<i>Puma concolor</i>	Onça-parda ou Suçuarana
Mamífero terrestre	<i>Pygoderma bilabiatum</i>	Morcego
Mamífero terrestre	<i>Rattus rattus</i>	Rato-preto, Rato-comum, Rato-doméstico
Mamífero terrestre	<i>Rattus norvegicus</i>	Rato-preto
Mamífero terrestre	<i>Rhinophylla pumilio</i>	Morcego
Mamífero terrestre	<i>Rhipidomys mastacalis</i>	Rato, Rato da árvore
Mamífero terrestre	<i>Rhynchonycteris naso</i>	Morcego
Mamífero terrestre	<i>Rhynchiscus naso</i>	Morceguinho de tromba
Mamífero terrestre	<i>Saccolaryx macrotis</i>	Morcego
Mamífero terrestre	<i>Sciurus aestuans</i>	Caxinguele, caticoco
Mamífero terrestre	<i>Sciurus igrami</i>	Caticoco
Mamífero terrestre	<i>Sphiggurus spp</i>	Ouriço-cacheiro
Mamífero terrestre	<i>Sylvilagus brasiliensis minensis</i>	Tapeti
Mamífero terrestre	<i>Sphiggurus insidiosus</i>	Ouriço cacheiro, Ouriço preto, Luís-cacheiro
Mamífero terrestre	<i>Sphiggurus sp</i>	Ouriço-cacheiro, Luis-cacheiro
Mamífero terrestre	<i>Sphiggurus villosus</i>	Ouriço-cacheiro
Mamífero terrestre	<i>Sturnira lilium</i>	Morcego
Mamífero terrestre	<i>Sturnira tildae</i>	Morcego
Mamífero terrestre	<i>Sylvilagus brasiliensis</i>	Coelho, Coelho do mato, Tapeti, Tapiti
Mamífero terrestre	<i>Tamandua tetradactyla</i>	Tamanduá-de-colete, Tamanduá-cavalo, tamanduá-miúdo, tamanduá-mirim
Mamífero terrestre	<i>Tapirus terrestris</i>	Anta
Mamífero terrestre	<i>Tayara barbara gulina</i>	Irara
Mamífero terrestre	<i>Tayassu pecari</i>	Queixada, cateto
Mamífero terrestre	<i>Tayassu tajacu</i>	Queixada
Mamífero terrestre	<i>Tonatia bidens</i>	Morcego
Mamífero terrestre	<i>Tonatia brasiliensis</i>	Morcego
Mamífero terrestre	<i>Trachops cirrhosus</i>	Morcego, Morcego de lábios enrugados
Mamífero terrestre	<i>Trinomys iheringi</i>	Rato
Mamífero terrestre	<i>Trinomys sp</i>	Rato-de-espinho
Mamífero terrestre	<i>Uroderma magnirostrum</i>	Morcego
Mamífero terrestre	<i>Vampyressa pusilla</i>	Morcego
Mamífero terrestre	<i>Vampyrops lineatus</i>	Morcego cinza listado de branco

Sub-grupo	Nome Científico	Nome Comum
RÉPTEIS		
Quelônio	<i>Acanthochelys radiolata</i>	Cágado, Cágado-amarelo
Ofídio	<i>Ameiva ameiva</i>	Lagarto, lagarto-verde, Bico-doce, Calango-verde
Ofídio	<i>Amphisbaena alba</i>	Cobra-cega, Cobra-de-duas-cabeças
Ofídio	<i>Amphisbaena</i> cf. <i>nigricauda</i>	
Ofídio	<i>Anolis punctatus</i>	Lagartinho, Papa-vento
Ofídio	<i>Anolis sp</i>	Papa-vento
Ofídio	<i>Boa constrictor</i>	Jibóia
Ofídio	<i>Boa constrictor constrictor</i>	Jibóia
Ofídio	<i>Bothrops atrox</i>	Preguiçosa
Ofídio	<i>Bothrops bilineata</i>	Patioba, Jararaca-verde
Ofídio	<i>Bothrops jararaca</i>	Jararaca verdadeira, Preguiçosa
Ofídio	<i>Bothrops jararacussu</i>	Jararacuçu
Ofídio	<i>Bothrops leucurus</i>	Jararaca, Preguiçosa
Ofídio	<i>Bothrops pradoi</i>	Jararaca
Crocodiliano	<i>Caiman latirostris</i>	Jacaré-de-papo-amarelo
Quelônio	<i>Caretta caretta</i>	Tartaruga-cabeçuda, Careba-amarela, Tartaruga-marinha
Quelônio	<i>Chelonia mydas</i>	Tartaruga-verde, Careba-verde, Tartaruga-marinha
Ofídio	<i>Chironius bicarinatus</i>	Cobra-verde
Ofídio	<i>Chironius</i> cf. <i>flavolineatus</i>	
Ofídio	<i>Chironius exoletus</i>	Cobra-cipó
Ofídio	<i>Chironius fuscus</i>	Cobra, Cobra-verde
Ofídio	<i>Chironius laevicollis</i>	Cobra-cipó
Ofídio	<i>Chironius sexacarinatus</i>	Cobra-cipó-marrom
Ofídio	<i>Chironius sp</i>	Cobra-cipó
Ofídio	<i>Cnemidophorus nativo</i>	Lagarto-listrado, Lagartinho-listrado, Lagartinho-de-Linhares
Ofídio	<i>Cnemidophorus ocellifer</i>	Calango, Calanguinho-listrado
Ofídio	<i>Cnemidophorus sp</i>	Lagartinho listrado
Ofídio	<i>Corallus hortulanus</i>	Jiboinha, Saçubóia
Quelônio	<i>Dermochelys coriacea</i>	Tartaruga-gigante, Tartaruga-de-quilha, Tartaruga-de-couro, Tartaruga-marinha
Ofídio	<i>Diploglossus fasciatus</i>	Lagarto rajado
Ofídio	<i>Dipsas albifrons</i>	Dormideira
Ofídio	<i>Eclpeopus gaudichaudii</i>	Lagartinho-da-mata
Ofídio	<i>Elapomorphus quinquelineatus</i>	Cobra-da-terra
Ofídio	<i>Elapomorphus sp</i>	
Ofídio	<i>Enyalius catenatus</i>	
Ofídio	<i>Epicrates cenchria</i>	
Ofídio	<i>Epicrates cenchria hygrophilus</i>	Salamandra da bahia, Jibóia arco-íris
Quelônio	<i>Eretmochelys imbricata</i>	Tartaruga de pente, Tartaruga marinha
Ofídio	<i>Erythrolamprus aesculapii</i>	Falsa-coral
Quelônio	<i>Geochelone denticulata</i>	Jabuti, Jabuti-tinga
Quelônio	<i>Geochelone sp</i>	Jabuti
Ofídio	<i>Gymnodactylus darwini</i>	Lagartixa, Lagartixa-da-mata, Taruira, Taruira-da-mata
Ofídio	<i>Helicops carinicaudus</i>	Cobra-d'água, Marobá
Ofídio	<i>Hemidactylus mabouia</i>	Taruíra, Lagartixa-de-parede, Lagartixa
Ofídio	<i>Kentropyx calcarata</i>	
Ofídio	<i>Kentropyx sp</i>	
Ofídio	<i>Lachesis muta</i>	Surucucu, Surucucu-pico-de-jaca
Quelônio	<i>Lepidochelys olivacea</i>	Tartaruga-oliva
Ofídio	<i>Leposoma scincoides</i>	Lagartinho, Lagartinho-da-mata
Ofídio	<i>Leposternon sp</i>	
Ofídio	<i>Leposternon wucheri</i>	Cobra-de-duas-cabeças
Ofídio	<i>Leptodeira annulata</i>	Cobra, Serpente olho de gato anelada
Ofídio	<i>Leptophis ahaetulla</i>	Cobra-cipó
Ofídio	<i>Leposternon microcephalum</i>	Cobra-cega
Ofídio	<i>Leptotyphlops macrolepis</i>	Cobra-cega
Ofídio	<i>Leptotyphlops salgueiroi</i>	
Ofídio	<i>Leptotyphlops sp</i>	Cobra-cega
Ofídio	<i>Liolaemus lutzae</i>	Lagartixa da areia da praia
Ofídio	<i>Liophis miliaris</i>	Cobra-d'água
Ofídio	<i>Liophis poecilogyrus</i>	Falsa-coral, Cobra-do-capim, Cobra-d'água, Limpa-campo
Ofídio	<i>Mabuya agilis</i>	Víbora, Lagartixa-de-vidro
Ofídio	<i>Mabuya macrorhyncha</i>	Víbora
Ofídio	<i>Mabuya sp</i>	Víbora, Lagartixa-de-vidro
Ofídio	<i>Martigrodryas bifossatus</i>	Cobra do brejo, Jararaca-do-brejo, Jararacussu-do-brejo, Correntina
Ofídio	<i>Micrablepharus</i> cf. <i>maximiliani</i>	Lagarto-do-rabo-azul
Ofídio	<i>Micrurus corallinus</i>	Cobra coral
Ofídio	<i>Ophiodes fragilis</i>	
Ofídio	<i>Ophiodes striatus</i>	Cobra-de-vidro
Ofídio	<i>Oxybelis acuminatus</i>	Cobra-cipó-bronzeada
Ofídio	<i>Oxybelis aeneus</i>	Cobra-cipó
Ofídio	<i>Oxyrhopus digitalis</i>	Falsa-coral
Ofídio	<i>Oxyrhopus petola</i>	Falsa-coral
Ofídio	<i>Philodryas patagoniensis</i>	Cobra, Cobra-parelheira
Quelônio	<i>Phrynops geoffroanus</i>	Cágado
Quelônio	<i>Phrynops sp</i>	Cágado
Ofídio	<i>Philodryas oflersii</i>	Cobra verde
Ofídio	<i>Polychrus marmoratus</i>	Lagarto-papa-vento, Camaleão pequeno, Camaleão
Ofídio	<i>Polychrus sp</i>	Mussurana
Ofídio	<i>Pseudoboa cloelia</i>	Cobra-preta, Boiúna, Falsa-coral, Cobra-de-leite
Ofídio	<i>Pseudoboa nigra</i>	Falsa-coral
Ofídio	<i>Pseudoboa trigemia</i>	Cobra
Ofídio	<i>Pseustes sulphureus</i>	

Sub-grupo	Nome Científico	Nome Comum
Ofídio	<i>Spilotes compressus</i>	Falsa-coral
Ofídio	<i>Spilotes pullatus</i>	Caninana
Ofídio	<i>Spilotes pullatus pullatus</i>	Caninana
Quelônio	<i>Talassochelys caretta</i>	Tartaruga de gancho
Ofídio	<i>Tantilla melanocephala</i>	Cobra-de-coroa
Ofídio	<i>Thamnodynastes</i> cf. <i>strigilis</i>	Jararaquinha, Falsa-jararaca, Cobra-marrom
Ofídio	<i>Thamnodynastes lanei</i>	
Ofídio	<i>Thamnodynastes sp</i>	
Ofídio	<i>Thamnodynastes strigatus</i>	
Ofídio	<i>Tropidurus torquatus</i>	Lagarto, Calango
Ofídio	<i>Tupinambis merianae</i>	Teiú, Lagarto,Tiú
Ofídio	<i>Tupinambis teguixim</i>	Teiú, Tiú
Ofídio	<i>Typhlops brongersmianus</i>	Cobra-cega, Cobra-blindada
Ofídio	<i>Waglerophis merremii</i>	Boipeba, Boipeva, Tapete
ANFÍBIOS		
Anuros	<i>Adenomera sp</i>	
Anuros	<i>Aparasphenodon bruno</i>	Perereca, Perereca-capacete, Perereca-cabeçuda
Anuros	<i>Aplastodiscus weygoldti</i>	
Anuros	<i>Arcovomer passarelli</i>	
Anuros	<i>Bokermannohyla circumdata</i>	
Anuros	<i>Bokermannohyla caramaschii</i>	
Anuros	<i>Bufo crucifer</i>	Sapo-cururu, Sapo-comum
Anuros	<i>Bufo granulosus</i>	Sapinho
Anuros	<i>Bufo leptodactylus</i>	
Anuros	<i>Bufo paracnemis</i>	Sapo-boi, Sapo-cururu
Anuros	<i>Ceratophrys aurita</i>	
Anuros	<i>Chaunus crucifer</i>	
Anuros	<i>Chaunus granulosus</i>	
Anuros	<i>Chaunus schneideri</i>	
Anuros	<i>Chiasmocleis capixaba</i>	
Anuros	<i>Chiasmocleis schubarti</i>	Rãzinha-da-terra
Anuros	<i>Cycloramphus sp</i>	
Anuros	<i>Dendropsophus aff. berthaltutzae</i>	
Anuros	<i>Dendropsophus anceps</i>	
Anuros	<i>Dendropsophus bipunctatus</i>	Perereca
Anuros	<i>Dendropsophus branneri</i>	Perereca, Perereca-pequena
Anuros	<i>Dendropsophus decipiens</i>	Perereca-pequena
Anuros	<i>Dendropsophus elegans</i>	Perereca-de-moldura
Anuros	<i>Dendropsophus haddadi</i>	
Anuros	<i>Dendropsophus meridianus</i>	
Anuros	<i>Dendropsophus minutus</i>	
Anuros	<i>Dendropsophus pseudomeridianus</i>	
Anuros	<i>Dendropsophus seniculus</i>	
Anuros	<i>Dendropsophus sp</i>	
Anuros	<i>Eleutherodactylus binotatus</i>	Rã-da-mata
Anuros	<i>Gastrotheca fissipes</i>	Perereca, Perereca-marsupial
Anuros	<i>Haddadus binotatus</i>	
Anuros	<i>Hyla agilis</i>	Perereca
Anuros	<i>Hyla albomarginata</i>	Perereca-verde
Anuros	<i>Hyla altera</i>	Perereca
Anuros	<i>Hyla anceps</i>	
Anuros	<i>Hyla aurata</i>	Perereca
Anuros	<i>Hyla berthaltutze</i>	Perereca
Anuros	<i>Hyla bipunctata</i>	Perereca
Anuros	<i>Hyla branneri</i>	Perereca, Perereca amarela
Anuros	<i>Hyla</i> cf. <i>decipiens</i>	Perereca, Pererequinha
Anuros	<i>Hyla</i> cf. <i>haddadi</i>	Perereca
Anuros	<i>Hyla cuspidata</i>	Perereca
Anuros	<i>Hyla elegans</i>	Perereca, Perereca-de-moldura
Anuros	<i>Hyla faber</i>	Sapo-ferreiro
Anuros	<i>Hyla fuscovaria</i>	Perereca
Anuros	<i>Hyla haddadi</i>	
Anuros	<i>Hyla luteolus</i>	Perereca
Anuros	<i>Hyla minuta</i>	Pererequinha
Anuros	<i>Hyla pardalis</i>	Perereca
Anuros	<i>Hyla geographica</i>	Perereca
Anuros	<i>Hyla semilineata</i>	Perereca, Perereca-dormideira
Anuros	<i>Hyla senicula</i>	
Anuros	<i>Hyla sp</i>	
Anuros	<i>Hypsiboas albomarginatus</i>	Perereca-verde
Anuros	<i>Hypsiboas albopunctatus</i>	
Anuros	<i>Hypsiboas anceps</i>	Perereca-zebra
Anuros	<i>Hypsiboas faber</i>	Sapo-ferreiro
Anuros	<i>Hypsiboas pardalis</i>	
Anuros	<i>Hypsiboas semilineatus</i>	Perereca
Anuros	<i>Ischnocnema sp</i>	
Anuros	<i>Ischnocnema verrucosa</i>	
Anuros	<i>Itapotihyla langsdorffii</i>	
Anuros	<i>Leptodactylus fuscus</i>	Rãzinha, caçote
Anuros	<i>Leptodactylus mystacinus</i>	Caçote-vermelho
Anuros	<i>Leptodactylus natalensis</i>	Caçote-borbulhante
Anuros	<i>Leptodactylus ocellatus</i>	Rã-comum, Rã-manteiga

Sub-grupo	Nome Científico	Nome Comum
Anuros	<i>Leptodactylus spixi</i>	
Anuros	<i>Itapothyla langsdorffii</i>	Perereca-da-mata
Anuros	<i>Osteocephalus langsdorffii</i>	Perereca
Anuros	<i>Phrynohyas cf. mesophaea</i>	Perereca
Anuros	<i>Phyllodytes luteolus</i>	Perereca-das-bromélias
Anuros	<i>Phyllomedusa burmeisteri</i>	Perereca, Perereca-macaco
Anuros	<i>Phyllomedusa rohdei</i>	
Anuros	<i>Phyllomedusa sp</i>	
Anuros	<i>Physalaemus aguirrei</i>	Rã-cachorro
Anuros	<i>Physalaemus crombiei</i>	Rãzinha-da-mata
Anuros	<i>Physalaemus gr. signifer</i>	
Anuros	<i>Physalaemus obtectus</i>	
Anuros	<i>Physalaemus ofersii</i>	
Anuros	<i>Physalaemus sp</i>	Rã, Rãzinha-da-mata
Anuros	<i>Proceratophrys laticeps</i>	
Anuros	<i>Pseudis bolbodactyla</i>	
Anuros	<i>Pseudopaludicola cf. mystacalis</i>	Rã-do-charco
Anuros	<i>Pseudopaludicola falcipes</i>	
Anuros	<i>Pseudopaludicola sp</i>	
Anuros	<i>Rhinella crucifer</i>	
Anuros	<i>Rhinella granulosa</i>	
Anuros	<i>Rhinella pygmaea</i>	Sapinho-de-restinga
Anuros	<i>Rhinella schneideri</i>	
Anuros	<i>Scinax agilis</i>	Perereca
Anuros	<i>Scinax alter</i>	Perereca, Pererequinha
Anuros	<i>Scinax argyreornatus</i>	Perereca
Anuros	<i>Scinax cf. alterus</i>	Perereca
Anuros	<i>Scinax cf. auratus</i>	
Anuros	<i>Scinax cuspidatus</i>	Pererequinha, Raspa-cuia
Anuros	<i>Scinax eurydice</i>	
Anuros	<i>Scinax fuscovarius</i>	Perereca, Raspa-cuia, Perereca-de-banheiro
Anuros	<i>Scinax gr. catharinae</i>	
Anuros	<i>Scinax gr. ruber</i>	Perereca
Anuros	<i>Scinax heyeri</i>	
Anuros	<i>Scinax similis</i>	Raspa-cuia-pintata
Anuros	<i>Scinax sp</i>	
Anuros	<i>Scinax x-signatus</i>	Raspa-cuia
Anuros	<i>Sphaenorhynchus sp</i>	
Anuros	<i>Sphaenorhynchus cf. prasinus</i>	
Anuros	<i>Sphaenorhynchus planicola</i>	Perereca-das-Salvéneas
Anuros	<i>Stereocyclops incrassatus</i>	
Anuros	<i>Stereocyclops parkeri</i>	Rã-da-chuva
Anuros	<i>Thoropa miliaris</i>	Rã
Anuros	<i>Trachycephalus nigromaculatus</i>	Perereca-cabeçuda, Perereca-cabeça-de-osso, Perereca-grande-cabeçuda

PEIXES

Pelágico	<i>Ablennes hians</i>	
Demersal	<i>Abudefduf saxatilis</i>	Sargentinho
Demersal	<i>Acanthostracion polygonius</i>	
Demersal	<i>Acanthostracion quadricornis</i>	
Demersal	<i>Acanthostracion sp</i>	
Demersal	<i>Acanthurus bahianus</i>	
Demersal	<i>Acanthurus chirurgus</i>	
Demersal	<i>Acanthurus coeruleus</i>	
Demersal	<i>Acanthurus sp</i>	
Demersal	<i>Acentronichthys leptos</i>	Bagrinho
Demersal	<i>Achirus cf. jenynsii</i>	
Demersal	<i>Achirus declivis</i>	Linguado
Demersal	<i>Achirus lineatus</i>	Linguado, Maria-sapeba, Aramaçá, Tapa
Demersal	<i>Achirus sp</i>	
Demersal	<i>Acyrtops beryllina</i>	
Demersal	<i>Adioryx bullisi</i>	
Demersal	<i>Aetobatus narinari</i>	Raia-pintada
Demersal	<i>Ahlia egmontis</i>	Murucutuca
Demersal	<i>Albula vulpes</i>	Ubarana
Demersal	<i>Alphestes afer</i>	
Demersal	<i>Aluterus monoceros</i>	
Demersal	<i>Aluterus scriptus</i>	
Demersal	<i>Amblycirrhitus pinos</i>	
Pelágico	<i>Anchoa filifera</i>	
Pelágico	<i>Anchoa januaria</i>	
Demersal	<i>Anchoa lyolepis</i>	Manjubinha
Pelágico	<i>Anchoa sp</i>	
Pelágico	<i>Anchoa spinifer</i>	Manjuba
Pelágico	<i>Anchoa tricolor</i>	Manjuba, Roncador
Bento-pelágico	<i>Anchovia clupeioides</i>	
Bento-pelágico	<i>Anchovia sp</i>	
Pelágico	<i>Anchoviella brevirostris</i>	
Pelágico	<i>Anchoviella lepidentostole</i>	Manjuba
Pelágico	<i>Anchoviella sp</i>	Manjuba
Demersal	<i>Anisotremus bicolor</i>	
Demersal	<i>Anisotremus moricandi</i>	

Sub-grupo	Nome Científico	Nome Comum
Demersal	<i>Anisotremus surinamensis</i>	Sargo de beijo
Demersal	<i>Anisotremus virginicus</i>	Salema
Demersal	<i>Antennarius multiocellatus</i>	
Demersal	<i>Antennarius striatus</i>	
Demersal	<i>Apogon americanus</i>	
Demersal	<i>Apogon aurolineatus</i>	
Demersal	<i>Apogon maculatus</i>	
Demersal	<i>Apogon pseudomaculatus</i>	
Demersal	<i>Apogon sp</i>	
Demersal	<i>Archosargus probatocephalus</i>	Sargo-de-dente, Peixe-sapo
Demersal	<i>Archosargus rhomboidalis</i>	Canhanha
Demersal	<i>Ariosoma ophidiophthalmus</i>	
Demersal	<i>Arius grandicassis</i>	
Demersal	<i>Arius spixii</i>	
Bento-pelágico	<i>Aspidoras virgulatus</i>	Cascudinho
Bento-pelágico	<i>Aspistor luniscutis</i>	
Demersal	<i>Astrapogon puncticulatus</i>	
Demersal	<i>Astrapogon stellatus</i>	
Bento-pelágico	<i>Astronotus ocellatus</i>	Apaiari, Oscar
Demersal	<i>Astroscopeus y-graecum</i>	Miracéu
Bento-pelágico	<i>Astyanax altiparanae</i>	Piaba
Bento-pelágico	<i>Astyanax bimaculatus</i>	Piaba, Lambari, Piaba prata
Bento-pelágico	<i>Astyanax breniatus</i>	
Bento-pelágico	<i>Astyanax cf. lacustris</i>	
Bento-pelágico	<i>Astyanax cf. rivularis</i>	
Bento-pelágico	<i>Astyanax cf. taeniatus</i>	
Bento-pelágico	<i>Astyanax fasciatus</i>	Lambari, Piaba-branca
Bento-pelágico	<i>Astyanax scabripinnis</i>	Lambari, Piaba
Bento-pelágico	<i>Astyanax sp</i>	Piaba, Lambari
Bento-pelágico	<i>Astyanax splambari</i>	
Bento-pelágico	<i>Astyanax taeniatus</i>	
Bento-pelágico	<i>Atherinella brasiliensis</i>	Piquira, peixe-rei
Demersal	<i>Atlantoraja castelnaui</i>	
Demersal	<i>Aulostomus maculatus</i>	
Demersal	<i>Aulostomus strigosus</i>	
Bento-pelágico	<i>Australoheros facetus</i>	
Pelágico	<i>Auxis thazard</i>	
Demersal	<i>Awaous tajasica</i>	Acará-ferreira
Demersal	<i>Bagre bagre</i>	Albacora-bandolim
Demersal	<i>Bagre marinus</i>	Moréia
Demersal	<i>Bagre sp</i>	Bagre
Bento-pelágico	<i>Bairdiella cf. armata</i>	Bagre, Bagre-bandeira
Demersal	<i>Bairdiella ronchus</i>	Bagre
Demersal	<i>Balistes capriscus</i>	Pescadinha, Pescada, Roncador
Demersal	<i>Balistes spp</i>	Peroá, Peroá Branco
Demersal	<i>Balistes vetula</i>	Peroá
Demersal	<i>Barbulifer ceuthoecus</i>	Peroá-preto, Cangulo-rei
Demersal	<i>Barbulifer sp</i>	
Demersal	<i>Bathygobius mystacium</i>	
Demersal	<i>Bathygobius soporator</i>	
Demersal	<i>Bathygobius sp</i>	
Demersal	<i>Bellator brachychir</i>	
Demersal	<i>Bodianus pulchellus</i>	Bodião-arara, Pulchelus
Demersal	<i>Bodianus rufus</i>	Bodião papagaio
Demersal	<i>Boridia grossidens</i>	Peixe-bruxa
Demersal	<i>Bothus lunatus</i>	
Demersal	<i>Bothus ocellatus</i>	
Demersal	<i>Bothus robinsi</i>	
Pelágico	<i>Brevoortia aurea</i>	
Demersal	<i>Brotula sp</i>	
Bento-pelágico	<i>Brycon sp</i>	Piabanha
Bento-pelágico	<i>Bryx dunckeri</i>	
Demersal	<i>Butis koilomatodon</i>	
Demersal	<i>Calamus calamus</i>	
Demersal	<i>Calamus penna</i>	
Demersal	<i>Calamus pennatula</i>	Peixe-pena
Demersal	<i>Callichthys callichthys</i>	Pargo-pena, peixe-pena
Demersal	<i>Callionymus bairdi</i>	Camboatá, Tamboata, Cascudo
Demersal	<i>Cantherhines cf. pullus</i>	
Demersal	<i>Cantherhines macrocerus</i>	
Demersal	<i>Cantherhines pullus</i>	Peroá pintado
Demersal	<i>Canthigaster cf. rostrata</i>	
Demersal	<i>Canthigaster figueiredoi</i>	
Demersal	<i>Canthigaster sp</i>	
Demersal	<i>Carangoides bartholomaei</i>	
Demersal	<i>Carangoides crysos</i>	Xixarro
Demersal	<i>Carangoides fuscus</i>	Xixarro
Demersal	<i>Carangoides gymnostethus</i>	Xaréu
Demersal	<i>Carangoides ruber</i>	Xixarro
Demersal	<i>Caranx crysos</i>	Xerelete, xixarro
Demersal	<i>Caranx hippos</i>	Xaréu, aracimbora
Demersal	<i>Caranx latus</i>	Carapau, Xaréu
Demersal	<i>Caranx sp</i>	
Demersal	<i>Carapus cf. bermudensis</i>	

Sub-grupo	Nome Científico	Nome Comum
Demersal	<i>Carcharhinus aff. porosus</i>	Cação-cortador
Demersal	<i>Carcharhinus brevipinna</i>	Galha-preta
Demersal	<i>Carcharhinus leucas</i>	Cabeça-chata
Demersal	<i>Carcharhinus limbatus</i>	Cação
Demersal	<i>Carcharhinus maculipinnis</i>	
Demersal	<i>Carcharhinus obscurus</i>	
Demersal	<i>Carcharhinus longimanus</i>	Tubarão-galha-branca
Demersal	<i>Carcharhinus plumbeus</i>	
Demersal	<i>Carcharhinus signatus</i>	Cação
Demersal	<i>Carcharhinus sp</i>	Cação
Demersal	<i>Carcharodon carcharias</i>	Tubarão-branco
Demersal	<i>Catathyridium garmani</i>	
Demersal	<i>Cathorops spixii</i>	Bagre-amarelo
Demersal	<i>Centropomus parallelus</i>	Robalo, Robalo-peba, Concunda, Robalete
Demersal	<i>Centropomus pectinatus</i>	Robalo
Demersal	<i>Centropomus sp</i>	Robalo, Robalo-flecha
Demersal	<i>Centropomus undecimalis</i>	Robalo, Robalo-flecha, Robalão, Robalo-peba, Robalo-furão
Demersal	<i>Centropyge aurantonotus</i>	
Demersal	<i>Cephalopholis fulva</i>	Catoá, Garoupa
Pelágico	<i>Cetengraulis edentulus</i>	Manjuba
Demersal	<i>Cetorhinus maximus</i>	Tubarão-peregrino
Demersal	<i>Chaetodon ocellatus</i>	
Demersal	<i>Chaetodon sedentarius</i>	
Demersal	<i>Chaetodon sp</i>	
Demersal	<i>Chaetodon striatus</i>	Peixe – borboleta
Bento-pelágico	<i>Characidium fasciatum</i>	Canivete
Bento-pelágico	<i>Characidium sp</i>	
Bento-pelágico	<i>Characidium timbuiense</i>	
Demersal	<i>Chilomycterus antillarum</i>	Baiacu-de-espinho
Demersal	<i>Chilomycterus reticulatus</i>	
Demersal	<i>Chilomycterus spinosus</i>	Baiacu
Demersal	<i>Chilomycterus spinosus spinosus</i>	Baiacu de espinho
Pelágico	<i>Chirocentrodon bleekermanus</i>	
bento-pelágico	<i>Chloroscombrus chrysurus</i>	Palombeta, Vento-leste
Demersal	<i>Chromis flavicauda</i>	
Demersal	<i>Chromis jubauna</i>	
Demersal	<i>Chromis multilineata</i>	
Bento-pelágico	<i>Cichla ocellaris</i>	Tucunaré
Bento-pelágico	<i>Cichla sp</i>	Tucunaré
Demersal	<i>Cichlasoma facetum</i>	Cará-ferreira
Demersal	<i>Citharichthys arenaceus</i>	Maria-sapeba
Demersal	<i>Citharichthys dinoceros</i>	
Demersal	<i>Citharichthys macrops</i>	Linguado
Demersal	<i>Citharichthys spilopterus</i>	Linguado, Maria-sapeba
Demersal	<i>Citharichthys sp</i>	Linguadinho
Demersal	<i>Clarias gariepinus</i>	Bagre africano
Demersal	<i>Clarias sp</i>	Bagre-africano
Demersal	<i>Clepticus brasiliensis</i>	
Demersal	<i>Conger triporiceps</i>	
Demersal	<i>Conodon nobilis</i>	Roncador, Treme-treme
Demersal	<i>Cookelus boops</i>	
Demersal	<i>Coralliozetus signifera</i>	
Demersal	<i>Coralliozetus sp</i>	
Demersal	<i>Corydoras aeneus</i>	Limpa-fundo
Demersal	<i>Corydoras cf. nattereri</i>	
Demersal	<i>Corydoras sp</i>	
Pelágico	<i>Coryphaena hippurus</i>	Dourado
Demersal	<i>Coryphopterus sp</i>	
Demersal	<i>Coryphopterus dicrus</i>	
Demersal	<i>Coryphopterus glaucofraenum</i>	
Demersal	<i>Coryphopterus thrix</i>	
Demersal	<i>Cosmocampus elucens</i>	
Bento-pelágico	<i>Crenicichla lacustris</i>	
Bento-pelágico	<i>Crenicichla cf. lepidota</i>	
Bento-pelágico	<i>Crenicichla sp</i>	Cará-faca
Demersal	<i>Cryptotomus roseus</i>	
Demersal	<i>Ctenogobius boleosoma</i>	
Demersal	<i>Ctenogobius saepepallens</i>	
Demersal	<i>Ctenogobius smaragdus</i>	
Demersal	<i>Ctenogobius stigmaticus</i>	
Demersal	<i>Ctenogobius stomatus</i>	
Demersal	<i>Ctenosciaena gracilicirrhus</i>	Papaterrinha
Bento-pelágico	<i>Curimata sp</i>	
Demersal	<i>Cychlasoma fasciatum</i>	
Demersal	<i>Cyclichthys spinosus</i>	Baiacu
Demersal	<i>Cyclopsetta chittendeni</i>	
Demersal	<i>Cynoponticus savanna</i>	
Demersal	<i>Cynoscion acoupa</i>	Pescada-amarela
Demersal	<i>Cynoscion jamaicensis</i>	Papaterrinha, Pescada
Demersal	<i>Cynoscion leiarchus</i>	Pescada, Pescada-perna-de-moça, pirampeba
Demersal	<i>Cynoscion microlepidotus</i>	Pirampeba, Pescada-cambuçu
Demersal	<i>Cynoscion sp</i>	Pescada escamuda
Demersal	<i>Cynoscion steindachneri</i>	
Demersal	<i>Cynoscion striatus</i>	Pescada

Sub-grupo	Nome Científico	Nome Comum
Demersal	<i>Cynoscion virescens</i>	Pescada-verdadeira, Pescada-cambuçu, Oveva
Bento-pelágico	<i>Cyphocharax gilbert</i>	Saguiru
Bento-pelágico	<i>Cyphocharax modestus</i>	
Demersal	<i>Dactylopterus volitans</i>	Peixe-voador, Coró
Demersal	<i>Dactyloscopus foraminosus</i>	Peixe-da-areia, Miracéu
Demersal	<i>Dactyloscopus tridigitatus</i>	
Demersal	<i>Dasyatis guttata</i>	Raia-manteiga
Demersal	<i>Dasyatis tridigitatus</i>	
Demersal	<i>Decapterus macarellus</i>	
Demersal	<i>Decapterus punctatus</i>	
Demersal	<i>Decodon puellaris</i>	
Demersal	<i>Dermatolepis inermis</i>	
Demersal	<i>Diapterus auratus</i>	Carapeba
Demersal	<i>Diapterus olisthostomus</i>	Carapeba
Demersal	<i>Diapterus rhombeus</i>	Carapeba, Carapeba-branca
Demersal	<i>Diapterus</i> sp	Carapeba
Demersal	<i>Diodon hystrix</i>	Baiacu de espinhos
Demersal	<i>Diodon holocanthus</i>	
Demersal	<i>Diplectrum formosum</i>	Michole, Michole-da-areia-listrado
Demersal	<i>Diplectrum radiale</i>	Michole, Michole-da-areia-listrado
Demersal	<i>Diplodus argenteus</i>	Pinta-no-cabo
Demersal	<i>Diplodus argenteus argenteus</i>	
Demersal	<i>Doratonotus megalepis</i>	
Demersal	<i>Dormitator maculatus</i>	Tição-de-fogo, Moréia, Piru-de-índio
Demersal	<i>Dules auriga</i>	
Demersal	<i>Echeneis naucrates</i>	
Demersal	<i>Echeneis</i> sp	
Demersal	<i>Echiophis intertinctus</i>	
Demersal	<i>Elacatinus figaro</i>	
Demersal	<i>Eleotris pisonis</i>	Moréia, Moréia-do-rio
Demersal	<i>Elops saurus</i>	Ubarana, Barana, Barana-de-alto
Demersal	<i>Emblemariopsis occidentalis</i>	
Demersal	<i>Emblemariopsis signifera</i>	
Demersal	<i>Enchelycore nigricans</i>	
Demersal	<i>Enneanectes altivelis</i>	
Demersal	<i>Epinephelus adscensionis</i>	
Demersal	<i>Epinephelus itajara</i>	Mero
Demersal	<i>Epinephelus morio</i>	
Demersal	<i>Epinephelus niveatus</i>	Cherne
Demersal	<i>Epinephelus</i> sp	Garoupa
Demersal	<i>Equetus lanceolatus</i>	
Demersal	<i>Erotelis smaragdus</i>	
Demersal	<i>Erythrinus erythrinus</i>	Morobá-azul
Demersal	<i>Percophis brasiliensis</i>	Tira – vira
Demersal	<i>Lopholatilus villarii</i>	Batata
Demersal	<i>Urophycis brasiliensis</i>	Abrotea
Demersal	<i>Genypterus brasiliensis</i>	Congro-rosa
Demersal	<i>Prionotus</i> sp	Cabra
Demersal	<i>Conger orbignyanus</i>	Congro
Demersal	<i>Batrachoides surinamensis</i>	Pacamão
Pelágico	<i>Seriola dumerili</i>	Olho-de-boi, Arabaiana
Pelágico	<i>Istiophorus</i> sp	Aguilhão-vela
Pelágico	<i>Euthynnus alletteratus</i>	Bonito-pintado
Pelágico	<i>Merluccius hubbsi</i>	Merluza
Pelágico	<i>Brevoortia pectinata</i>	Savelha
Demersal	<i>Etropus crossotus</i>	Linguado
Demersal	<i>Etropus intermedius</i>	Linguado
Demersal	<i>Etropus longimanus</i>	
Demersal	<i>Etropus</i> sp	
Demersal	<i>Eucinostomus argenteus</i>	Maria-sapeba
Demersal	<i>Eucinostomus gula</i>	Carapeba, Parmitunga
Demersal	<i>Eucinostomus lefroyi</i>	Carapau
Demersal	<i>Eucinostomus melanopterus</i>	Parmitunga, carapicu
Demersal	<i>Eucinostomus</i> sp	Caratinga
Demersal	<i>Eugerres brasilianus</i>	Caratinga, Carapeba
Demersal	<i>Eupomacentrus dorsopunicans</i>	
Demersal	<i>Euthynnus alletteratus</i>	
Demersal	<i>Evorthodus lyricus</i>	Bonito
Demersal	<i>Fistularia petimba</i>	Moreia
Demersal	<i>Fistularia</i> sp	
Demersal	<i>Fistularia tabacaria</i>	Peixe-cometa
Bento-pelágico	<i>Galeocerdo cuvieri</i>	
Pelágico	<i>Gempylus serpens</i>	Tintureira, Tubarão tigre
Demersal	<i>Genidens genidens</i>	Espada-negra
Demersal	<i>Genyatremus luteus</i>	Bagre, Bagre-preto, Bagre-cinza, Caçari
Demersal	<i>Geophagus brasiliensis</i>	Corcoroca
Demersal	<i>Geophagus</i> sp	Cará, Acará
Bento-pelágico	<i>Gephyroberyx darwinii</i>	
Demersal	<i>Gillellus greyae</i>	
Demersal	<i>Gillellus</i> sp	
Demersal	<i>Ginglymostoma cirratum</i>	Cação-lixia, Lambaru
Demersal	<i>Gnatholepis thompsoni</i>	
Demersal	<i>Gobiesox barbatulus</i>	Peixe-ventosa
Demersal	<i>Gobiesox strumosus</i>	

Sub-grupo	Nome Científico	Nome Comum
Demersal	<i>Gobioides</i> sp	
Demersal	<i>Gobioides broussonetti</i>	Peixe-dragão
Demersal	<i>Gobionellus boleosoma</i>	Moreia
Demersal	<i>Gobionellus oceanicus</i>	Moréia
Demersal	<i>Gobionellus smaragdus</i>	
Demersal	<i>Gobionellus</i> sp	
Demersal	<i>Gobionellus stigmaticus</i>	
Demersal	<i>Gobionellus stomatus</i>	
Demersal	<i>Gobiosoma hemygimnum</i>	
Demersal	<i>Gonioplectrus hispanus</i>	
Demersal	<i>Gramma brasiliensis</i>	Peixe, Peixe-grama
Demersal	<i>Guavina guavina</i>	Moréia, Moreião
Demersal	<i>Gymnachirus nudus</i>	
Demersal	<i>Gymnothorax funebris</i>	Moréia, Moréia-verde
Demersal	<i>Gymnothorax miliaris</i>	
Demersal	<i>Gymnothorax moringa</i>	
Demersal	<i>Gymnothorax ocellatus</i>	Moréia-pinimba, Moréia-pintada
Demersal	<i>Gymnothorax</i> sp	Murucutuca
Demersal	<i>Gymnothorax vicinus</i>	
Demersal	<i>Gymnotus carapo</i>	Sarapó, Peixe-faca
Demersal	<i>Gymnotus pantherinus</i>	
Demersal	<i>Gymnotus</i> sp	
Demersal	<i>Gymnura altavela</i>	
Demersal	<i>Haemulon</i> sp	
Demersal	<i>Haemulon aurolineatum</i>	Coara, Biquara
Demersal	<i>Haemulon macrostomum</i>	Sapuruna
Demersal	<i>Haemulon parra</i>	
Demersal	<i>Haemulon plumieri</i>	
Demersal	<i>Haemulon steindachneri</i>	Boca-de-velha
Demersal	<i>Halicampus crinitus</i>	Cocoroca
Demersal	<i>Halichoeres brasiliensis</i>	
Demersal	<i>Halichoeres cyanocephalus</i>	
Demersal	<i>Halichoeres dimidiatus</i>	
Demersal	<i>Halichoeres maculipinna</i>	
Demersal	<i>Halichoeres penrosei</i>	
Demersal	<i>Halichoeres poeyi</i>	Sabonete
Demersal	<i>Halichoeres</i> sp	
Demersal	<i>Halieutichthys aculeatus</i>	
Demersal	<i>Harengula clupeola</i>	Manjuba cascuda
Demersal	<i>Harengula jaguana</i>	Sardinha Cascuda
Demersal	<i>Harengula</i> sp	
Demersal	<i>Helicolenus</i> sp	
Demersal	<i>Hemiramphus brasiliensis</i>	Vento-leste
Demersal	<i>Heteroconger longissimus</i>	
Demersal	<i>Heteropriacanthus cruentatus</i>	
Demersal	<i>Hexanematichthys grandoculis</i>	
Demersal	<i>Hippocampus erectus</i>	
Demersal	<i>Hippocampus reidi</i>	Cavalo marinho
Demersal	<i>Hippocampus</i> sp	
Pelágico	<i>Hirundichthys speculiger</i>	Peixe-voador
Demersal	<i>Hisonotus</i> sp	
Demersal	<i>Holacanthus ciliaris</i>	
Demersal	<i>Holacanthus tricolor</i>	Paru-verde
Demersal	<i>Holocentrus adscensionis</i>	Jaguriça
Demersal	<i>Holocentrus rufus</i>	João cachaça
Pelágico	<i>Hoplerythrinus</i> sp	
Pelágico	<i>Hoplerythrinus unitaeniatus</i>	Marobá, Morobá
Demersal	<i>Hoplias malabaricus</i>	Traíra
Demersal	<i>Hoplias</i> sp	
Demersal	<i>Hoplosternum littorale</i>	Cascudo, Tamoatá
Demersal	<i>Hoplosternum</i> sp	Tamboatá
Demersal	<i>Hyphessobrycon bifasciatus</i>	Lambarizinho, Piabinha, Piaba-cachorro, Lambari, Piaba-de-rabo-vermelho
		Lambari, Lambarizinho
Demersal	<i>Hyphessobrycon reticulatus</i>	
Demersal	<i>Hyphessobrycon</i> sp	
Demersal	<i>Hypleurochilus</i> cf. <i>fissicornis</i>	
Demersal	<i>Hypleurochilus pseudoaequipinnis</i>	
Pelágico	<i>Hyporhamphus</i> sp	
Pelágico	<i>Hyporhamphus roberti</i>	Agulhinha
Demersal	<i>Hyporhamphus unifasciatus</i>	Peixe-agulha
Demersal	<i>Hypostomus affinis</i>	Cascudo
Demersal	<i>Hypostomus</i> sp	Cascudo
Demersal	<i>Hyppocampus reidi</i>	Cavalo-marinho
Demersal	<i>Hypsoblennius invemar</i>	
Demersal	<i>Isopisthus parvipinnis</i>	Pesacada, Pescadinha, Tortinha
Demersal	<i>Isopisthus</i> sp	
Pelágico	<i>Isurus oxyrinchus</i>	Anequim
Demersal	<i>Jenkinsia lamprotaenia</i>	
Pelágico	<i>Katsunwonus pelamis</i>	Bonito
Demersal	<i>Kyphosus sectator</i>	Pirajica
Demersal	<i>Labrisomus cricota</i>	
Demersal	<i>Labrisomus kalisherae</i>	
Demersal	<i>Labrisomus nuchipinnis</i>	Moreia
Demersal	<i>Labrisomus</i> sp	Moreia

Sub-grupo	Nome Científico	Nome Comum
Demersal	<i>Lactophrys trigonus</i>	
Pelágico	<i>Lagocephalus laevigatus</i>	Baiacu, Baiacu-arara
Bento-pelágico	<i>Lagocephalus lagocephalus</i>	
Demersal	<i>Larimus breviceps</i>	Pescadinha, Boca-torta, Oveve,Mãe-do-galho
Bento-pelágico	<i>Leporinus copelandii</i>	Piau
Bento-pelágico	<i>Leporinus</i> sp	Piau
Bento-pelágico	<i>Leporinus steindachneri</i>	Piau
Demersal	<i>Letharchus aliculatus</i>	
Pelágico	<i>Lile piquitinga</i>	
Demersal	<i>Liopropoma carmabi</i>	
Bento-pelágico	<i>Lobotes surinamensis</i>	Dorminhoco
Bento-pelágico	<i>Lupinoblennius paivai</i>	
Demersal	<i>Lutjanus analis</i>	Ariocó
Demersal	<i>Lutjanus cyanopterus</i>	Dentão
Demersal	<i>Lutjanus hibrido</i>	
Demersal	<i>Lutjanus jocu</i>	Vermelho
Demersal	<i>Lutjanus purpureus</i>	Vermelho
Demersal	<i>Lutjanus</i> sp	Gioba
Demersal	<i>Lutjanus synagris</i>	Ariocó, Vermelho-ariocó, Ariocô, Griacó, Sirioba
Pelágico	<i>Lycengraulis grossidens</i>	Manjuba
Demersal	<i>Lythrypnus</i> aff. <i>spilus</i>	
Demersal	<i>Lythrypnus brasiliensis</i>	
Demersal	<i>Lythrypnus</i> cf. <i>nesiotes</i>	
Demersal	<i>Lythrypnus</i> sp	
Demersal	<i>Macrodon ancylodon</i>	Pescadinha, Pescada-foguete, Pescada-cortadeira, Sambetara
Demersal	<i>Malacanthus plumieri</i>	Pirá
Demersal	<i>Malacoctenus</i> aff. <i>triangulatus</i>	
Demersal	<i>Malacoctenus</i> cf. <i>versicolor</i>	
Demersal	<i>Malacoctenus delalandii</i>	Moréia
Demersal	<i>Malacoctenus</i> sp	
Demersal	<i>Malacoctenus triangulatus</i>	
Demersal	<i>Manta birostris</i>	Raia-jamanta
Demersal	<i>Megalops atlanticus</i>	Tarpão, Camurupim, Pirapema
Demersal	<i>Melichthys niger</i>	
Demersal	<i>Menticirrhus americanus</i>	Papa-terra, Pé-de-banco, Betara, Sambetara
Demersal	<i>Menticirrhus littoralis</i>	Sambetara, Corvina, Pé-de-banco
Demersal	<i>Menticirrhus</i> sp	Pé-de-banco
Demersal	<i>Microdesmus bahianus</i>	
Demersal	<i>Microdesmus longipinnis</i>	
Demersal	<i>Microglanis</i> sp	
Demersal	<i>Micrognathus crinitus</i>	
Demersal	<i>Microgobius meeki</i>	
Demersal	<i>Microgobius</i> sp	
Pelágico	<i>Microphis brachyurus lineatus</i>	Peixe-agulha, Peixe-cachimbo
Pelágico	<i>Microphis</i> sp	
Demersal	<i>Micropogonias furnieri</i>	Corvina, Pescada banana
Bento-pelágico	<i>Mimagoniates microlepis</i>	Piabinha-azul
Bento-pelágico	<i>Mimagoniates</i> sp	
Pelágico	<i>Mobula hypostoma</i>	Raia-jamanta
Bento-pelágico	<i>Moenkhausia doceana</i>	Piaba-barriguda
Demersal	<i>Monacanthus ciliatus</i>	
Demersal	<i>Mugil curema</i>	Tainha, Quira
Demersal	<i>Mugil gaimardianus</i>	Tainha
Demersal	<i>Mugil incilis</i>	Tainha
Demersal	<i>Mugil liza</i>	Tainha
Demersal	<i>Mugil platanus</i>	
Demersal	<i>Mugil</i> sp	Tainha
Demersal	<i>Mugil trichodon</i>	
Demersal	<i>Mulloidichthys martinicus</i>	
Demersal	<i>Mycteroperca acutirostris</i>	
Demersal	<i>Mycteroperca bonaci</i>	Badejo quadrado
Demersal	<i>Mycteroperca interstitialis</i>	
Demersal	<i>Mycteroperca rubra</i>	
Demersal	<i>Mycteroperca</i> sp	Badejo
Demersal	<i>Mycteroperca venenosa</i>	Badejo ferro
Demersal	<i>Myrichthys breviceps</i>	
Demersal	<i>Myrichthys ocellatus</i>	Móreia miriquitis
Demersal	<i>Myripristis jacobus</i>	
Demersal	<i>Myrophis platyrhynchus</i>	
Demersal	<i>Myrophis punctatus</i>	
Demersal	<i>Narcine brasilienses</i>	Treme-treme, Raia-choque
Demersal	<i>Nebris microps</i>	Pescada-banana, Pescada-cega,Maria-luiza
Demersal	<i>Netuma barba</i>	
Demersal	<i>Nicholsina usta</i>	
Demersal	<i>Notarius grandicassis</i>	Bagre, Peixe-galo
Demersal	<i>Ocyurus chrysurus</i>	Gioba, Guaíuba
Pelágico	<i>Odontesthes bonariensis</i>	
demersal	<i>Odontognathus mucronatus</i>	Sardinha
Demersal	<i>Odontoscion dentex</i>	
Demersal	<i>Ogcocephalus notatus</i>	
Demersal	<i>Ogcocephalus vespertilio</i>	Peixe morcego, Lamparina
Bento-pelágico	<i>Oligoplites palometa</i>	
Bento-pelágico	<i>Oligoplites saliens</i>	Guaibira, Guaivira
Bento-pelágico	<i>Oligoplites saurus</i>	Guaibira

Sub-grupo	Nome Científico	Nome Comum
Bento-pelágico	<i>Oligoplites</i> sp	Guaibira
Bento-pelágico	<i>Oligosarcus acutirostris</i>	Bocarra, Piaba-cachorro
Bento-pelágico	<i>Oligosarcus hepsetus</i>	
Bento-pelágico	<i>Oligosarcus jenynsii</i>	
Bento-pelágico	<i>Oligosarcus</i> sp	
Pelágico	<i>Oostethus lineatus</i>	Peixe-cachimbo
Demersal	<i>Ophichthus gomesii</i>	
Demersal	<i>Ophichthus ophis</i>	
Demersal	<i>Ophichthus parilis</i>	
Demersal	<i>Ophidion holbrookii</i>	
Demersal	<i>Ophioblennius atlanticus</i>	
Demersal	<i>Ophioblennius trinitatis</i>	
Demersal	<i>Ophioscion adustus</i>	
Demersal	<i>Ophioscion punctatissimus</i>	
Demersal	<i>Opisthonema oglinum</i>	Sardinha-aranque, Sardinha laje
Demersal	<i>Opistognathus aff. aurifrons</i>	
Demersal	<i>Opistognathus cuvieri</i>	
Demersal	<i>Opistognathus lonchurus</i>	
Demersal	<i>Opistognathus whitehursti</i>	
Bento-pelágico	<i>Oreochromis niloticus</i>	Tilápia
Demersal	<i>Oreochromis rendalli</i>	
Demersal	<i>Oreochromis</i> sp	Tilápia
Demersal	<i>Orthopristis ruber</i>	Cocoroca
Demersal	<i>Orthopristis</i> sp	
Demersal	<i>Otothyris</i> sp	Cascudo, Cascudinho
Demersal	<i>Oxyurichthys stigmalephius</i>	
Bento-pelágico	<i>Pachypops adpersus</i>	Corvina-de-água-doce
Bento-Pelágico	<i>Pagrus pagrus</i>	Pargo, Pargo-rosa
Demersal	<i>Parablennius marmoreus</i>	Moreia
Demersal	<i>Parablennius pilicornis</i>	Moreia
Demersal	<i>Parablennius</i> spp	
Demersal	<i>Paraclinus arcanus</i>	
Demersal	<i>Paraclinus</i> cf. <i>nigripinnis</i>	
Demersal	<i>Paraclinus fasciatus</i>	
Demersal	<i>Paradiplogrammus bairdi</i>	
Demersal	<i>Paralichthys brasiliensis</i>	Linguado
Demersal	<i>Paralichthys orbignyanus</i>	
Demersal	<i>Paralichthys</i> sp	
Demersal	<i>Paralonchurus brasiliensis</i>	Sambetara, Maria-luiza, Cabeça-dura
Demersal	<i>Paranthias furcifer</i>	
Demersal	<i>Parauchenipterus</i> cf. <i>galeatus</i>	Cumbaca
Demersal	<i>Parauchenipterus</i> sp	
Demersal	<i>Parauchenipterus striatulus</i>	Judeu,Cumbaca
Demersal	<i>Pareques acuminatus</i>	
Demersal	<i>Parotocinclus doceanus</i>	Cascudinho
Demersal	<i>Parotocinclus</i> sp	
Demersal	<i>Parotocinclus maculicauda</i>	
Pelágico	<i>Pellona harroweri</i>	Sardinha, Linguado
Demersal	<i>Pempheris schomburgkii</i>	
Bento-pelágico	<i>Peprilus paru</i>	Parú, Gordinho
Demersal	<i>Phaeoptyx pigmentaria</i>	
Pelágico	<i>Phalloceros caudimaculatus</i>	Cascudinho, Barrigudinho
Pelágico	<i>Phalloceros</i> sp	
Demersal	<i>Phrynelox scaber</i>	
Demersal	<i>Pimelodella brasiliensis</i>	Mandi
Demersal	<i>Pimelodella</i> sp	Mandi
Demersal	<i>Pimelodella vittata</i>	
Bento-pelágico	<i>Pimelodus</i> cf. <i>fur</i>	
Demersal	<i>Plagioscion spp</i>	Corvina
Pelágico	<i>Platanichthys platana</i>	
Demersal	<i>Plectrypops retrospinis</i>	
Bento-pelágico	<i>Poecilia reticulata</i>	
Pelágico	<i>Poecilia vivipara</i>	Barrigudinho
Demersal	<i>Pogonopoma parahybae</i>	
Demersal	<i>Polydactylus oligodon</i>	
Demersal	<i>Polydactylus virginicus</i>	Barbudo, Barbudinho, Parati-barbudo
Demersal	<i>Pomacanthus arcuatus</i>	
Demersal	<i>Pomacanthus paru</i>	Parú
Demersal	<i>Pomacanthus</i> sp	Paru
Demersal	<i>Pomadasys corvinaeformis</i>	Roncador
Demersal	<i>Pomadasys crocro</i>	Roncador-do-mangue
Pelágico	<i>Pomadasys ramosus</i>	
Demersal	<i>Pomodasys</i> sp	
Demersal	<i>Pomatomus saltator</i>	Enchova
Pelágico	<i>Pomatomus saltatrix</i>	Enchova
Demersal	<i>Pontinus rathbuni</i>	
Demersal	<i>Porichthys porosissimus</i>	
Demersal	<i>Priacanthus arenatus</i>	Olho-de-cão
Demersal	<i>Priolepis dawsoni</i>	
Pelágico	<i>Prionacea glauca</i>	Tubarão-azul
Demersal	<i>Prionobutis</i> sp	Moreia
Demersal	<i>Prionotus punctatus</i>	Cabrinha
Demersal	<i>Pristipomoides aquilonaris</i>	
Demersal	<i>Pristis</i> sp	Peixe-serra

Sub-grupo	Nome Científico	Nome Comum
Demersal	<i>Prochilodus</i> cf. <i>vimboides</i>	
Demersal	<i>Prochilodus</i> sp	
Demersal	<i>Pseudouchenipterus affinis</i>	
Demersal	<i>Pseudocaranx dentex</i>	
Demersal	<i>Pseudopercis numida</i>	Namorado
Bento-pelágico	<i>Pseudophallus mindi</i>	Peixe-cachimbo
Demersal	<i>Pseudoplatystoma fasciatum</i>	Surubim pintado
Demersal	<i>Pseudupeneus maculatus</i>	Saramunete
Demersal	<i>Ptereleotris randalli</i>	
Pelágico	<i>Pygocentrus nattereri</i>	Piranha
Demersal	<i>Rachycentron canadum</i>	Beijupirá
Demersal	<i>Raja</i> sp	Raia
Demersal	<i>Raneya fluminensis</i>	
Pelágico	<i>Remora osteochir</i>	
Pelágico	<i>Remora remora</i>	Rêmore
Demersal	<i>Rhamdella</i> sp	
Bento-pelágico	<i>Rhamdia quelen</i>	Bagre, Jundiá
Bento-pelágico	<i>Rhamdia</i> sp	
Pelágico	<i>Rhinecanthus aculeatus</i>	Peroá picasso
Demersal	<i>Rhinelepis strigosa</i>	
Demersal	<i>Rhinobatos horkelli</i>	Raia-viola, Cação-viola
Demersal	<i>Rhinobatos percellens</i>	Cação-viola
Demersal	<i>Rhinobatos</i> sp	Cação-viola
Demersal	<i>Rhizoprionodon lalandii</i>	
Demersal	<i>Rhizoprionodon porosus</i>	
Demersal	<i>Rhizoprionodon</i> sp	Cação-frango
Demersal	<i>Rhomboplites aurorubens</i>	Cação-perna-de-moça
Demersal	<i>Rineloricaria</i> sp	Realito
Demersal	<i>Rypticus bistrispinus</i>	
Demersal	<i>Rypticus randalli</i>	Badejo-sabão
Demersal	<i>Rypticus saponaceus</i>	
Demersal	<i>Rypticus subbifrenatus</i>	
Bento-pelágico	<i>Salminus maxillosus</i>	
Pelágico	<i>Sarda sarda</i>	Sarda
Pelágico	<i>Sardinella brasiliensis</i>	Sardinha, sardinha-verdadeira
Pelágico	<i>Sardinella janeiro</i>	
Pelágico	<i>Sardinella</i> sp	
Pelágico	<i>Sargocentron bullisi</i>	
Bento-pelágico	<i>Sarotherodon niloticus</i>	Tilápia
Demersal	<i>Saurida brasiliensis</i>	
Demersal	<i>Scartella cristata</i>	
Demersal	<i>Scartella</i> sp	Moreia
Demersal	<i>Scarus</i> aff. <i>guacamaia</i>	
Demersal	<i>Scarus zelindae</i>	
Demersal	<i>Sciadeichthys luniscutis</i>	
Demersal	<i>Scleromystax prionotos</i>	
Pelágico	<i>Scomber japonicus</i>	Cavalinha
Demersal	<i>Scomberomorus brasiliensis</i>	Sarda
Demersal	<i>Scomberomorus cavalla</i>	Cavala
Demersal	<i>Scomberomorus</i> sp	Cavala
Demersal	<i>Scorpaena brasiliensis</i>	Moréia-ati
Demersal	<i>Scorpaena grandicornis</i>	
Demersal	<i>Scorpaena isthmensis</i>	
Demersal	<i>Scorpaena plumieri</i>	Peixe pedra, Peixe escorpião
Demersal	<i>Scorpaena</i> sp	
Demersal	<i>Scorpaenodes insularis</i>	
Demersal	<i>Selar crumenophthalmus</i>	Garajuba
Demersal	<i>Selene plumieri</i>	
Demersal	<i>Selene setapinnis</i>	Peixe-galo
Demersal	<i>Selene setapinnis vomer</i>	Peixe-galo
Demersal	<i>Selene</i> sp	Peixe-galo
Demersal	<i>Selene spixii</i>	
Demersal	<i>Selene vomer</i>	Peixe-galo, Peixe galo de penacho
Bento-pelágico	<i>Seriola lalandi</i>	Olhete
Bento-pelágico	<i>Seriola lalandi dumerili</i>	Olho-de-boi
Bento-pelágico	<i>Seriola</i> sp	Olho de boi
Demersal	<i>Serranus atrobranchus</i>	
Demersal	<i>Serranus auriga</i>	
Demersal	<i>Serranus baldwini</i>	
Demersal	<i>Serranus flaviventris</i>	Barriga-branca
Bento-pelágico	<i>Serrasalmus</i> sp	Piranha
Bento-pelágico	<i>Serrasalmus spilopleura</i>	
Bento-pelágico	<i>Simpsonichthys myersi</i>	
Bento-pelágico	<i>Simpsonichthys izecksohni</i>	
Demersal	<i>Sparisoma amplum</i>	
Demersal	<i>Sparisoma axillare</i>	
Demersal	<i>Sparisoma frondosum</i>	
Demersal	<i>Sparisoma radians</i>	
Demersal	<i>Sparisoma rubripinne</i>	
Demersal	<i>Sparisoma</i> sp	
Demersal	<i>Sparisoma tuiupiranga</i>	
Demersal	<i>Sparisoma vomer</i>	
Demersal	<i>Sphoeroides testudineus</i>	
Demersal	<i>Sphoeroides greeleyi</i>	Baiacú, Baiacú-pinima

Sub-grupo	Nome Científico	Nome Comum
Demersal	<i>Sphoeroides nephelus</i>	
Demersal	<i>Sphoeroides</i> sp	Baiacu
Demersal	<i>Sphoeroides spengleri</i>	Baiacú-pinima
Demersal	<i>Sphoeroides testudineus</i>	Baiacú, Baiacú-pinima
Demersal	<i>Sphoeroides tyleri</i>	
Demersal	<i>Sphyraena barracuda</i>	Barracuda
Pelágico	<i>Sphyraena guachancho</i>	Bicuda
Pelágico	<i>Sphyraena tome</i>	
Pelágico	<i>Sphyrna lewini</i>	
Pelágico	<i>Sphyrna tiburo</i>	Cação-martelo, Pana
Demersal	<i>Starksia brasiliensis</i>	
Demersal	<i>Starksia</i> sp	
Demersal	<i>Stegastes adustus</i>	
Demersal	<i>Stegastes dorsopunicans</i>	
Demersal	<i>Stegastes fuscus</i>	Peixe-donzela
Demersal	<i>Stegastes pictus</i>	
Demersal	<i>Stegastes</i> sp	
Demersal	<i>Stegastes uenfi</i>	
Demersal	<i>Stegastes variabilis</i>	Donzela amarela
Demersal	<i>Steindachnerina</i> cf. <i>elegans</i>	
Demersal	<i>Stellifer brasiliensis</i>	Cabeça-dura, Cangoá
Demersal	<i>Stellifer lanceolatus</i>	
Demersal	<i>Stellifer rastrifer</i>	Cangoá, Cabeça-dura, Peixe-caximbo
Demersal	<i>Stellifer</i> sp	Cangoá
Demersal	<i>Stellifer stellifer</i>	Tainha
Demersal	<i>Stephanolepis hispidus</i>	
Demersal	<i>Stephanolepis setifer</i>	
Demersal	<i>Stephanolepis</i> sp	
Demersal	<i>Stygnobrotula latebricola</i>	
Demersal	<i>Strongylura marina</i>	Peixe-agulha, Agulhão
Demersal	<i>Strongylura</i> sp	Agulha
Demersal	<i>Strongylura timucu</i>	Peixe-agulha, Agulhão
Demersal	<i>Syacium micrurum</i>	Linguado, Maria-sapeba
Demersal	<i>Syacium papillosum</i>	Linguado, Parati-barbudo
Demersal	<i>Syacium</i> sp	
Demersal	<i>Symphurus diomedeanus</i>	
Demersal	<i>Symphurus plagusia</i>	Lingua-de-mulata
Demersal	<i>Symphurus</i> sp	
Demersal	<i>Symphurus tessellatus</i>	Língua-de-mulata
Demersal	<i>Synbranchus marmoratus</i>	Mussum
Demersal	<i>Synbranchus</i> sp	
Demersal	<i>Syngnathus dunckeri</i>	Peixe-cachimbo
Demersal	<i>Syngnathus elucens</i>	Peixe-cachimbo
Demersal	<i>Syngnathus folletti</i>	Peixe-cachimbo
Pelágico	<i>Syngnathus pelagicus</i>	Peixe-cachimbo
Demersal	<i>Syngnathus rousseau</i>	Peixe-cachimbo
Demersal	<i>Syngnathus scovelli</i>	Peixe-cachimbo
Demersal	<i>Syngnathus</i> sp	Peixe-cachimbo
Demersal	<i>Synodus foetens</i>	Peixa-Lagarto
Demersal	<i>Synodus intermedius</i>	
Demersal	<i>Synodus</i> sp	
Demersal	<i>Synodus synodus</i>	Peixa-Lagarto
Pelágico	<i>Tetrapturus albidus</i>	Marlim-branco, Agulhão-branco
Demersal	<i>Thalassoma noronhanum</i>	
Demersal	<i>Thalassophoryne nattereri</i>	
Pelágico	<i>Thunnus alalunga</i>	Albacora-branca, Atum voador
Pelágico	<i>Thunnus albacares</i>	Albacora-lage, Atum-galha-amarela
Pelágico	<i>Thunnus atlanticus</i>	Albacorinha, binta
Pelágico	<i>Thunnus obesus</i>	Atum-cachorra
Pelágico	<i>Thunnus</i> spp	Atum
Pelágico	<i>Thunnus thynnus</i>	Atum
Bento-pelágico	<i>Tilapia rendalli</i>	Tilápia
Bento-pelágico	<i>Tilapia</i> sp	Tilápia
Demersal	<i>Tomicodon fasciatum australis</i>	
Demersal	<i>Tomicodon fasciatus</i>	
Demersal	<i>Trachelyopterus galeatus</i>	
Demersal	<i>Trachelyopterus striatulus</i>	Judeu, Cumbaca
Demersal	<i>Trachinocephalus myops</i>	Peixa-Cobra
Bento-pelágico	<i>Trachinotus carolinus</i>	Pampo, Jiriquiti
Demersal	<i>Trachinotus falcatus</i>	Samendoara, Pampo
Demersal	<i>Trachinotus goodei</i>	Jeriquitim, Pampo
Bento-pelágico	<i>Trachinotus marginatus</i>	
Pelágico	<i>Trachinotus ovatus</i>	
Pelágico	<i>Trachinotus</i> sp	Pampo
Demersal	<i>Trachurus lathami</i>	Xixarro
Demersal	<i>Trachycorystes</i> sp	Cumbaca
Demersal	<i>Trachycorystes striatulus</i>	Cumbaca
Bento-pelágico	<i>Trichiurus lepturus</i>	Peixe-espada
Bento-pelágico	<i>Trichomycterus alternatus</i>	Cambeva
Bento-pelágico	<i>Trichomycterus immaculatus</i>	
Bento-pelágico	<i>Trichomycterus</i> sp	Cambeva
Demersal	<i>Trinectes inscriptus</i>	
Demersal	<i>Trinectes maculatus</i>	
Demersal	<i>Trinectes microphthalmus</i>	

Sub-grupo	Nome Científico	Nome Comum
Demersal	<i>Trinectes paulistanus</i>	
Demersal	<i>Trinectes</i> sp	Linguadinho
Demersal	<i>Tylosurus acus</i>	Agulhão
Demersal	<i>Ulaema lefroyi</i>	
Demersal	<i>Umbrina canosai</i>	Papa-terra, Castanha
Demersal	<i>Umbrina coroides</i>	
Demersal	<i>Umbrina</i> sp	Pescada
Demersal	<i>Upeneus parvus</i>	
Pelágico	<i>Uraspis secunda</i>	Boca-de-algodão
Bento-pelágico	<i>Xenomelaniris brasiliensis</i>	Peixe-rei
Pelágico	<i>Xiphias gladius</i>	Meca, Espadarte
Demersal	<i>Xyrichtys novacula</i>	
Demersal	<i>Xyrichtys</i> sp	
Demersal	<i>Zapteryx brevirostris</i>	Cação-viola-bico-curto, Raia
Demersal	<i>Zungaro zungaro</i>	

INVERTEBRADOS TERRESTRES

	<i>Achatina fulica</i>	Caramujo-africano
	<i>Aepocerus</i> sp	vespa
	<i>Apenesia</i> sp	
	<i>Apis mellifera</i>	Abelha
	<i>Aspidepyris austrinus</i>	
	<i>Atta</i> sp	Formiga
	<i>Bephrateloides</i> sp	
	<i>Camponotus crassus</i>	Formiga
	<i>Culicoides furens</i>	
Inseto	<i>Dorymyrmex</i> sp	Formiga
	<i>Ectatomma edentatum</i>	Formiga
Inseto	<i>Heterandrium alternum</i>	
Inseto	<i>Heterandrium rasplusi</i>	
Inseto	<i>Heterandrium</i> sp	
Inseto	<i>Heterostomus filiformis</i>	
Inseto	<i>Hymenoptera</i> sp	
Inseto	<i>Hyptia</i> sp	
Inseto	<i>Idarnes</i> sp	Sycophaginae
	<i>Mantis religiosa</i>	Louva-a-deus
	<i>Membracis foliata</i>	
	<i>Micrathyria atra</i>	
	<i>Micrathyria catenata</i>	
	<i>Micrathyria hypodidyma</i>	
	<i>Micrathyria spinifera</i>	
	<i>Micrathyria stawiaarskii</i>	
	<i>Musca domestica</i>	Mosca
inseto	<i>Notaspidium</i> sp	vespa
	<i>Pegoscapus clusiiifolidis</i>	vespa
	<i>Pheidole</i> sp	Formiga
Inseto	<i>Plebeia poecilochroa</i>	abelha
	<i>Solenopsis</i> sp	Formiga

INVERTEBRADOS MARINHOS

Bivalve	<i>Abra lioica</i>	
Crustáceo	<i>Acanthonyx dissimulatus</i>	
Crustáceo	<i>Acanthonyx scutiformis</i>	Caranguejo aranha
Crustáceo	<i>Acanthonyx</i> sp	
Crustáceo	<i>Acetes</i> sp	
Arachnida	<i>Achelja</i> sp	Aranha
Gastrópode	<i>Acteocina bullata</i>	
Cnidário	<i>Actinia bernudensis</i>	
Cnidário	<i>Actinia equina</i>	Anêmona-vermelha
Cnidário	<i>Actinoporus elegance</i>	
Bivalve	<i>Adrana</i> sp	
Crustáceo	<i>Aepinus septemspinosus</i>	
Gastrópode	<i>Aesopus metcalfei</i>	
Gastrópode	<i>Agaronia</i> sp	
Cnidário	<i>Aglaophenia</i> sp	
Cnidário	<i>Aiptasia pallida</i>	Anêmona-do-mar
Gastrópode	<i>Alia unifasciata</i>	
Crustáceo	<i>Alpheus estuariensis</i>	
Crustáceo	<i>Alpheus heterochaelis</i>	Camarão-de-estalo
Crustáceo	<i>Alpheus</i> sp	
Bryozoa	<i>Amathia</i> sp	
Bivalve	<i>Amiantis purpuratus</i>	
Arachnida	<i>Ammotea</i> sp	
Poliqueta	<i>Amphicorina</i> cf. <i>schlenze</i>	
Poliqueta	<i>Amphiglrena lindae</i>	
Equinodermo	<i>Amphiodia</i> sp	
Equiinodermo	<i>Amphipholis januarii</i>	
Equiinodermo	<i>Amphipholis squamata</i>	
Gastrópode	<i>Amphissa acuminata</i>	
Gastrópode	<i>Amphissa cancellata</i>	
Gastrópode	<i>Amphithalamus valleii</i>	
Poliqueta	<i>Amphitrite</i> sp	

Sub-grupo	Nome Científico	Nome Comum
Echinodermo	<i>Amphiura flexuosa</i>	
Echinodermo	<i>Amphiura</i> sp	Serpente do mar
Bivalve	<i>Amygdalum dendriticum</i>	
Gastrópode	<i>Anachis catenata</i>	
Gastrópode	<i>Anachis isabellei</i>	
Gastrópode	<i>Anachis lyrata</i>	
Gastrópode	<i>Anachis obesa</i>	
Gastrópode	<i>Anachis pulchella</i>	
Gastrópode	<i>Anachis sertularium</i>	
Gastrópode	<i>Anachis</i> sp	
Gastrópode	<i>Anachis sparsa</i>	
Bivalve	<i>Anadara brasiliiana</i>	
Bivalve	<i>Anadara chemnitzii</i>	
Bivalve	<i>Anadara notabilis</i>	
Bivalve	<i>Anadara ovalis</i>	
Bivalve	<i>Anadara</i> sp	
crustáceo	<i>Anasimus fugax</i>	
Bivalve	<i>Anatina anatina</i>	
Gastrópode	<i>Ancilla dimidiata</i>	
Cnidário	<i>Anemonia sargassensis</i>	
Bivalve	<i>Anomalocardia brasiliiana</i>	Budigão
Bivalve	<i>Anomalocardia</i> sp	
Bivalve	<i>Anomia ephippium</i>	
Bivalve	<i>Anomia simplex</i>	
Bivalve	<i>Anomia</i> sp	
Artropode	<i>Anoplodactylus</i> sp	
Insecta	<i>Anurida maritima</i>	
Poliqueta	<i>Aphelochaeta</i> sp	
crustáceo	<i>Apiomithrax violaceus</i>	
Gastrópode	<i>Aplysia dactylomela</i>	
Gastrópode	<i>Aplysia juliana</i>	
Gastrópode	<i>Aplysia</i> sp	
Poliqueta	<i>Arabella iricolor</i>	Lesma-do-mar
Poliqueta	<i>Arabella</i> sp	
Crustáceo	<i>Arenaeus cribrarius</i>	
Crustáceo	<i>Aratus pisoni</i>	Siri-pintado
Equinodermo	<i>Arbacia lixula</i>	Caranguejo aratu, Marinheiro
Bivalve	<i>Arca imbricata</i>	Ouriço preto
Bivalve	<i>Arca</i> sp	
Gastrópode	<i>Architectonica nobilis</i>	
Bivalve	<i>Arcinella arcinella</i>	
Bivalve	<i>Arcinella brasiliiana</i>	
Bivalve	<i>Arcopsis adamsi</i>	
Crustáceo	<i>Arenaeus cribrarius</i>	
Gastrópode	<i>Arene venusta</i>	
Poliqueta	<i>Arenicola</i> sp	
Bivalve	<i>Argopecten noronhensis</i>	
Poliqueta	<i>Aricidea</i> sp	
Poliqueta	<i>Armandia</i> sp	
crustáceo	<i>Armases angustipes</i>	
Crustáceo	<i>Armases rubripes</i>	
Crustáceo	<i>Aruga</i> sp	
Bivalve	<i>Asaphis deflorata</i>	
Chordata	<i>Ascidia nigra</i>	
Chordata	<i>Ascidia</i> sp	
Gastrópode	<i>Assiminia succinea</i>	
Gastrópode	<i>Astraea latispina</i>	
Gastrópode	<i>Astraea olfersii</i>	
Gastrópode	<i>Astraea phoebia</i>	
Gastrópode	<i>Astraea</i> sp	
Gastrópode	<i>Astraea tecta</i>	
Gastrópode	<i>Astraea tecta olfersii</i>	
Cnidário	<i>Astrangia rathbuni</i>	
Equinodermo	<i>Astrophyton muricatum</i>	
Echinodermo	<i>Astropecten marginatus</i>	
Chordata	<i>Asymmetron lucayanum</i>	
Bivalve	<i>Atrina seminuda</i>	
Gastrópode	<i>Atys</i> sp	
Gastrópode	<i>Auris bilabiata</i>	
Gastrópode	<i>Auris bilabiata melanostoma</i>	
Poliqueta	<i>Autolytus</i> sp	
Equinodermo	<i>Axiognathus squamatus</i>	
Poliqueta	<i>Axiothella</i> sp	
Crustáceo	<i>Balanus</i> sp	Craca
Bivalve	<i>Barbartia</i> sp	
Bivalve	<i>Barbatia cancellaria</i>	
Bivalve	<i>Barbatia candida</i>	
Bivalve	<i>Barbatia domingensis</i>	
Gastrópode	<i>Batillaria minima</i>	
Cnidário	<i>Bellactis ilkalyseae</i>	
crustáceo	<i>Banareia palmeri</i>	
crustáceo	<i>Batrachonotus brasiliensis</i>	
Gastrópode	<i>Benthonella tenella</i>	
Gastrópode	<i>Berthellina</i> sp	

Sub-grupo	Nome Científico	Nome Comum
Gastrópode	<i>Biomphalaria straminea</i>	
Gastrópode	<i>Bittium varium</i>	
Poliqueta	<i>Bocardia</i> sp	
Gastrópode	<i>Bosellia mimetica</i>	
Chordata	<i>Botrylloides nigrum</i>	Ascidia
Chordata	<i>Botryllus niger</i>	
Bivalve	<i>Botula fusca</i>	
Crustáceo	<i>Bowmaniella brasiliensis</i>	
Bivalve	<i>Brachidontes darwinianus</i>	
Bivalve	<i>Brachidontes exustus</i>	
Bivalve	<i>Brachidontes solesianus</i>	
Bivalve	<i>Brachidontes</i> sp	Mexilhão
crustáceo	<i>Brachycarpus biunguiculatus</i>	
Gastrópode	<i>Brachystoma</i> sp	
Crustáceo	<i>Brachyura</i> sp	
Poliqueta	<i>Branchiomma</i> sp	
Poliqueta	<i>Branchiomma nigromaculata</i>	
Chordata	<i>Branchiostoma marambaiensis</i>	
Poliqueta	<i>Branchiosyllis exilis</i>	
Gastropode	<i>Bulla striata</i>	Lesma do mar com concha
Cnidário	<i>Bunodosoma cangicum</i>	Anêmona
Cnidário	<i>Bunodosoma granuliferum</i>	
Cnidário	<i>Bunodosoma</i> sp	Anêmona
Cnidário	<i>Bunodosoma caissarum</i>	
Gastrópode	<i>Caecum pulchellum</i>	
Gastrópode	<i>Caecum</i> sp	
Crustáceo	<i>Calainus tibicen</i>	
crustáceo	<i>Calappa angusta</i>	Caranguejo
crustáceo	<i>Calappa gallus</i>	Caranguejo
crustáceo	<i>Calappa ocellata</i>	Caranguejo
crustáceo	<i>Calappa sulcata</i>	Caranguejo
Crustáceo	<i>Calcinus</i> sp	
Crustáceo	<i>Calcinus tibicen</i>	
Crustáceo	<i>Caligus bonito</i>	
Gastrópode	<i>Caliptraea centralis</i>	
Crustáceo	<i>Callianassa branneri</i>	
Crustáceo	<i>Callianassa jamaicensis</i>	
Crustáceo	<i>Callianassa major</i>	
Crustáceo	<i>Callichirus mirim</i>	
Crustáceo	<i>Callinectes bocourti</i>	Siri
Crustáceo	<i>Callinectes danae</i>	Siri, Siri-candeia
Crustáceo	<i>Callinectes exasperatus</i>	Siri
Crustáceo	<i>Callinectes larvatus</i>	
Crustáceo	<i>Callinectes ornatus</i>	Siri
Crustáceo	<i>Callinectes sapidus</i>	Siri, Siri-azul
Crustáceo	<i>Callinectes</i> sp	Siri, Siri-da-água-doce
Gastrópode	<i>Calliostoma adspersum</i>	
Gastrópode	<i>Calliostoma bullisi</i>	
Gastrópode	<i>Calliostoma gemmosum</i>	
Gastrópode	<i>Calliostoma javanicum</i>	
Gastrópode	<i>Calliostoma sapidum</i>	
Gastrópode	<i>Calliostoma</i> sp	
Gastrópode	<i>Calliotropsis</i> sp	
Gastrópode	<i>Calliotropsis calatha</i>	
Bivalve	<i>Callista eucymata</i>	
Bivalve	<i>Callista maculata</i>	
Moluscos polioplacóforos	<i>Calloplax janeirensis</i>	
Gastrópode	<i>Calyptraea centralis</i>	
Gastrópode	<i>Cancellaria petuchi</i>	
Gastrópode	<i>Cancellaria reticulata</i>	
Poliqueta	<i>Capitella</i> sp	
Gastrópode	<i>Capulus incurvatus</i>	
Crustáceo	<i>Cardisoma guanhumi</i>	Guaiaimum, Goiamum, caranguejo
Bivalve	<i>Carditamera floridana</i>	
Bivalve	<i>Carditamera plata</i>	
cnidário	<i>Carijoa riisei</i>	
Gastrópode	<i>Carinodrillia brasiliensis</i>	
Echinodermo	<i>Cassidulus</i> sp	Ouriço-do-mar
Gastrópode	<i>Cassis tuberosa</i>	
Crustáceo	<i>Cataleptodius floridanus</i>	
Poliqueta	<i>Cauleriella</i> sp	
Poliqueta	<i>Ceratocephale</i> sp	
Poliqueta	<i>Ceratonereis</i> sp	
Cnidário	<i>Cerianthus</i> sp	
Gastrópode	<i>Cerithiopsis emersoni</i>	
Gastrópode	<i>Cerithiopsis</i> sp	
Gastrópode	<i>Cerithium aff. adustum</i>	
Gastrópode	<i>Cerithium atratum</i>	
Gastrópode	<i>Cerithium eburneum</i>	
Gastrópode	<i>Cerithium litteratum</i>	
Gastrópode	<i>Cerithium</i> sp	
crustáceo	<i>Chaceon ramosae</i>	
Poliqueta	<i>Chaetacanthus</i> sp	
Bivalve	<i>Chama congregata</i>	

Sub-grupo	Nome Científico	Nome Comum	Sub-grupo	Nome Científico	Nome Comum	Sub-grupo	Nome Científico	Nome Comum
Bivalve	<i>Chama macerophylla</i>		Gastrópode	<i>Crepidula gemmulosa</i>		Crustáceo	<i>Edwardsium spinimanus</i>	
Bivalve	<i>Chama sarda</i>		Gastropode	<i>Crepidula plana</i>		Crustáceo	<i>Elasmopus brasiliensis</i>	
Bivalve	<i>Chama sp</i>		Gastrópode	<i>Crepidula protea</i>		Crustáceo	<i>Elasmopus pectinicus</i>	
Gastrópode	<i>Charonia variegata</i>		Gastrópode	<i>Crepidula sp</i>		Crustáceo	<i>Elasmopus rapax</i>	
Crustáceo	<i>Charybdis hellerii</i>		Briozoário	<i>Crisia sp</i>		Crustáceo	<i>Elasmopus sp</i>	
Bryozoa	<i>Cheilostomata sp</i>		Crustáceo	<i>Cronius ruber</i>		Cnidário	<i>Elisella sp</i>	
Gastrópode	<i>Chicoreus brevifrons</i>		Crustáceo	<i>Cronius tumidulus</i>		Gastrópode	<i>Emarginula tuberculosa</i>	
Gastrópode	<i>Chicoreus senegalensis</i>		Crustáceo	<i>Cryptopodia concava</i>		Crustáceo	<i>Emerita sp</i>	
Gastrópode	<i>Chicoreus sp</i>		Crustáceo	<i>Cryptodromiopsis antillensis</i>		Crustáceo	<i>Emerita brasiliensis</i>	Tatuí
Gastrópode	<i>Chicoreus tenuivaricosus</i>		Gastrópode	<i>Chrysallida gemmulosa</i>		Equinodermo	<i>Encope sp</i>	Bolacha da praia
Bivalve	<i>Chione cancellata</i>		Bivalve	<i>Ctena orbiculata</i>		Arthropoda	<i>Endeis sp</i>	
Bivalve	<i>Chione intapurpurea</i>		Briozoário	<i>Ctenostomata sp</i>		Gastrópode	<i>Engina turbinella</i>	
Bivalve	<i>Chione latilirata</i>		Crustáceo	<i>Cumacea sp</i>		Equinodermo	<i>Enoplopatiria stellifera</i>	Estrela-do-mar
Bivalve	<i>Chione paphia</i>		Bryozoa	<i>Cupuladria canariensis</i>		Crustáceo	<i>Enoplometopus antiliensis</i>	Lagosta-de-pinças
Bivalve	<i>Chione pectorina</i>		Bivalve	<i>Cyclinella tenuis</i>		Bivalve	<i>Entodesma beana</i>	
Bivalve	<i>Chione pubera</i>		Bryozoa	<i>Cyclocolposa sp</i>		Crustáceo	<i>Epialtus bituberculatus</i>	
Bivalve	<i>Chione sp</i>		Crustáceo	<i>Cyclodorippe angulata</i>		Crustáceo	<i>Epialtus brasiliensis</i>	
Bivalve	<i>Chione subrostrata</i>		Crustáceo	<i>Cyclöes bairdii</i>		Crustáceo	<i>Epialtus sp</i>	Caranguejo-aranha
Equinodermo	<i>Chiridota rotifera</i>	Rotífero	Gastrópode	<i>Cyclostremiscus sp</i>		crustáceo	<i>Epialtoides rostratus</i>	
Moluscos poliplacóforos	<i>Chiton sp</i>	Quíton	Crsutáceo	<i>Cyclograpsus integer</i>		Poliqueta	<i>Epidiopatra sp</i>	
Bivalve	<i>Chlamys ornata</i>		Gastrópode	<i>Cylichna alba</i>		Gastrópode	<i>Epitonium celesti</i>	
Bivalve	<i>Chlamys sentis</i>		Gastrópode	<i>Cylindriscala sp</i>		Gastrópode	<i>Epitonium novangliae</i>	
Bivalve	<i>Chlamys sp</i>		Crustáceo	<i>Cymadusa sp</i>		Gastrópode	<i>Epitonium sp</i>	
Bivalve	<i>Chlamys tehuelchus</i>	Bivalve	Gastrópode	<i>Cymatium caribaeum</i>		Gastrópode	<i>Erato maugeri</i>	
Gastrópode	<i>Chrysallida gemulosa</i>		Gastropode	<i>Cymatium parthenopeum</i>	Lesma do mar com concha	Crustáceo	<i>Ergasilus euripedesi</i>	
Gastrópode	<i>Chrysallida jadisi</i>		Gastrópode	<i>Cymatium parthenopeum parthenopeum</i>		Crustáceo	<i>Erichsonella sp</i>	Siri-pintado
Crustáceo	<i>Chthamalus bisinuatus</i>	Craca	Gastrópode	<i>Cymatium pileare</i>		Crustáceo	<i>Eriphia gonagra</i>	
Crustáceo	<i>Chthamalus sp</i>	Craca	Gastrópode	<i>Cymatium sp</i>		Crustáceo	<i>Eriphia sp</i>	
Crustáceo	<i>Chthamalus stellatus</i>	Craca	Crustáceo	<i>Cymodocella guarapariensis</i>		Bivalve	<i>Erodona mactroides</i>	
Porífero	<i>Cinachyra apion</i>	Esponja amarela	Crustáceo	<i>Cymonomus guillei</i>		Bivalve	<i>Erodona sp</i>	
Crustáceo	<i>Cinetorhynchus rigens</i>	Camarão-bailarino, Camarão-malhado	Crustáceo	<i>Cymonomus magnirostris</i>		Bivalve	<i>Ervilia concentrica</i>	
Poliqueta	<i>Cirratulus sp</i>		Crustáceo	<i>Cymonomoides guinotae</i>		Poliqueta	<i>Eteone sp</i>	
Poliqueta	<i>Cirratulus filiformes</i>		Porífero	<i>Cynachyra sp</i>	Esponja laranja	Crustáceo	<i>Ethusa americana</i>	
Poliqueta	<i>Cirriformia punctata</i>		Gastrópode	<i>Cyphoma sp</i>		Equinoderma	<i>Euclidaris tribuloides</i>	Ouriço satélite
Poliqueta	<i>Cirriformia sp</i>		Gastrópode	<i>Cyphoma signatum</i>		Crustáceo	<i>Eucratopsis crassimanus</i>	
Poliqueta	<i>Cirriformia tentaculata</i>		Gastrópode	<i>Cypraea sp</i>		Gastrópode	<i>Eulima bifasciata</i>	
Crustáceo	<i>Cirripedia sp</i>		Gastrópode	<i>Cypraea spurca acicularis</i>		Gastrópode	<i>Eulima mulata</i>	
Gastrópode	<i>Clibanarius sp</i>	Caranguejo ermitão	Gastropode	<i>Cypraea zebra</i>		Poliqueta	<i>Eunice rubra</i>	
Gastrópode	<i>Clibanarius vittatus</i>	Paguro	Bivalve	<i>Cyrtopleura costata</i>		Poliqueta	<i>Eunice sp</i>	
Gastrópode	<i>Clihanarius salopetarius</i>		Bivalve	<i>Cyrtopleura lanceolata</i>		Crustáceo	<i>Euprognatha acuta</i>	
Crustáceo	<i>Cloridopsis dúbia</i>	Tamburutaca	Bivalve	<i>Cyrtopleura sp</i>		Crustáceo	<i>Euprognatha gracilipes</i>	
crustáceo	<i>Clythrocerus carinatus</i>		Crustáceo	<i>Cyrtoplax spinidentata</i>		Poliqueta	<i>Euniphysa sp</i>	
Gastrópode	<i>Cocculina beani</i>		Gastrópode	<i>Dardanus venosus</i>		Crustáceo	<i>Euraphia rhizophorae</i>	Craca, Craca do mangue
Gastrópode	<i>Cocculina sp</i>		Molusco Scaphopoda	<i>Dentalium laqueatum</i>		Crustáceo	<i>Eurypanopeus abbreviatus</i>	
Gastropode	<i>Cochlorina navicula</i>		Molusco Scaphopoda	<i>Dentalium sp</i>	Dentálio	Crustáceo	<i>Eurypanopeus dissimilis</i>	
Equinordemo	<i>Cocinasteria tenuispina</i>	Asteroidea	crustáceo	<i>Deilocerus analogus</i>		Crustáceo	<i>Euryplax nitida</i>	
Bivalve	<i>Codakia costata</i>		crustáceo	<i>Deilocerus perpusillus</i>		Poliqueta	<i>Eurythoe complanata</i>	Minhocuçu
Bivalve	<i>Codakia orbicularis</i>		Equinodermo	<i>Diamphiodia riisei</i>		Poliqueta	<i>Eurythoe sp</i>	
Bivalve	<i>Codakia sp</i>		Chordata	<i>Didemnum sp</i>	Serpente do mar	Crustáceo	<i>Eurytium limosum</i>	
Gastrópode	<i>Collisella subrugosa</i>		Chordata	<i>Didemnum granulatum</i>	Ascídia	Poliqueta	<i>Eusyllis sp</i>	Caranguejo
Gastrópode	<i>Collisella abrolhosensis</i>		Chordata	<i>Didemnum speciosum</i>	Ascídia	Equinodermo	<i>Euthyonidiella dentata</i>	
Gastrópode	<i>Collisella marcusii</i>		Chordata	<i>Didimnum speciosum</i>	Ascídia	Bivalve	<i>Euvola ziczac</i>	Vieira
Gastrópode	<i>Collisella noronhensis</i>		Chordata	<i>Didemnum vanderhorst</i>	Ascídia	Poliqueta	<i>Euzonus sp</i>	
Gastrópode	<i>Collisella sp</i>		Gastrópode	<i>Diodora cayenensis</i>		Crustáceo	<i>Excirolana sp</i>	
Crustáceo	<i>Collodes armatus</i>		Gastrópode	<i>Diodora dysoni</i>		Poliqueta	<i>Exogone africana</i>	
Crustáceo	<i>Collodes inermis</i>		Gastrópode	<i>Diodora sayi</i>		Poliqueta	<i>Exogone breviantennata</i>	
Crustáceo	<i>Collodes rostratus</i>		Gastrópode	<i>Diodora sp</i>		Poliqueta	<i>Exogone dispar</i>	
Gastrópode	<i>Columbella mercatoria</i>		Poliqueta	<i>Diopatra cuprea</i>		Poliqueta	<i>Exogone heterosetosa</i>	
Porífero	<i>Condrosia reniformis</i>	Esponja-de-vidro	Poliqueta	<i>Diopatra sp</i>		Poliqueta	<i>Exogone sp</i>	
Cnidário	<i>Condyclactis gigantea</i>	Anêmona-gigante	Bivalve	<i>Diplodon besckeanus</i>		Crustáceo	<i>Farfantepenaeus brasiliensis</i>	Camarão-rosa
Cnidário	<i>Condylactis passiflora</i>	Anêmona passiflora	Bivalve	<i>Diplodonta sp</i>		Crustáceo	<i>Farfantepenaeus paulensis</i>	Camarão-rosa
Gastrópode	<i>Conus sp</i>		Crustáceo	<i>Discerceis cf. linguicauda</i>		Crustáceo	<i>Farfantepenaeus subtilis</i>	Camarão-rosa
Bivalve	<i>Cooperella atlantica</i>		Gastrópode	<i>Discodoris evelinae</i>		Cnidário	<i>Favia gravida</i>	Coral
Bivalve	<i>Corbula caribaea</i>		Cnidário	<i>Discosoma carlgreni</i>		Gastrópode	<i>Fissurella clenchi</i>	
Bivalve	<i>Corbula cubaniana</i>		Crustáceo	<i>Discosoma sanctihomeae</i>		Gastrópode	<i>Fissurella rosea</i>	
Bivalve	<i>Corbula dietziana</i>		Dissodactylus crinitichelis			Fissurella sp		
Bivalve	<i>Corbula lyoni</i>		Divaricella quadrisulcata			Crustáceo	<i>Fistulobalanus citerosum</i>	Cracas
Bivalve	<i>Corbula patagonica</i>		Divaricella sp			Gastrópode	<i>Fusinus brasiliensis</i>	
Bivalve	<i>Corbula sp</i>		Donax denticulatus			Gastrópode	<i>Fusinus sp</i>	
Bivalve	<i>Corbula tryoni</i>		Donax hanleyanus			Gastrópode	<i>Fusiturricula taurina</i>	
Crustáceo	<i>Coryrhynchus algicola</i>	Caranguejo	Donax sp			Crustáceo	<i>Gammarus sp</i>	Crustacea
Equinodermo	<i>Coscinasterias tenuispina</i>	Estrela-do-mar	Dosinia concentrica			Crustáceo	<i>Garthiope barbadensis</i>	
Bivalve	<i>Carditamera plata</i>		Drilonereis sp			Crustáceo	<i>Garthiope spinipes</i>	
Bivalve	<i>Crassatella riograndensis</i>		Duasmodactyla seguroensis			Poliqueta	<i>Glycera sp</i>	
Bivalve	<i>Crassinella lunulata</i>		Dynamenella cf. acutitelson			Poliqueta	<i>Glycinde multident</i>	
Bivalve	<i>Crassinella martinicensis</i>		Dynamenella tropica			Bivalve	<i>Glycymeris longior</i>	
Bivalve	<i>Crassinella sp</i>		Ebalia stimpsoni			Bivalve	<i>Glycymeris sp</i>	
Bivalve	<i>Crassostrea brasiliانا</i>	Ostra, ostra-do-mangue	Echinaster brasiliensis		Estrela-do-mar	Bivalve	<i>Glycymeris undata</i>	
Bivalve	<i>Crassostrea gigas</i>	Ostra do Pacífico	Echinaster echinophorus		Estrela-do-mar	Crustáceo	<i>Glyptoxanthus vermiculatus</i>	
Bivalve	<i>Crassostrea rhizophorae</i>	Ostra de mangue-vermelho	Echinaster guyanensis			Poliqueta	<i>Goniada sp</i>	
Bivalve	<i>Crassostrea sp</i>	Ostra	Echinaster sp			Crustáceo	<i>Goniopsis cruentata</i>	Aratú, Aratú-vermelho
Bivalve	<i>Crenella divaricata</i>		Echinochama arcinella			Crustáceo	<i>Gonodactylus sp</i>	
Gastrópode	<i>Crepidula aculeata</i>		Echinometra lucunter			Bivalve	<i>Gouldia cerina</i>	
Gastrópode	<i>Crepidula centralis</i>		Echinometra sp		Ouriço preto, Ouriço-do-mar	Crustáceo	<i>Grapsus grapsus</i>	

Sub-grupo	Nome Científico	Nome Comum	Sub-grupo	Nome Científico	Nome Comum	Sub-grupo	Nome Científico	Nome Comum
Bivalve	<i>Gregariella coralliophaga</i>	Esponja	Crustáceo	<i>Leptochelia</i> sp	Barata-do-mar, Baratinha do mar	Poliqueta	<i>Marphysa</i> sp	Coral
Poliqueta	<i>Grubeulepsis</i> sp		Moluscos polioplacóforos	<i>Leptochiton darioi</i>		Cnidário	<i>Meandrina brasiliensis</i>	
Porífero	<i>Halichondria magniconulosa</i>	Esponja	Moluscos polioplacóforos	<i>Leptochiton</i> sp	Bivalve	Poliqueta	<i>Mediomastus</i> sp	Caramujo do mangue
Porífero	<i>Halichondria</i> sp		Cnidário	<i>Leptogorgia</i> sp		Crustáceo	<i>Megabalanus coccopoma</i>	
Porífero	<i>Haliclona erina</i>	Serpente do mar	Bivalve	<i>Leptopecten bavayi</i>	Camarão, Camarão-branco	Gastrópode	<i>Megalobulimus ovatus</i>	Caramujo
Porífero	<i>Haliclona</i> sp		Crustáceo	<i>Leptopisa setirostris</i>		Gastrópode	<i>Melampus coffeus</i>	
Poliqueta	<i>Halosydnella sp</i>	Serpente do mar	Gastrópode	<i>Leucozonia</i> sp	Coral	Gastrópode	<i>Melanella conoidea</i>	Caranguejo
Poliqueta	<i>Halosydnella brasiliensis</i>		Gastrópode	<i>Leucozonia nassa</i>		Gastrópode	<i>Melanella intermedia</i>	
Gastrópode	<i>Haminoea petiti</i>	Serpente do mar	Gastrópode	<i>Leucozonia ocellata</i>	Coral	Gastrópode	<i>Melanella</i> sp	Caranguejinho
Gastrópode	<i>Haminoea</i> sp		Gastrópode	<i>Leucozonia</i> sp		Gastrópode	<i>Mellampus coffeus</i>	
Poliqueta	<i>Haplosyllis spongicola</i>	Serpente do mar	Crustáceo	<i>Libinia ferreirae</i>	Ameixa	Crustáceo	<i>Melybia thalamita</i>	Caranguejo
Poliqueta	<i>Harmothoe</i> sp		Crustáceo	<i>Libinia</i> sp		Echinodermo	<i>Mellita quinquiesperforata</i>	Caranguejo
Gastrópode	<i>Hastula cinerea</i>	Serpente do mar	Crustáceo	<i>Libinia spinosa</i>	Coral	Echinodermo	<i>Mellita sexiesperforata</i>	
Gastrópode	<i>Hastula salleana</i>		Crustáceo	<i>Licina pectinalis</i>	Coral	Crustáceo	<i>Menippe nodifrons</i>	Caranguejo
Gastrópode	<i>Hastula</i> sp	Serpente do mar	Crustáceo	<i>Ligia oceanica</i>		Equinodermo	<i>Meoma ventricosa ventricosa</i>	
Gastrópode	<i>Heleobia australis</i>	Serpente do mar	Crustáceo	<i>Ligia</i> sp	Coral	Crustáceo	<i>Mesanthura</i> sp	Caranguejinho
Gastrópode	<i>Heliacus bisulcatus</i>		Bivalve	<i>Lima escabra</i>		Crustáceo	<i>Mesorhoea sexspinosa</i>	
Gastrópode	<i>Heliacus perrieri</i>	Serpente do mar	Bivalve	<i>Lima lima</i>	Coral	Crustáceo	<i>Metamysidopsis elongata atlantica</i>	Caranguejinho
Gastrópode	<i>Helicina variabilis</i>		Bivalve	<i>Limaria inflata</i>		Crustáceo	<i>Metamysidopsis munda</i>	
Echinodermo	<i>Hemipholis elongata</i>	Serpente do mar	Bivalve	<i>Limaria thryptica</i>	Coral	Crustáceo	<i>Metamysidopsis swifti</i>	Caranguejinho
Gastrópode	<i>Hemitoma octoradiata</i>		Equinodermo	<i>Linckia guildingii</i>		Crustáceo	<i>Metasesarma rubripes</i>	
Crustáceo	<i>Hemus cristulipes</i>	Serpente do mar	Crustáceo	<i>Litopanaeus schmitti</i>	Coral	Crustáceo	<i>Metoporphaphis calcarata</i>	Caranguejinho
Crustáceo	<i>Hepatus gronovii</i>		Crustáceo	<i>Lithadia brasiliensis</i>	Coral	Crustáceo	<i>Microlissa brasiliensis</i>	
Crustáceo	<i>Hepatus pudibundus</i>	Serpente do mar	Crustáceo	<i>Lithadia conica</i>		Crustáceo	<i>Micropanope nuttingi</i>	Caranguejo
Crustáceo	<i>Hepatus scaber</i>		Gastrópode	<i>Littorina ziczac</i>	Coral	Crustáceo	<i>Micropanope sculptipes</i>	
Poliqueta	<i>Hermodice carunculata</i>	Serpente do mar	Gastrópode	<i>Littorina angulifera</i>		Equinodermo	<i>Micropholis atra</i>	Caranguejo
Poliqueta	<i>Hesione</i> sp		Gastrópode	<i>Littorina flava</i>	Coral	Equinodermo	<i>Micropholis</i> sp	
Crustáceo	<i>Heterocrypta granulata</i>	Serpente do mar	Gastrópode	<i>Littorina lineolata</i>		Crustáceo	<i>Microphrys antillensis</i>	Caranguejo
Crustáceo	<i>Heterocrypta lapidea</i>		Gastrópode	<i>Littorina nebulosa</i>	Coral	Crustáceo	<i>Microphrys bicomutus</i>	
Crustáceo	<i>Heterocrypta tommasii</i>	Serpente do mar	Gastrópode	<i>Littorina scabra</i>		Crustáceo	<i>Microphrys</i> sp	Caranguejo
Bivalve	<i>Heterodonax bimaculata</i>		Gastrópode	<i>Littorina</i> sp	Coral	Crustáceo	<i>Microphrys garthi</i>	
Poliqueta	<i>Heteromastus filiformis</i>	Serpente do mar	Crustáceo	<i>Lophogorgia punicea</i>		Crustáceo	<i>Millepora alcornis</i>	Caranguejo
Cnidário	<i>Heterogorgia</i> sp		Cnidário	<i>Lophogorgia violacea</i>	Coral	Cnidário	<i>Millepora braziliensis</i>	
Cnidário	<i>Heterogorgia uatumani</i>	Serpente do mar	Crustáceo	<i>Loxopagurus toxoahelis</i>		Gastropode	<i>Miralda robertsoni</i>	Caranguejo
Crustáceo	<i>Hexapanopeus angustifrons</i>		Gastrópode	<i>Lucapina aegis</i>	Coral	Crustáceo	<i>Mithrax braziliensis</i>	
Crustáceo	<i>Hexapanopeus caribbaeus</i>	Serpente do mar	Gastrópode	<i>Lucapinella henseli</i>		Crustáceo	<i>Mithrax caribbaeus</i>	Caranguejo
Crustáceo	<i>Hexapanopeus paulensis</i>		Gastrópode	<i>Lucapinella limatula</i>	Coral	Crustáceo	<i>Mithrax hemphilli</i>	
Crustáceo	<i>Hexapanopeus schmitti</i>	Serpente do mar	Crustáceo	<i>Lucifer</i> sp		Crustáceo	<i>Mithrax hispidus</i>	Caranguejo
Cnidário	<i>Hidrozoa</i> sp		Bivalve	<i>Lucina blanda</i>	Coral	Crustáceo	<i>Mithrax tortugae</i>	
Poliqueta	<i>Hipponoa</i> sp	Serpente do mar	Bivalve	<i>Lucina pectinata</i>		Crustáceo	<i>Mithraculus coryphe</i>	Caranguejo
Equinodermo	<i>Holothuria arenicola</i>		Lucina	<i>Lucina</i> sp	Coral	Crustáceo	<i>Mithraculus forceps</i>	
Equinodermo	<i>Holothuria grisea</i>	Serpente do mar	Equinodermo	<i>Ludwigothuria grisea</i>		Crustáceo	<i>Mitrella albovittata</i>	Caranguejo
Equinodermo	<i>Holothuria</i> sp		Poliqueta	<i>Lumbrineris</i> sp	Coral	Gastrópode	<i>Mitrella argus</i>	
Cnidário	<i>Homostichantus duerdeni</i>	Serpente do mar	Poliqueta	<i>Lumbrineriops</i> sp		Gastrópode	<i>Mitrella dichroa</i>	Caranguejo
Crustáceo	<i>Hoplometopus antillensis</i>		Poliqueta	<i>Lumbrineris tetraura</i>	Coral	Gastrópode	<i>Mitrella lunata</i>	
Crustáceo	<i>Hyale media</i>	Serpente do mar	Bivalve	<i>Lunarca ovalis</i>		Gastrópode	<i>Mitrella ocellata</i>	Caranguejo
Crustáceo	<i>Hyale nigra</i>		Equinodermo	<i>Luidia</i> sp	Coral	Gastrópode	<i>Mitrella</i> sp	
Crustáceo	<i>Hyale</i> sp	Serpente do mar	Crustáceo	<i>Ligia exotica</i>		Crustáceo	<i>Mocoso crebripunctata</i>	Caranguejo
Bivalve	<i>Hiatella arctica</i>		Crustáceo	<i>Ligia oceanica</i>	Coral	Bivalve	<i>Modiolus</i> sp	
Crustáceo	<i>Hypoconcha arcuata</i>	Serpente do mar	Crustáceo	<i>Ligia</i> sp		Gastrópode	<i>Modulus modulus</i>	Caranguejo
Crustáceo	<i>Hypoconcha parasitica</i>		Bivalve	<i>Lyropecten nodosus</i>	Coral	Poliqueta	<i>Montecellina</i> sp	
Poliqueta	<i>Hypsicomus</i> sp	Serpente do mar	Poliqueta	<i>Lysidice</i> sp		Gastrópode	<i>Morula nodulosa</i>	Caranguejo
Crustáceo	<i>Iliacantha intermedia</i>		Crustáceo	<i>Lysiosquilla</i> sp	Coral	Gastrópode	<i>Mulinia cleryana</i>	
Crustáceo	<i>Iliacantha sparsa</i>	Serpente do mar	Crustáceo	<i>Lysiosquilla scabricauda</i>		Gastrópode	<i>Murexiella glypta</i>	Caranguejo
Crustáceo	<i>Inachoides forceps</i>		Crustáceo	<i>Lysmata grabhami</i>	Coral	Cnidário	<i>Muricea atlantica</i>	
Bivalve	<i>Iphigenia brasiliiana</i>	Serpente do mar	Crustáceo	<i>Lysmata wurdemanni</i>		Gastrópode	<i>Muriceopsis sulphurea</i>	Caranguejo
Moluscos polioplacóforos	<i>Ischnochiton lopesi</i>		Echinodermo	<i>Lythechinus variegatus</i>	Coral	Gastrópode	<i>Muricopsis necocheanus</i>	
Moluscos polioplacóforos	<i>Ischnochiton pectinatus</i>	Serpente do mar	Bivalve	<i>Macoma constricta</i>		Gastrópode	<i>Muricopsis oxossi</i>	Caranguejo
Moluscos polioplacóforos	<i>Ischnochiton pruinus</i>		Bivalve	<i>Macoma tenta</i>	Coral	Bivalve	<i>Musculus lateralis</i>	
Moluscos polioplacóforos	<i>Ischnochiton roseus</i>	Serpente do mar	Crustáceo	<i>Macrobrachium acanthurus</i>		Bivalve	<i>Musculus viotor</i>	Caranguejo
Moluscos polioplacóforos	<i>Ischnochiton</i> sp		Crustáceo	<i>Macrobrachium carcinus</i>	Coral	Cnidário	<i>Mussismilia brasiliensis</i>	
Moluscos polioplacóforos	<i>Ischnochiton striolatus</i>	Serpente do mar	Crustáceo	<i>Macrobrachium iheringi</i>		Cnidário	<i>Mussismilia hartti</i>	Caranguejo
Crustáceo	<i>Isocheles sawayai</i>		Crustáceo	<i>Macrobrachium jelskii</i>	Coral	Cnidário	<i>Mussismilia hispida</i>	
Bivalve	<i>Isognomon alatus</i>	Serpente do mar	Crustáceo	<i>Macrobrachium olfersii</i>		Cnidário	<i>Mussismilia ssp</i>	Caranguejo
Bivalve	<i>Isognomon bicolor</i>		Crustáceo	<i>Macrobrachium holthuisi</i>	Coral	Porífera	<i>Mycale angulosa</i>	
Poliqueta	<i>Isolda pulchella</i>	Serpente do mar	Crustáceo	<i>Macrobrachium rosenbergii</i>		Crustáceo	<i>Mycrophris</i> sp	Caranguejo
Crustáceo	<i>Isopoda</i> sp		Crustáceo	<i>Macrobrachium potiuna</i>	Coral	Poliqueta	<i>Myrianida</i> cf. <i>prolifer</i>	
Equinodermo	<i>Isostichopus badionotus</i>	Serpente do mar	Crustáceo	<i>Macrobrachium</i> sp		Poliqueta	<i>Myriowenia</i> sp	Caranguejo
Poliqueta	<i>Jasmineira</i> sp		Crustáceo	<i>Macrocoeloma eutheca</i>	Coral	Crustáceo	<i>Mysidium</i> sp	
Crustáceo	<i>Jassa</i> sp	Serpente do mar	Crustáceo	<i>Macrocoeloma subparallelum</i>		Crustáceo	<i>Mysidopsis</i> sp	Caranguejo
Crustáceo	<i>Justitia longimanus</i>		Crustáceo	<i>Macrocoeloma trispinosum</i>	Coral	Crustáceo	<i>Mysdopsis juniae</i>	
Gastrópode	<i>Kurtziella</i> sp	Serpente do mar	Crustáceo	<i>Macrocallista maculata</i>		Bivalve	<i>Mytella falcata</i>	Caranguejo
Poliqueta	<i>Laeonereis</i> sp		Bivalve	<i>Macra alata</i>	Coral	Bivalve	<i>Mytella guyanensis</i>	
Bivalve	<i>Laevicardium brasilianum</i>	Serpente do mar	Bivalve	<i>Macra fragilis</i>		Bivalve	<i>Mytella</i> sp	Caranguejo
Bivalve	<i>Laevicardium laevigatum</i>		Bivalve	<i>Macra iheringi</i>	Coral	Bivalve	<i>Mytella charruana</i>	
Bivalve	<i>Laevicardium pictum</i>	Serpente do mar	Bivalve	<i>Macra isabelleana</i>		Poliqueta	<i>Naineris</i> sp	Caranguejo
Bivalve	<i>Laevicardium</i> sp		Bivalve	<i>Macra janeiroensis</i>	Coral	Poliqueta	<i>Namalcystis abiuma</i>	
Poliqueta	<i>Lagis</i> sp	Serpente do mar	Bivalve	<i>Macra petiti</i>		Crustáceo	<i>Nanoplax xanthiformis</i>	Caranguejo
Crustáceo	<i>Laleonectes vocans</i>		Bivalve	<i>Macra</i> sp	Coral	Equinodermo	<i>Narcissia trigonaria</i>	
Bivalve	<i>Lasaea adasoni</i>	Serpente do mar	Bivalve	<i>Macrellona alata</i>		Gastrópode	<i>Nassarina minor</i>	Caranguejo
Crustáceo	<i>Leiolambrus nitidus</i>		Poliqueta	<i>Magelona</i> sp	Coral	Gastrópode	<i>Nassarius albus</i>	
Poliqueta	<i>Lepidonotus caeruleus</i>	Serpente do mar	Poliqueta	<i>Malmgrenia</i> sp		Gastrópode	<i>Nassarius karinae</i>	Caranguejo
Poliqueta	<i>Lepidonotus</i> sp		Ectoprocta	<i>Mamillipora cupula</i>	Coral	Gastropode	<i>Nassarius nanus</i>	
Crustáceo	<i>Lepidopa</i> sp	Serpente do mar	Gastrópode	<i>Mangelia fusca</i>		Gastrópode	<i>Nassarius polygonatus</i>	Caranguejo
Crustáceo	<i>Leptochilia</i> sp		Gastrópode	<i>Mangelia</i> sp		Gastrópode	<i>Nassarius</i> sp	

Sub-grupo	Nome Científico	Nome Comum
Gastrópode	<i>Nassarius vibex</i>	
Crustáceo	<i>Natantia</i> sp	
Gastrópode	<i>Natica cayenensis</i>	
Gastrópode	<i>Natica conrena</i>	
Gastrópode	<i>Natica limbata</i>	
Gastrópode	<i>Natica livida</i>	
Gastrópode	<i>Natica marochensis</i>	
Gastrópode	<i>Natica micra</i>	
Gastrópode	<i>Natica</i> sp	
Poliqueta	<i>Neanthes</i> cf. <i>ceciliae</i>	
Poliqueta	<i>Neanthes</i> sp	
Nematoda	<i>Nematoda</i> sp	
Poliqueta	<i>Nematonereis</i> sp	
Crustáceo	<i>Nematopalaemon schmitti</i>	Camarão
Crustáceo	<i>Nemausa acuticornis</i>	
Nemertinea	<i>Nemertinea</i> sp	
Crustáceo	<i>Neocorycodus stimpsoni</i>	
Cnidário	<i>Neogoniolithon</i> sp	
Crustáceo	<i>Neopilumnoplax americana</i>	
Bivalve	<i>Neoteredo reynei</i>	Molusco
Bivalve	<i>Neoteredo</i> sp	
Crustáceo	<i>Nephrops</i> sp	Lagosta inseto
Crustáceo	<i>Nephropsis aculeata</i>	Lagosta
Poliqueta	<i>Nereis</i> cf. <i>broa</i>	
Poliqueta	<i>Nereis</i> cf. <i>falcaria</i>	
Poliqueta	<i>Nereis oligohalina</i>	
Poliqueta	<i>Nereis</i> sp	
Gastrópode	<i>Nerita ascensionis</i>	
Gastrópode	<i>Nerita fulgurans</i>	caramujo
Gastrópode	<i>Nerita</i> sp	
Gastrópode	<i>Nerita tessellata</i>	
Gastrópode	<i>Neritina reclivata</i>	
Gastrópode	<i>Neritina</i> sp	
Gastrópode	<i>Neritina virginea</i>	
Gastrópode	<i>Neritina zebra</i>	Aruã do mangue
Poliqueta	<i>Nicolea</i> sp	
Poliqueta	<i>Nicolea uspiana</i>	
Poliqueta	<i>Nicon</i> sp	
Poliqueta	<i>Ninoe</i> sp	
Gastrópode	<i>Nodilittorina flava</i>	
Gastrópode	<i>Nodilittorina lineolata</i>	
Gastrópode	<i>Nodilittorina ziczac</i>	
Bivalve	<i>Nodipecten nodosus</i>	
Bivalve	<i>Noetia bisulcata</i>	
Bivalve	<i>Noetia</i> sp	
crustáceo	<i>Notolopas brasiliensis</i>	Caranguejo
Poliqueta	<i>Notomastus lobatus</i>	
Bivalve	<i>Nucula puelcha</i>	
Bivalve	<i>Nucula semiornata</i>	
Bivalve	<i>Nucula</i> sp	
Bivalve	<i>Nuculana acuta</i>	
Bivalve	<i>Nuculana</i> sp	
Cefalópode	<i>Octopus vulgaris</i>	
Crustáceo	<i>Ocylope quadrata</i>	Polvo comum
Poliqueta	<i>Odontosyllis</i> cf. <i>guillermoi</i>	Guruçá, Guaruça, Grauçã
Poliqueta	<i>Odontosyllis</i> sp	
Gastrópode	<i>Odostomia laevigata</i>	
Gastrópode	<i>Odostomia ovalis</i>	
Gastrópode	<i>Odostomia seminuda</i>	
Gastrópode	<i>Odostomia</i> sp	
Crustáceo	<i>Ogyrides</i> sp	
Cnidário	<i>Olindagorgia marcgravi</i>	
Gastrópode	<i>Olivancillaria</i> sp	
Gastrópode	<i>Oliva circinata</i>	
Gastrópode	<i>Oliva reticularis</i>	
Gastrópode	<i>Olivancillaria uratai</i>	
Gastrópode	<i>Olivancillaria vesica</i>	
Gastrópode	<i>Olivancillaria vesica vesica</i>	
Gastrópode	<i>Olivella floralia</i>	
Gastrópode	<i>Olivella minuta</i>	
Gastrópode	<i>Olivella nivea</i>	
Gastrópode	<i>Olivella plata</i>	
Gastrópode	<i>Olivella</i> sp	
Gastrópode	<i>Olivella watermani</i>	
Gastrópode	<i>Onchidella indolens</i>	
Poliqueta	<i>Onuphis litoralis</i>	
Poliqueta	<i>Onuphis</i> sp	
Crustáceo	<i>Onychocamptus mohammed</i>	
Gastrópode	<i>Opalia crenata</i>	
Poliqueta	<i>Ophelia</i> sp	
Echinodermo	<i>Ophiactis savignyi</i>	Serpente do mar
Equinodermo	<i>Ophiactis</i> sp	
Equinoderma	<i>Ophiocoma</i> sp	
Echinodermo	<i>Ophioderma appressum</i>	Ofiuro
Echinodermo	<i>Ophioderma cinereum</i>	

Sub-grupo	Nome Científico	Nome Comum
Echinodermo	<i>Ophioderma</i> sp	
Poliqueta	<i>Ophiodromus</i> sp	
Echinodermo	<i>Ophiomisidium</i> sp	
Echinodermo	<i>Ophionereis reticulata</i>	
Echinodermo	<i>Ophiophragmus</i> sp	
Echinodermo	<i>Ophiothrix angulata</i>	
Echinodermo	<i>Ophiothrix</i> sp	
Echinodermo	<i>Ophiurida</i> spp	
Poliqueta	<i>Opistosyllis brunnea</i>	
Poliqueta	<i>Opistosyllis viridis</i>	
Poliqueta	<i>Opistosyllis</i> sp	
Gastrópode	<i>Orania fusulus</i>	
Equinodermo	<i>Oreaster reticulatus</i>	Estrela do mar amarela
Crustáceo	<i>Ostracoda</i> sp	
Bivalve	<i>Ostrea</i> sp	Ostra
Poliqueta	<i>Owenia</i> sp	
Crustáceo	<i>Pachygrapsus transversus</i>	Caranguejo
Crustáceo	<i>Pacyhgrapsus gracilis</i>	
Crustáceo	<i>Pacyhgrapsus</i> sp	Caranguejo
Crustáceo	<i>Paeneus schmitti</i>	Camarão-branco
Crustáceo	<i>Paeneus</i> sp	Camarão-rosa
Crustáceo	<i>Paguristes perplexus</i>	
Crustáceo	<i>Pagurus criniticornis</i>	
Crustáceo	<i>Pagurus cuanensis</i>	Paguro-eremita
Crustáceo	<i>Pagurus leptonyx</i>	
Crustáceo	<i>Palaemon pandaliformis</i>	Camarão
Crustáceo	<i>Palaemonetes</i> sp	
crustáceo	<i>Palicus acutifrons</i>	Caranguejo
crustáceo	<i>Palicus affinis</i>	Caranguejo
crustáceo	<i>Palicus faxoni</i>	Caranguejo
crustáceo	<i>Palicus sica</i>	Caranguejo
Crustáceo	<i>Palinurellus gundlachi</i>	Lagosta
Poliqueta	<i>Palola</i> sp	
Cnidário	<i>Palythoa brasiliensis</i>	
Cnidário	<i>Palythoa caribaeorum</i>	
Cnidário	<i>Palythoa</i> sp	Coral baba-de-boi
Cnidário	<i>Palythoa variabilis</i>	
bivalve	<i>Pandora brasiliensis</i>	
bivalve	<i>Pandora bushiana</i>	
bivalve	<i>Pandora punctata</i>	
bivalve	<i>Pandora</i> sp	
Bivalve	<i>Panopea abbreviata</i>	
Crustáceo	<i>Panopeus americanus</i>	
Crustáceo	<i>Panopeus astrobesus</i>	
Crustáceo	<i>Panopeus bermudensis</i>	
Crustáceo	<i>Panopeus harttii</i>	
Crustáceo	<i>Panopeus lacustris</i>	
Crustáceo	<i>Panopeus occidentalis</i>	
Crustáceo	<i>Panopeus rugosus</i>	
Crustáceo	<i>Panopeus</i> sp	
Poliqueta	<i>Panthalis</i> sp	Caranguejo-dorminhoco
Crustáceo	<i>Panulirus argus</i>	
Crustáceo	<i>Panulirus echinatus</i>	Lagosta-vermelha
Crustáceo	<i>Panulirus laevicauda</i>	Lagosta-sapateira
Crustáceo	<i>Panulirus</i> sp	Lagosta-cabo-verde
Bivalve	<i>Papyridea soleniformis</i>	Lagosta branca, Lagosta legítima
Crustáceo	<i>Paracalanus parvus</i>	
Crustáceo	<i>Paracalanus quasimodo</i>	
Crustáceo	<i>Paracerceis</i> sp	
Crustáceo	<i>Pachycheles monilifer</i>	
Crustáceo	<i>Paractaea rufopunctata nodosa</i>	
Crustáceo	<i>Paradactylopodia</i> sp	
Crustáceo	<i>Parapinnixa hendersoni</i>	
Cnidário	<i>Parazoanthus</i> sp	
Crustáceo	<i>Parribacus antarcticus</i>	
Crustáceo	<i>Parthenope</i>	
Crustáceo	<i>Parthenope</i>	
Crustáceo	<i>Parthenope</i>	
Crustáceo	<i>Parthenope</i>	
Crustáceo	<i>Parthenope</i>	
Gastrópode	<i>Parviturboides interruptus</i>	
Gastrópode	<i>Pazinotus stimpsonii</i>	
Bivalve	<i>Pecten</i> sp	
Bivalve	<i>Pecten ziczac</i>	
Poliqueta	<i>Pectinaria</i> sp	
Gastrópode	<i>Pedipes mirabilis</i>	
Gastrópode	<i>Pedipes unisulcatus</i>	
Crustáceo	<i>Pelia rotunda</i>	
Crustáceo	<i>Penaeus aztecus subtilis</i>	
Crustáceo	<i>Penaeus brasiliensis</i>	
Crustáceo	<i>Penaeus schmitti</i>	Camarão
Crustáceo	<i>Penaeus</i> sp	Camarão
Crustáceo	<i>Penaeus subtilis</i>	Camarão
Crustáceo	<i>Periclimenes pedersoni</i>	
Crustáceo	<i>Periclimenes yucatanicus</i>	

Sub-grupo	Nome Científico	Nome Comum
Poliqueta	<i>Perinereis cultrifera</i>	
Poliqueta	<i>Perinereis ponteni</i>	
Poliqueta	<i>Perinereis</i> sp	
Bivalve	<i>Periploma margaritaceum</i>	
Bivalve	<i>Perna perna</i>	Mexilhão, Sururu, Marisco
Crustáceo	<i>Persephona crinita</i>	
Crustáceo	<i>Persephona lichtensteinii</i>	
Crustáceo	<i>Persephona mediterranea</i>	
Crustáceo	<i>Persephona punctata</i>	
Bivalve	<i>Petricola typica</i>	
Crustáceo	<i>Petrochirus diogenes</i>	Ermitão
Crustáceo	<i>Petrolisthes armatus</i>	
Crustáceo	<i>Petrolisthes</i> sp	
Gastrópode	<i>Phalium gr cicatricosum</i>	Molusco
Gastrópode	<i>Phenacolepas hamillei</i>	
Bivalve	<i>Pholas campechiensis</i>	
Poliqueta	<i>Phragmatopoma lapidosa</i>	
Cnidário	<i>Phyllactis flosculifera</i>	Anêmona-do-mar
Cnidário	<i>Phyllactis</i> sp	
Poliqueta	<i>Phyllochaetopterus</i> sp	
Poliqueta	<i>Phyllodoce</i> sp	
Crustáceo	<i>Phyllognathopus viguieri</i>	
Cnidário	<i>Phyllogorgia dilatata</i>	
Gastrópode	<i>Physa</i> sp	
Crustáceo	<i>Picroceroides tubularis</i>	
Gastrópode	<i>Pilsbryspira albomaculata</i>	
Crustáceo	<i>Pilumnoides coelhoi</i>	
Crustáceo	<i>Pilumnus caribaeus</i>	
Crustáceo	<i>Pilumnus dasypodus</i>	
crustáceo	<i>Pilumnus quoyi</i>	
Crustáceo	<i>Pilumnus reticulatus</i>	
Crustáceo	<i>Pilumnus spinosissimus</i>	
Bivalve	<i>Pinctata imbricata</i>	
Bivalve	<i>Pinna carnea</i>	
crustáceo	<i>Pinnixa aidae</i>	
crustáceo	<i>Pinnixa chaetopterana</i>	
crustáceo	<i>Pinnixa sayana</i>	
crustáceo	<i>Pinnixa</i> sp	Siri-azul
Poliqueta	<i>Pionosyllis</i> sp	
Gastrópode	<i>Pisania pusio</i>	
Gastrópode	<i>Pisania</i> sp	
Gastrópode	<i>Pisidia brasiliensis</i>	
Poliqueta	<i>Pisionidens</i> sp	
Gastrópode	<i>Pista corrientis</i>	
Gastrópode	<i>Pista</i> sp	
Bivalve	<i>Pitar albidus</i>	
Bivalve	<i>Pitar circinatus</i>	
Bivalve	<i>Pitar fulminatus</i>	
Bivalve	<i>Pitar rostratus</i>	
Bivalve	<i>Pitar</i> sp	
Crustáceo	<i>Pitho lherminieri</i>	
Porífero	<i>Plakortis angulospiculatus</i>	
Platelminto	<i>Planaria</i> sp	
Crustáceo	<i>Planes cyaneus</i>	
Poliqueta	<i>Platynereis</i> cf. <i>dumerilii</i>	
Poliqueta	<i>Platynereis</i> sp	
Crustáceo	<i>Platypodiella</i> sp	
Crustáceo	<i>Platypodiella spectabilis</i>	
Gastrópode	<i>Pleuroploca aurantiaca</i>	
Cnidário	<i>Plexaurella grandiflora</i>	
Cnidário	<i>Plexaurella</i> sp	Gorgônia-dedo-de-morto
Bivalve	<i>Plicatula gibbosa</i>	
Poliqueta	<i>Podarke</i> sp	
Crustáceo	<i>Podochela algicola</i>	
Crustáceo	<i>Podochela gracilipes</i>	
Poliqueta	<i>Poecilochaetus</i> sp	
Gastrópode	<i>Poirieria bodarti</i>	
Gastrópode	<i>Polinices hepaticus</i>	
Poliqueta	<i>Polycirrus plumosus</i>	
Poliqueta	<i>Polycirrus</i> sp	
Poliqueta	<i>Polydora</i> sp	
Gastrópode	<i>Polystira coltrorum</i>	
Gastrópode	<i>Pomacea canaliculata</i>	
Crustáceo	<i>Porcellana sayana</i>	
crustáceo	<i>Porcellionides sexfasciatus</i>	Tatuzinho-de-jardim
Cnidário	<i>Porites branneri</i>	Coral
Crustáceo	<i>Portunus anceps</i>	
Crustáceo	<i>Portunus ordwayi</i>	
crustáceo	<i>Portunus spinimanus</i>	
Crustáceo	<i>Portunus ventralis</i>	
Crustáceo	<i>Potimirim potimirim</i>	Camarão-mirim
Poliqueta	<i>Protocirrineris</i> sp	
Bivalve	<i>Protothaca pectorina</i>	
Gastrópode	<i>Prunus fulminata</i>	
Bivalve	<i>Pseudochama radians</i>	

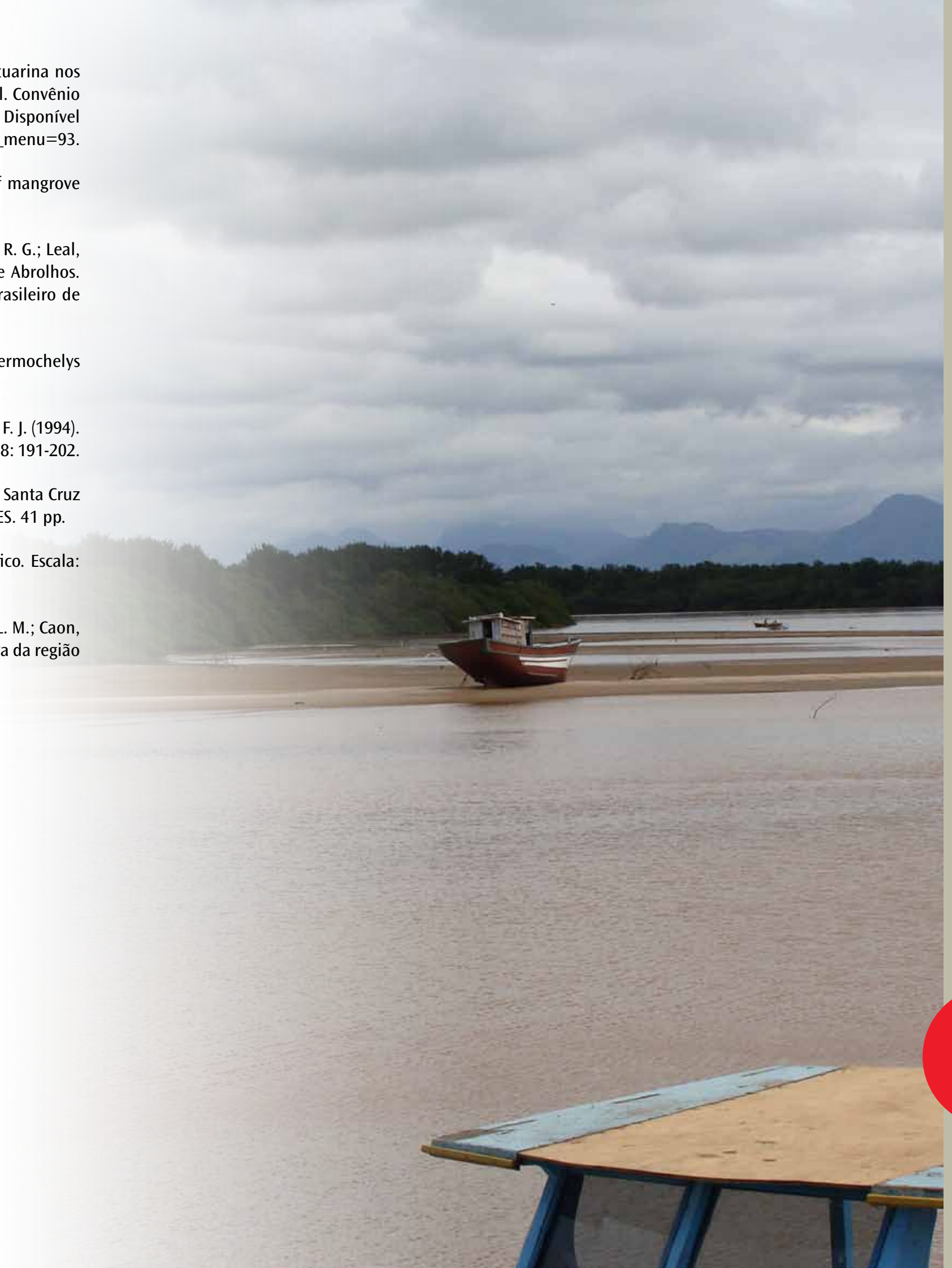
8

Referências bibliográficas

- Albino, J. Processos de Sedimentação Atual e Morfodinâmica das Praias de Bicanga a Povoação, ES (1999). Dissertação (Doutorado em Geologia Sedimentar) – Programa de Pós-Graduação em Geologia Sedimentar, Universidade de São Paulo, 182 pp.
- Almeida, R. (2007). Conservação dos Manguezais Capixabas e sua Importância para a Diversidade Biológica. Ecossistemas Costeiros do Espírito Santo, conservação e restauração. Vitória, EDUFES, v. 1, p. 61-69.
- Atlas dos Ecossistemas do Espírito Santo (2008). Universidade Federal de Viçosa. Vitória, ES. Viçosa, MG. 504 pp.
- Carmona, S.L., Gherardi, D.F.M., Tessler, M.G. (2006). Environmental sensitivity mapping and vulnerability modeling for oil spill response along the São Paulo State coastline. Journal of Coastal Research, SI 39: 1456-1459.
- Carvalho, M. (2003). Mapeamento da sensibilidade ambiental ao impacto por óleo de um segmento da costa entre os Estados do Rio grande do Norte e Ceará utilizando imagens ETM+/Landsat 7 e geoprocessamento. Dissertação de mestrado em Sensoriamento Remoto. Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, São Jose dos Campos, SP, 279 pp.
- CETESB (2002). Derrames de Óleo no mar e os Ecossistemas Costeiros. Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental. Curso de Derrames de Óleo no Mar e Ecossistemas Costeiros. 269 p. São Paulo, 2002.
- Cetto, P. H. (2009). Vales Incisos Quaternários da Plataforma Continental do Espírito Santo – Brasil. Dissertação de Mestrado, Lagamar-UFF, Niterói, RJ., 137p.
- D'Amato, A. F. (1992). Ocorrência de *Lepidochelys olivacea* (Eschscholtz, 1826) (Testudines: Cheloniidae) para o estado do Paraná, Brasil. Acta Biologica Leopoldensia, 14(1): 95-97.
- Dominguez, J. M. L.; Bittencourt, A. C. S. P.; Martin, L. (1981). Esquema evolutivo da sedimentação quaternária nas feições deltaicas dos rios São Francisco (SE/AL), Jequitinhonha (BA), Doce (ES) e Paraíba do Sul (RJ). Revista Brasileira de Geociências, 11(4): 227-237.

- El-Raey, A., Abdel-Kader, A. F., Nasr, S. M., El-Gamily, H. I. (1996). Remote Sensing and GIS for oil spill contingency plan, Ras-Mohammed, Egypt. *International Journal of Remote Sensing*, 17(11): 2013-2026.
- FAO (1990). FAO species catalog. Sea turtles of the world. V. 11, 81 p.
- França, A. M. (1979). Geomorfologia da margem continental leste brasileira e das áreas oceânicas adjacentes. In: PALMA, J.J.C. (ed.)
- Geomorfologia da margem continental brasileira e das áreas oceânicas adjacentes. Projeto REMAC, n.7 Relatório Final, Rio de Janeiro, PETROBRAS – CENPES, DINTEP, p. 89-127.
- Gherardi, D. F. M. ; Cabral, A. P. ; Klein, A. H. F. ; Muehe, D. ; Noernberg, M. A. ; Tessler, M. G. ; Sartor, S. (2008). Mapeamento da Sensibilidade Ambiental ao Óleo da Bacia Marítima de Santos. *Brazilian Journal of Aquatic Science and Technology*, 12: 11-31.
- IPIECA (1996). Sensitivity mapping for oil spill response. International maritime organization/International Petroleum Industry Environmental Conservation Association, London Report Series, V1, 16 pp.
- Jensen, J.R., Ramsey, E.W., Holmes, J.M., Michel, J.E., Savitsky, B., Davis, B.A. (1990). Environmental sensitivity index (ESI) mapping for oil spills using remote sensing and geographic information system technology. *International Journal of Geographic Information System*, 4(2): 181-201.
- Jensen, J.R., Narumalani, S., Weatherbee, O., Murday, M., Sexton, W.J., Green, C.J. (1993). Coastal environmental sensitivity mapping for oil spills in the United Arab Emirates using remote sensing and GIS technology. *Geocarto International*, 2: 5-13.
- Kaiser, M., Attrill, M., Jennings, S., Thomas, D. N., Barnes, D., Brierley, A. (2005). *Marine Ecology: Processes, Systems, and Impacts*. Oxford: Oxford, University Press, 542 pp.
- Kowsmann, R. O.; Costa, M. A. (1979). Sedimentação Quaternária da Margem Continental do Brasil e Áreas Oceânicas Adjacentes – Projeto REMAC – CENPES/PETROBRAS, v.8. 55 pp.
- Leite, N. O.; Martins, A. S.; Araújo, J. N. (2005). Idade e crescimento de peixes recifais na região central da zona econômica exclusiva entre Salvador-BA e o Cabo de São Tomé-RJ. In: Costa, P. A. S.; Martins, A. S.; Olavo, G. (Ed.). *Pesca e potenciais de exploração de recursos vivos na região central da Zona Econômica Exclusiva brasileira*, série livros, Museu Nacional, RJ, p. 203-216.
- Lema, T. (1994). Lista comentada dos répteis ocorrentes no Rio Grande do Sul, Brasil. *Comun. Mus. Ciênc. Tecnol. PUCRS, Sér. Zool.*, Porto Alegre, 7: 41-150.
- Longo, L.L. (1997). Repartição espaço-temporal da cnidofauna em arenito de Praia em Santa Cruz (Aracruz – ES). Dissertação (Mestrado em Zoologia) Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo, 97 pp.
- Lorenzzetti, J. A.; Stech, J. L.; Mello Filho, W. L.; Assireu A. T. (2009). Satellite observation of Brazil Current inshore thermal front in the SW South Atlantic: space/time variability and sea surface temperatures. *Continental Shelf Research*, 29: 2061-2068.
- Luedemann, E. F. (1975). Contribuição ao estudo das correntes de superfície diante da costa leste brasileira (18°;30'S-38°;40'W). São Paulo. *Bol. Inst. Oceanogr.*, São Paulo, 24: 69-84.
- Martin, L.; Suguio, K; Flexor, J.M.; Archanjo, J.D. (1996). Coastal Quaternary formations of the southern part of the state of Espírito Santo (Brazil). *Academia Brasileira de Ciências*, 68(3): 389-404.
- Martins, A. S.; Olavo, G.; Costa, P. A. S. (2005). A pesca de linha de alto mar realizada por frotas sediadas no Espírito Santo, Brasil. In: Costa, P. A. S.; Martins, A. S.; Olavo, G. (Ed.). *Pesca e potenciais de exploração de recursos vivos na região central da Zona Econômica Exclusiva brasileira*, série livros, Museu Nacional, RJ, p. 35-56.
- Martinelli, G. (2006). Manejo de populações e comunidades vegetais: um estudo de caso na conservação de Bromeliaceae. In *Biologia da conservação: essências* (C.F.D. Rocha, H.G. Bergallo, M. Van Sluys & M.A.S. Alves, orgs). Editora Rima, São Carlos, p. 479-503.
- Michel, J. (1998). Environmental sensitivity mapping: a key tool for oil spill contingency planning and response. *Exclusive Economic Zone Technology*, 1: 193-200.
- Michel, J., Hayes, M.O., Brown, P.J. (1978). Application of an oil spill vulnerability index to the shoreline of lower Cook Inlet, Alaska. *Environmental Geology*, 2: 107-117.
- MMA (2007). Atlas de Sensibilidade Ambiental ao Óleo da Bacia Marítima de Santos. Gherardi, D. F. M. e Cabral, A. P. (Coordenadores), Ministério do Meio Ambiente, Brasília, DF, 116 p.
- Muehe, D.; Valentini, E. (1998). O litoral do Estado do Rio de Janeiro – Uma Caracterização Físico-Ambiental. Fundação de Estudos do Mar – FEMAR. Secretaria de Estado de Meio Ambiente do Estado do Rio de Janeiro, 123 pp.
- Musso, C. (1998). Aves Marinhas. Programa de Educação Ambiental. AVIDEPA – Associação Vila-Velhense de Proteção Ambiental.
- Nimer, E. (1989). *Climatologia do Brasil*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE. 2ª Edição. Rio de Janeiro, 421 pp.
- NOAA (1997). Environmental sensitivity index guidelines, version 2.0. NOAA Technical Memorandum NOS ORCA 115. Seattle: Harzadous Materials Response and Assessment Division, National Oceanic and Atmospheric Administration, 79 pp.
- Pereira, O. J.; Araujo, D. S. D. (2000). Análise florística das restingas dos estados do Espírito Santo e Rio de Janeiro. In: ESTEVES, F. A.; LACERDA, L. D. (Ed.). *Ecologia de Restingas e Lagoas Costeiras Macaé: UFRJ/ NUPEM*, p.25-63.
- Pereira, R. C., Soares, A. G. (2002). *Biologia marinha*. Editora Interciência. Rio de Janeiro, 656 pp.
- Pinho, U. F. (2003). Caracterização dos estudos de mar na Bacia de Campos. Dissertação COPPE/UFRJ, Rio de Janeiro, 137 pp.
- Quintana, C. O. (2001). Caracterização das comunidades bentônicas das poças de marés na praia da Estação de Ecologia de Santa Cruz (Aracruz, ES). Monografia de Graduação, Universidade Federal do Espírito Santo. 24 pp.
- Ribeiro, V. M. C. (2003). Subsídios para avaliar as consequências sociais e econômicas das atividades offshore da indústria de Petróleo e Gás Natural. Vitória, ES. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Engenharia Ambiental. UFES, 213 pp.

- SEAP (2005). Relatório técnico sobre o censo estrutural da pesca artesanal marítima e estuarina nos estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Convênio SEAP/IBAMA/PROZEE N° 110/2004 (Processo nº00350.000748/2004-74) Itajaí, 151 pp. Disponível em 25/02/2010 no endereço: http://www.ibama.gov.br/rec_pesqueiros/index.php?id_menu=93.
- Schaeffer-Novelli, Y.; Cintrón-Molero, G.; Adaime, R.R.; Camargo, T.M. (1990). Variability of mangrove ecosystems along the Brazilian coast. *Estuaries* 13(2): 204-218.
- Silveira, I. C. A. da; Ribeiro, E. O.; Lima, J. M. L.; Mattos, R. A.; Fernandes, F. P. A.; Soutelino, R. G.; Leal, C. A. (2005). Caracterização oceanográfica da Baía do Espírito Santo e da região de Abrolhos. In: Congresso Brasileiro de Oceanografia, II, 2005. Vitória, Anais do II Congresso Brasileiro de Oceanografia.
- Soto, J.M.R., Beheregaray, R.C.P., Rebello, R.A.R. de P. (1997). Range extension: nesting by *Dermochelys* and *Caretta* in southern Brazil. *Marine Turtle Newsletter*, 77: 6-7.
- Vieira, R. B. A.; Mendes, M. P.; Vieira, P. E.; Costa, L. A. R.; Tagliari, C. V.; Bacelar, A. P.; Feijó, F. J. (1994). Bacias do Espírito Santo e Mucuri. *Boletim de Geociências da Petrobrás*, Rio de Janeiro, 8: 191-202.
- Weck, M. S. (2000). Macrofauna associada às algas calcárias *Melobesia* (Corallinaceae) em Santa Cruz – ES. Monografia de Especialização, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES. 41 pp.
- Zembrusky, S. G.; Costa, M. A. (1979). Brasil – Margem Continental Sul – Mapa Fisiográfico. Escala: 1/3.500.000. Projeto REMAC – CENPES/PETROBRAS. Vol. 11.
- Zerbini, A. N.; Secchi, E. R.; Bassoi, M.; Rosa L. D.; Higa, A.; Sousa, L.; Moreno, I. B.; Möller, L. M.; Caon, G. (2004). Distribuição e abundância relativa de cetáceos na /zona econômica exclusiva da região sudeste-sul do Brasil, série Documentos Revizee: Score Sul, USP, 40 pp.



EQUIPE TÉCNICA

INPE

COORDENADOR: DOUGLAS FRANCISCO MARCOLINO GHERARDI

PESQUISADORES – LILIAN ANNE KRUG
– EDUARDO DA SILVA GIGLIOTTI
– MARIANA ALTEMBURG SOPPA

FUGRO BRASIL

COORDENADOR – ALEXANDRE P. CABRAL

– FELIPE DA COSTA DIAS
– FLAVIA POZZI PIMENTEL
– PEDRO MARQUES SÃO THIAGO
– FERNANDA HARGREAVES
– EDUARDO LUÍS BAPTISTA
– CRISTIANO FIGUEIREDO LIMA
– VIRGÍNIA SANTOS

UFES

COORDENADORA – JACQUELINE ALBINO

PESQUISADORES – ALEX CARDOSO BASTOS
– CAMILO DIAS JÚNIOR
– GILBERTO FONSECA BARROSO
– MÔNICA MARIA PEREIRA TOGNELLA
– RENATO DAVID GHISOLFI
– VALÉRIA QUARESMA

BOLSISTAS E COLABORADORES – AGUILAR OLIVEIRA SANT'ANNA

– ALEX EVARISTO DA SILVA
– CAIO RIBEIRO PIMENTEL
– CRISTIANE ALVES DA SILVA
– ERICKA BROETTO MARIN
– FADIMA ÁVILA
– GEANDRÉ CARLOS BONI
– LUDMILLA SANTOS
– MARIANA MAGNAGO ALVES
– MAYARA MORAES PASSOS
– NERY CONTTI NETO
– NOIR ROCHA GUIDONI
– PAULO AUGUSTO DA SILVA SANTOS
– PRISCILA BARBOZA GUAITOLINI
– TATIANA PINHEIRO DADALTO

- **NOTA:**
O conteúdo deste Atlas está gravado em formato pdf no dvd que acompanha as cartas impressas nos formatos A0 e A1.
Os dados primários, secundários e os dados gerados a partir do processamento das informações no ArcGIS (®ESRI), incluindo as cartas SAO, podem ser disponibilizados a partir de consulta à Secretaria de Segurança Química do Ministério do Meio Ambiente.